



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

PATERSON FRANCO COSTA

CINEMA EM EXÍLIO:
TRADUÇÃO E POLÍTICA NA BELARUS PÓS-SOVIÉTICA

Salvador
2017

PATERSON FRANCO COSTA

**CINEMA EM EXÍLIO:
TRADUÇÃO E POLÍTICA NA BELARUS PÓS-SOVIÉTICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura – linha de pesquisa de Estudos de Tradução Cultural e Intersemiótica, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Hernán Yerro

Salvador
2017

Волі

AGRADECIMENTOS

Tantas coisas precisaram acontecer para que você estivesse aqui agora, tirando um tempo de sua vida para ler estas palavras. Tantas coisas precisaram acontecer para que eu escrevesse estas mesmas palavras. Precisaram? Certamente não, mas aconteceram. E por isso agradeço a essa imensurável sequência de acontecimentos e aos inúmeros agentes que nela interagiram para que este momento pudesse acontecer.

Em especial, agradeço a Volha, minha esposa, companheira de todas as horas, sem a qual este trabalho não existiria, aliás, nem eu mesmo existiria, da maneira que existo hoje.

A meu pai, Salvador, exemplo de perseverança e dignidade, e à minha mãe, Iracy, que sei que gostaria de estar aqui para ver seu sonho realizado: ver seu filho crescido, feliz e saudável.

A Beth Ramos, que me ensinou que tudo ao nosso redor é tradução e me incentivou a ousar na minha dissertação, dando-me segurança para escolher o tema que escolhi.

A Jorge Hernán, o melhor orientador que eu poderia imaginar, que me ajudou e me apoiou em cada passo desta jornada, com inestimável sabedoria, gentileza e companheirismo.

Às demais Professoras Doutoras Denise Carrascosa, Evelina Hoisel, Livia Natália, Marlene Holzhausen e Rachel Lima, e aos demais Professores Doutores Ari Sacramento, Décio Cruz e Henrique Lima, do PPGLitCult, pelos valiosos ensinamentos e pela paciência que tiveram comigo ao longo do curso.

Às demais professoras e professores do Instituto de Letras, que tanto conhecimento e sabedoria compartilharam comigo ao longo da graduação.

Às e aos colegas do curso, ao pessoal da secretaria da Pós-Graduação, da Xerox, da Portaria, auxiliares de limpeza, seguranças e tantas e tantos outros profissionais que mantêm a faculdade em funcionamento, apesar de tantos problemas no nosso país.

A todas as pessoas e entidades materiais e imateriais que contribuíram direta ou indiretamente no desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo principal realizar um estudo comparativo da tradução do blog *Armiejski Dzioŋnik Franaka Viačorki* (2009) para o filme *Žyvie Bielaruś!* (2012). A narrativa de ambas as obras se passa em Belarus, ex-república soviética desde 1994 governada pelo ditador Aliaksandr Lukašenka, cuja agressiva política de russificação e perseguição a opositores atinge diretamente o ativista e estudante de jornalismo Franak Viačorka, que escreveu o blog durante o período que serviu ao exército na zona de Chernobyl, após ser expulso da faculdade, como punição por participar de manifestações contra o governo. O filme foi produzido na Polônia e proibido em Belarus. Com o aporte teórico de Roman Jakobson, no campo da Tradução Intersemiótica, Rosemary Arrojo, da Tradução Interlingual, Gilles Deleuze e Michel Foucault, para a discussão em torno da política e autoritarismo presentes nas narrativas, bem como autores belarussos como Uladzimier Arloŭ e Hienadz Sahanovič, que oferecem olhares internos da história e cultura belarussas, dentre vários outros nomes, este trabalho visa refletir sobre o papel da tradução como instrumento de resistência política, em um mundo onde as mídias estão cada vez mais conectadas.

Palavras-chave: Belarus. Ditadura. Exército. Blog. Tradução Intersemiótica. Cinema.

АНАТАЦЫЯ

Асноўная мэта дасьледаваньня ў тым, каб правесці параўнальны аналіз інтэрсэміятычнага перакладу блога "Армейскі дзённік Франака Вячоркі" (2009) у фільм "Жыве Беларусь!" (2012). Месца дзеяньня абодвух наратываў - Беларусь, былая савецкая рэспубліка, якой ад 1994 года кіруе дыктатар Аляксандр Лукашэнка, чья агрэсіўная палітыка русіфікацыі і перасьлед апазіцыі непасрэдна закранаюць актывіста і студэнта факультэта журналістыкі Франака Вячорку, які напісаў свой блог падчас службы ў войску ў Чарнобыльскай зоне, пасля адлічэньня з унівэрсітэту ў якасьці пакараньня за ўдзел у пратэстах супраць ураду. Фільм быў выраблены ў Польшчы і забаронены ў Беларусі. Грунтуючыся на тэарэтычных працах Рамана Якабсона, у галіне інтэрсэміятычнага перакладу, Розэмэры Аррожу, у міжмоўным перакладзе, Жыля Дэлэза і Мішэля Фуко, у дыскусіях пра прысутныя ў наратывах палітыку і аўтарытарызм, а таксама беларускіх аўтараў Уладзімера Арлова і Генадзя Сагановіча, з унутраным поглядам на беларускую гісторыю і культуру, сярод іншых імёнаў, дадзеная праца прапаноўвае задумацца пра пераклад як інструмент палітычнага супраціву ў сьвеце, дзе мэдыі ўсё больш шчыльна зьвязаныя між сабою.

Ключавыя словы: Беларусь. Дыктатура. Войска. Блог. Інтэрсэміятычны пераклад. Кіно.

ABSTRACT

This study's main objective is to carry out a comparative analysis of the translation of the blog *Armiejski Dziońnik Franaka Viačorki* (2009) to the film *Žyvie Bielaruś!* (2012). Both narratives are set in Belarus, a former Soviet republic that since 1994 has been ruled by the dictator Aliaksandr Lukašenka, whose aggressive policy of Russification and persecution of opponents directly affects the life of activist and student of journalism Franak Viačorka, who wrote the blog while doing military service in the Chernobyl area after being expelled from the university as a punishment for participating in demonstrations against the government. The film was produced in Poland and banned in Belarus. With the theoretical contribution of Roman Jakobson, in the field of Intersemiotic Translation, Rosemary Arrojo, in the Interlingual Translation field, Gilles Deleuze and Michel Foucault, on the discussion about the politics and authoritarianism present in the narratives, as well as Belarusian authors such as Uladzimir Arloŭ and Hienadz Sahanovič, who reveal internal insights about the Belarusian history and culture, among other names, this study intends to reflect on the role of translation as an instrument of political resistance in a world where media are increasingly connected.

Keywords: Belarus. Dictatorship. Army. Blog. Intersemiotic Translation. Cinema.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 O FILME.....	13
1.2 O BLOG.....	15
2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BELARUSSA	17
2.1 ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA.....	18
2.2 O HEGEMÔNICO COMO PALIMPSESTO	24
2.3 DESSOVIETIZAÇÃO	27
3 RELAÇÕES DE PODER	33
3.1 DISCIPLINA E CONTROLE.....	35
3.2 O SIMULACRO BELARUSSO	36
3.3 GÊNERO E LUTA	39
4 LEITURA COMPARATIVA ENTRE O BLOG E O FILME	42
4.1 ÍNDICE TEMÁTICO	44
4.2 O DIÁRIO DO EXÉRCITO.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
ANEXO A	118
ANEXO B	119
ANEXO C	120
REFERÊNCIAS	159

1 INTRODUÇÃO

A República de Belarus (EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE BELARUS, 2014) surgiu no início da década de 1990, como consequência do colapso da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Antes disso, em seu território existia a República Socialista Soviética da Bielorrússia, uma das quinze repúblicas que constituíam a URSS (YERMALAYEVA, 2015). O nome Belarus vem do belaruso *Беларусь* (Bielarus), enquanto Bielorrússia vem do russo *Белоруссия* (Bielorússia). Sendo assim, não seria redundante escrever “Belarus pós-soviética” no subtítulo desta dissertação, uma vez que Belarus surgiu somente depois do fim da União Soviética? A resposta é simples: não.

O nome Belarus tem data incerta de nascimento, mas, sem dúvida alguma, surgiu muito antes da década de 1990 (ARLOŮ; SAHANOVIČ, 2002). Mapas medievais europeus mostram a região aproximadamente correspondente às atuais fronteiras da atual República de Belarus como “Bielaja Ruś”, dentro da região eslava oriental historicamente denominada “Ruś” ou, em português, Rutênia. Daí advêm os nomes de dois Estados eslavos orientais, Belarus e Rússia (embora em russo o país se chame “Rossiia”, por influência helênica do então Império Bizantino), ou seja, não de um para o outro mas ambos de um ancestral comum.

Ainda durante o período soviético, a RSSB tinha a língua belarussa como oficial e nela a república já se chamava Belarus. Antes disso, durante o breve período de liberdade que o povo belaruso experimentou entre a independência do Império Russo e da anexação soviética, em 1918, o país também se chamava Belarus, ou, para ser mais exato, República Popular de Belarus, cujo governo até hoje se encontra em exílio (BNR, 2014). Entretanto, o nome Belarus custa a ressoar na mídia e no falar lusófono. É bem provável que você, que está lendo este texto, até agora acreditava que o país se chamava “Bielorrússia” e, diante das novas informações, pronuncie o “novo” nome como “Belárus” e não da forma correta, oxítone, “Belarus”. É possível, também, que esteja, ainda que mentalmente, pronunciando com “r” fricativo glotal, muito provavelmente por ainda estar pensando no duplo “r” de Bielorrússia, quando deveria pronunciar o típico tepe alveolar intervocálico, como em “Pará”. Mais frequente do que Belarus ainda insiste em ressoar Bielorrússia (ou monstruosidades dela advindas, como “Bielo-Rússia”, “Bielorússia”, “Bielo Rússia” e mesmo “Rússia Branca”, com consequências igualmente catastróficas em suas

respectivas formas adjetivadas) – legado da influência russófona que até hoje, como veremos, abafa a voz própria da nação belarussa.

Ao escrever “Belarus pós-soviética” no subtítulo da dissertação, não estou apenas contextualizando a época em que estou concentrando a minha pesquisa, mas sim, antes de tudo, reconhecendo a existência de Belarus ainda antes de seu surgimento como o Estado Nacional soberano que é hoje. Quando falamos de história do Brasil e dizemos que nosso país tem mais de quinhentos anos de história, não nos referimos exclusivamente à atual República Federativa do Brasil, que surgiu, timidamente, apenas em 1969, em uma emenda constitucional (PLANALTO, 1969) à constituição brasileira de 1967, mas ao longo dos séculos que remontam a chegada dos primeiros lusófonos a estas terras e, com menos frequência, ao período anterior a esse fatídico evento, abarcando a milenar história dos povos originários daqui. Da mesma forma, quando me refiro a Belarus, não me refiro apenas à atual República de Belarus, mas à entidade transtemporal nacional que (re)existe de diferentes formas nesse território e adjacências desde, pelo menos, o século IX, como nos contam os historiadores belarussos Uladzimier Arloŭ e Hienadz Sahanovič em seu monumental livro *Dez séculos de história belarussa: de 862 a 1918* (ARLOŬ; SAHANOVIČ, 2002), que nos mostra que a história de Belarus como parte da URSS e do mundo russófono é apenas um ligeiro piscar de olhos comparada à história de seu povo.

De 1918 até o fim da União Soviética, cuja certidão de óbito foi assinada em território belarusso, mais precisamente, na floresta de Bielaviežskaja Pušča, no dia 8 de dezembro de 1991 (RUSARCHIVES, 1991), Belarus sofreu um longo processo de ditadura soviética que moldou sua atual configuração em muitos aspectos, revividos em seu atual governo. Entretanto, uma parte importante da população, formada principalmente por intelectuais e ativistas nacionalistas vem trabalhando para mudar essa situação (THEGUARDIAN, 2015; SMOK, 2015), incentivando o uso da língua belarussa e um resgate de sua cultura ancestral, que não foi totalmente perdida e, em muitas partes, coexiste com a cultura russófona/soviética. É nesse contexto que se passa a narrativa do filme *Viva Belarus!* (2012), por sua vez, inspirado no blog *Armiejski Dzioŭnik Franaka Viačorki* (2009), ou o Diário do Exército de Franak Viačorka, ativista belarusso que o escreveu enquanto servia ao exército na zona radioativa de Chernobyl, no sul de Belarus. Ambas obras serão descritas em maiores detalhes nos itens 1.1 e 1.2 desta introdução.

A partir desse cenário de conflito de ideologias e discursos históricos, trago para discussão sobre a construção da identidade belarussa, no segundo capítulo, teóricos como Stuart

Hall, cuja noção de impossibilidade do discurso identitário traça, ao meu ver, paralelos com o trabalho de tradução, e Agustin Lao-Montes, que transpõe as barreiras geográficas para falar da diáspora, tema fundamental em um país de origem de tantos exilados, como Belarus e como o próprio filme *Viva Belarus!*, produzido na Polônia, como consequência das perseguições do regime ditatorial que denuncia.

O terceiro capítulo trata das relações de poder em torno das quais giram as narrativas, no qual reflito sobre alguns textos de Michel Foucault e Gilles Deleuze sobre intelectuais e o poder, reversão do simulacro platônico e transição de paradigmas das sociedades de disciplina e de controle, contexto em que teorizo estar Belarus, além da indispensável discussão em torno de gênero e luta, que adentro com o aporte da pesquisadora Oyeronke Oyewumi.

No capítulo quatro serão abordadas as estratégias de tradução utilizadas neste trabalho, entendendo o processo de adaptação do texto do diário de Franak para o cinema como uma tradução intersemiótica, na terminologia cunhada por Roman Jakobson (2003), que define três tipos de tradução: intersemiótica, isto é, de um meio verbal para um não verbal, a exemplo do blog para o filme a serem analisados neste estudo; interlingual, ou seja, a tradução de uma língua para outra; e intralingual, a saber, tradução do registro de uma língua para outro dentro da mesma. Este trabalho visa comparar as relações intersemióticas entre esses dois textos, sem que haja uma relação hierárquica entre eles, onde um, essencialmente verbal (blog) e o outro, essencialmente visual (filme), se complementam, não se espelham ou “devem” nada um ao outro, considerando aqui a noção de “texto” não como algo único e imutável, meio de inscrição de uma mensagem inequívoca e fechada, mas dentro da noção genettiana de palimpsesto (ARROJO, 2007), isto é, que traz em seu âmago incontáveis outros textos, que interagem e se reinventam a cada leitura deles feita. A fim de realizar tal estudo comparativo, eu fiz ainda um trabalho de tradução interlingual do blog e das legendas do filme, de belarusso para português (ou de russo para português e inglês para português, como veremos em alguns casos específicos), explicando as minhas escolhas e estratégias, como veremos adiante.

Por último, no quinto capítulo, que trata das considerações finais, trago para o debate um artigo do próprio Franak Viačorka, sobre diferenças entre o blog e o filme, ressaltando que não implicamos de maneira alguma que um texto deva espelhar o outro, mas sim, se complementam, evidenciando diferenças entre as linguagens blog e filme.

A propósito, a língua belarussa é escrita com o alfabeto cirílico, o que, como já vimos acima, por vezes torna necessária a transliteração para o alfabeto latino. Com tal intuito, optei por transliterar o idioma belarusso de acordo com as regras enviadas e revisadas pelo Comitê Estatal de Propriedade da República de Belarus ao Grupo das Nações Unidas de Experts em Nomes Geográficos – UNGEGN, na sigla em inglês, as quais, atualmente, são as únicas regras oficiais, reconhecidas pelo governo belarusso, para transcrição da língua belarussa para o nosso alfabeto, por sua vez, baseadas no alfabeto belarusso latino (ARSIONAŬ, 2016), popular entre os séculos XIX e XX em Belarus e esporadicamente utilizado por intelectuais belarussos nos dias de hoje. A transcrição letra por letra, com equivalentes no alfabeto fonético internacional (IPA), encontra-se integralmente no ANEXO A. Ao longo deste trabalho tampouco serão raras as aparições da língua russa, que também é escrita no alfabeto cirílico, com algumas diferenças com relação ao alfabeto belarusso (a título de exemplo, algo como as diferenças entre os alfabetos romeno e português). Para transcrevê-la, escolhi utilizar o modelo do curso de russo da USP (MELETÍNSKI, 1998), já consagrado no meio acadêmico brasileiro e desenvolvido especificamente para a língua portuguesa. A tabela encontra-se integralmente no ANEXO B.

1.1 O FILME

Viva Belarus! conta a história de Miron Zacharka, vocalista da banda de rock Forza, cujas canções são em idioma belarusso e recheadas de protestos e críticas veladas ao governo, frequentemente chamado pela mídia internacional como último regime ditatorial da Europa (UOL, 2015). Seu líder, o ditador Aliaksandr Lukašenka, vem implementando, desde que chegou ao poder, em 1994, políticas de russificação do país (THEGUARDIAN, 2015), alterando a constituição para estabelecer a língua russa como oficial, regredindo os símbolos nacionais – brasão e bandeira – a similares aos da época soviética (**Figura 1**), além de fechar escolas de língua belarussa e perseguir falantes de belarusso, ainda que ele mesmo, originalmente, seja um deles e até hoje fale russo com forte sotaque.

Durante uma de suas apresentações, a banda Forza e o público são brutalmente atacados e detidos pela polícia, por utilizar a bandeira tradicional belarussa e gritar “Viva Belarus!”, *slogan* amplamente associado à oposição e *de facto* proibido pelo governo. Miron é condenado a prestar serviço militar, do qual ele havia sido eximido previamente devido a

problemas cardio-vasculares, no sul do país, na região fronteira entre Belarus e Ucrânia, onde ocorreu o desastre nuclear da usina de Chernobyl, em 1986 (**Figura 2**).

No exército, Miron percebe que o nível de russificação é ainda maior do que em outras esferas da sociedade. Embora pela constituição a língua belarussa seja oficial, no exército ela é totalmente execrada e não é permitido sequer jurar à bandeira em belarusso. Indignado, Miron decide escrever um blog para relatar sua experiência. Para tanto, ele consegue um telefone celular contrabandeado – uma vez que, no quartel, os soldados praticamente não têm comunicação com o mundo exterior – e, com a ajuda de sua namorada, Vera, cria anonimamente o blog *saldat.blog.by*, que não tarda a causar grande impacto na sociedade, denunciando as perseguições aos soldados belarussófonos e as péssimas condições em que eles vivem durante os dois anos de serviço militar obrigatório. Logo Miron e Vera são descobertos e sofrem graves retaliações, mas a repercussão do blog é tamanha que o governo passa a permitir que os soldados jurem à bandeira em belarusso e lhes concede melhores condições de moradia.

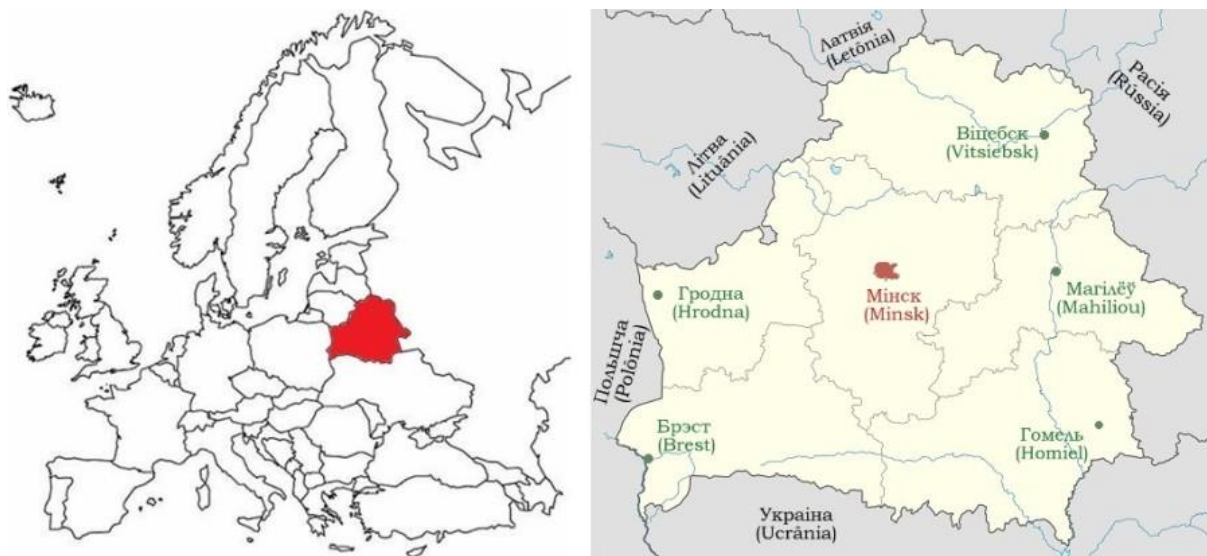
Figura 1 – Esquerda: Bandeira e brasão oficiais de Belarus, inspirados nos símbolos da antiga República Socialista Soviética da Bielorrússia (1919 – 1991); Direita: Bandeira e brasão tradicionais de Belarus, anteriores à ocupação soviética e retomados logo após, sendo oficiais até 1995.



Fonte: YERMALAYEVA FRANCO, 2015

Agora conhecido por todo o país, Miron decide levar sua militância a um nível ainda mais alto, candidatando-se a deputado, com o objetivo de denunciar as fraudes do sistema eleitoral belarusso.

Figura 2 – À esquerda: Localização de Belarus na Europa. À direita: Mapa de Belarus com as capitais das regiões administrativas (verde) e capital do país (vermelho).



Fonte: YERMALAYEVA FRANCO, 2015

Munido de um telefone celular com câmera, Miron se esconde na sala de contagem dos votos e grava o momento em que os representantes do governo fraudam o resultado, que dava ampla vitória a ele, e elegem um candidato leal a Lukašenka. Descoberto, Miron é perseguido e sofre um acidente vascular cerebral, tendo metade do corpo permanentemente paralisado. Finalmente dispensado do serviço militar, Miron volta para a capital e se engaja nas manifestações pacíficas contra as eleições presidenciais fraudulentas, onde sempre há violentos embates contra as tropas de choque. O filme termina com Miron sendo detido mais uma vez, junto a seus companheiros, sem perspectivas de um futuro melhor.

Por motivos óbvios, a exibição do filme foi terminantemente proibida em Belarus. Não obstante, o filme logrou uma série de prêmios em festivais internacionais, como os de Bruxelas, Viena, Istambul e Varsóvia (RFERL, 2014).

1.2 O BLOG

Publicado entre 28 de janeiro e 12 de junho de 2009, o blog *Armiejski dziońnik Franaka Viačorki* conta as experiências de Franak Viačorka, ativista belarusso, na época com 20 anos de idade, expulso da faculdade de jornalismo da Universidade Estatal Belarussa por liderar

manifestações contra o governo em conjunto com a juventude da Frente Popular Belarussa (BAJ, 2008) e violentamente recrutado ao exército belarusso, apesar de anteriormente ter sido eximido do serviço militar obrigatório por problemas de saúde.

Diferentemente do blog de Miron, publicado anonimamente, Franak assumia sua identidade e as postagens eram publicadas no site de notícias naviny.by, durante o período em que ele serviu ao exército, alocado nos quartéis de Baranavičy e Mazyr, sendo este último seu definitivo, localizado na zona radioativa de Chernobyl. Em ambos os casos os autores receberam ameaças e retaliações do exército, o que provocou a interrupção das publicações.

O blog teve grande repercussão na sociedade belarussa da época, denunciando os maus-tratos e as condições desumanas em que viviam os soldados – recrutas políticos, nacionalistas ou não – o que levou o exército a realizar melhorias em suas instalações e dar um tratamento mais digno aos recrutas. Além disso, como veremos no capítulo 7, uma das principais conquistas do blog foi a tradução do regimento militar para a língua belarussa, que, a partir de então, passou a ser oficial, em conjunto com a versão russa.

Uma das diferenças mais notáveis entre os protagonistas, Franak, no blog, e Miron, no filme, é que, diferentemente do primeiro, o segundo é menos politizado, isto é, não é um ativista/militante como o primeiro, aproximando-se assim do cidadão comum, que não quer se envolver em confusões com o governo e fala russo sempre que lhe convém. Sustentamos a hipótese de que tal estratégia de tradução intersemiótica visa aproximar o personagem do público comum, no cinema, que poderia não se identificar com a militância de Franak, cujo excepcional posicionamento nacionalista belarussófono poderia parecer uma “explicação” para suas punições. Isto é, o personagem Miron mostra que não é necessário se destacar da maioria para ser perseguido pelo regime – toda e qualquer pessoa corre esse risco. Não obstante, vemos Miron progredir como indivíduo cada vez mais firme em suas determinações políticas. Ao longo da narrativa, sua identidade belarussa se desenvolve em uma militância cada vez mais aguerrida e sagaz, como a de Franak, sofrendo consequências proporcionalmente mais graves.

2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BELARUSSA

(...) a questão e a teorização da identidade é um tema de considerável importância política, que só poderá avançar quando tanto a necessidade quanto a “impossibilidade” da identidade, bem como a suturação do psíquico e do discursivo em sua constituição, forem plena e inequivocamente reconhecidos.

Hall, S. “Quem precisa de identidade?”

Observando o trecho acima, onde Stuart Hall versa sobre a necessidade dos estudos identitários e de sua importância discursiva e psicológica, não imanente, como o termo por vezes sugere, percebi que essa “impossibilidade” da qual ele fala é praticamente a mesma com a qual nos deparamos na tradução. A tradução, no sentido literal, é uma tarefa impossível, pois não há total equivalência entre dois idiomas (tradução interlingual), dois registros de um mesmo idioma (intralingual) ou linguagens verbais para não-verbais (intersemiótica). Assim como a construção de uma identidade, a tradução também é uma tarefa arbitrária, que passa por escolhas, discursos e sentimentos experimentados por vários agentes que contribuem nesse processo, de maneira que acredito ser possível interpretar a construção de uma identidade nacional, étnica, racial ou de gênero, dentre outras possibilidades, como uma forma de tradução das vivências de seus agentes. Assim como um livro é uma tradução de leituras de mundo feitas pelo(a) autor(a) passadas para uma linguagem essencialmente verbal, pode-se considerar o discurso de identidade de um povo como uma tradução de experiências coletivas históricas, passivas, como qualquer tradução, de escolhas, interesses e pontos de vista que variam de acordo com o tempo e as necessidades.

Essa tradução histórica é feita não apenas por grupos humanos marginalizados, como, africanos e afro-diaspóricos, mas também por outros atualmente considerados hegemônicos. Os primeiros constroem discursos identitários como instrumentos de poder, de união, em prol de uma causa – igualdade de direitos e oportunidades – em relação àqueles que estão no centro, os quais, por sua vez, usam discursos identitários para manterem o *status quo*.

Em Belarus temos dois discursos identitários, de um só povo em conflito: um, marginalizado, é o do povo belarusso que baseia seu discurso de identidade em torno do idioma belarusso, e sua história, no Grão-ducado da Lituânia, Estado medieval que, em seu auge, chegou a ser o maior da Europa, e cuja língua oficial e etnia dominante era belarussa; o outro, hegemônico, é o do povo belarusso que baseia seu discurso de identidade em torno do idioma

russo, e sua história na antiga União Soviética, cuja língua e etnia dominantes eram russas. Essa dicotomia é perceptível de diversas formas, a exemplo do uso da língua (belarussa, russa e a mescla das duas – trasianka), o que se revela, inclusive, nos nomes dos personagens: em russo, Franak Viačorka e Miron Zacharka serão Franak Vietchierko e Miron Zakharko, o chefe de Estado belarusso, Aliaksandr Lukašenka, será Aleksandr Lukachenko (frequentemente transcrito como Lukashenko pela mídia internacional, segundo a transcrição para inglês), bem como as cidades, como Baranavičy e Mazyr, que em russo são chamadas de Baranovichi e Mozyr’, dos símbolos nacionais, a exemplo da bandeira branca, vermelha e branca, utilizada pela oposição, e verde e vermelha, utilizada pelo governo, fenômenos que se manifestam tanto no blog, na luta de Franak contra o sistema, quanto no filme, na luta de Miron contra o sistema. Entretanto, as estratégias dos protagonistas e mesmo de outros personagens, reais e fictícios, divergem em alguns pontos entre os dois textos, aqui considerados como estratégias de tradução para o cinema, enquadradas na hipótese dicotômica que veremos partindo do capítulo *O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem*, da obra *A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)*, de Viveiros de Castro (2002).

2.1 ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

“O que a baioneta russa não fez, o político russo, a escola russa e o padre russo hão de fazer”¹

Mikhail Murav’iev-Vilenskii (BYKOVSKII, 2017)

"outros [sic] gentios são incrédulos até crer; os brasis, ainda depois de crer, são incrédulos"

Antônio Vieira (apud VIVEIROS DE CASTRO, 2002)

Analisando essas duas citações, nos deparamos com dois processos colonizatórios distantes em tempo e espaço, mas com um certo sentimento único de frustração e mesmo indignação de seus agentes diante da resistência dos colonizados. Na primeira, o governador da então recém-anexada Região Noroeste do Império Russo, no século XIX, cujos territórios

¹ Tradução minha, do russo, de: “Что не доделал русский штык — доделает русский чиновник, русская школа и русский поп”.

correspondem, atualmente, a Belarus e Lituânia, admite que seu poderio militar não foi o suficiente para exterminar a identidade dos povos belarusso e lituano e, conseqüentemente, assimilá-los ao povo russo, tarefa entregue, então, à escola russa. Séculos antes, os jesuítas já defendiam semelhante estratégia no território atualmente ocupado pelo Brasil: “Uma peça essencial da luta contra o canibalismo (...) foi a internação dos meninos índios nas escolas jesuíticas, com a inculcação muito provável de um horror sagrado àquela prática” (2002, p. 261). Na segunda citação, Vieira registra o espanto diante do povo tupinambá, o qual, logo depois da catequese, volta às suas tradicionais crenças, chamadas por ele de “maus costumes”.

Seguindo o pensamento dicotômico de Vieira, os tupinambá seriam a murta, os quais “em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura” (2002, p. 184), enquanto os belarussos seriam o mármore, como se refere às nações que “cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem; mas, uma vez rendidas (...) não é necessario trabalhar mais com elas”. Se para Vieira os últimos representam antigos inimigos derrotados e conquistados pela fé cristã, os primeiros, então contemporâneos, são vistos como uma ameaça, ao qual seu tratado se destina como uma espécie de recomendação:

É necessário que assista sempre a estas estátuas o mestre delas: uma vez, que lhes corte o que vicejam os olhos, para que creiam o que não vêem; outra vez, que lhes cerceie o que vicejam as orelhas, para que não dêem ouvidos às fábulas de seus antepassados; outra vez, que lhes decepe o que vicejam os pés, para que se abstenham das ações e costumes bárbaros da gentildade. E só desta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raízes, se pode conservar nestas plantas rudes a forma não natural, e compostura dos ramos (2002, p. 184).

Viveiros de Castro desconstrói esse discurso etnocêntrico ao trazer a discussão à luz da antropologia moderna, argumentando que “os missionários não viram que os 'maus costumes' dos Tupinambá eram sua verdadeira religião, e que sua inconstância era o resultado da adesão profunda a um conjunto de crenças de pleno direito religiosas” (2002, p. 192). Ele ainda sugere que a cultura tupinambá se baseia na relação com os outros povos, na troca, e não na coincidência e defesa da própria identidade, como o pensamento nacionalista ocidental prega. Isso explicaria por que os tupinambá recebiam, de bom grado, a catequese, sem deixar de lado sua cultura: a aparente murta apenas serve de fachada para um duro mármore. Séculos se passaram, os

invasores portugueses foram expulsos, agora por um Estado por eles implantado, um Estado lusófono tão hostil aos tupinambá e outros povos originários daqui quanto lhes era a colônia. Um Estado que continua a chamá-los de “índios”, termo reconhecidamente errôneo desde o século XVI, assim que os europeus entenderam que aqui não é a Índia; que continua a massacrá-los, aculturá-los e marginalizá-los, o Estado brasileiro.

Fenômeno semelhante acontece em Belarus. A estratégia de Murav’iev-Vilenskii provou-se fruitiva como esforço pela russificação da nação-mármore: mesmo duas décadas e meia depois da independência da URSS, Belarus continua um Estado majoritariamente russófono – apenas 23% da população fala belarusso em casa (CIA, 2016) – o que se deve em grande parte à educação (**Figura 3**). Ainda que em Belarus os belarussos sejam plena maioria (83,7% da população), a língua belarussa é sistematicamente marginalizada e estigmatizada por eles mesmos e uma importante minoria étnica russa (8,3%), algo como o processo de discriminação por parte da maioria da população brasileira às línguas indígenas ditas brasileiras.

Nesse contexto, subverto o argumento de Vieira, tomando como ponto de partida a desconstrução proposta por Viveiros de Castro, para interpretar a dicotomia do mármore e da murta como formas de resistência encontradas pelos povos daqui e de Belarus à opressão colonial e seus presentes desdobramentos.

O Miron Zacharka do início do filme *Viva Belarus!* é um exemplo de murta como forma de resistência: ele fala russo com os militares quando é convocado ao serviço militar, só fala belarusso com seus amigos mais próximos e evita demonstrar publicamente quaisquer traços de nacionalismo até o fatídico show em que ele e seus companheiros são detidos, o que o faz ir à luta. Até esse momento, Miron era como o tupinambá, que aceitava, aparentemente, de bom grado a catequese e doutrina impostas pelos colonizadores, mas, na primeira chance que tem fora dessa zona de influência, revela suas verdadeiras intenções.

Figura 3 – Legenda (em belarusso): “Línguas de instrução nas instituições de ensino de Belarus: pré-escola / ensino médio / médio técnico / ensino superior. Em azul – russo, em vermelho – belarusso, em laranja – ambas, em amarelo – outras (tradução minha).



Fonte: BELAPAN, 2016

Se os relatos eurocêntricos de Vieira e seus contemporâneos falham, propositalmente, em descrever o sentimento do outro, o filme deixa claro que Miron se indigna com tal situação em seu país, ainda no primeiro momento, antes de começar sua militância. É, sobretudo, na música, que ele vai extravasar essa indignação, através de canções de protesto, ainda que veladas, como esta (VIVA BELARUS!, 2012, 00:03:36,800 (tradução minha)):

Belaruso	Transcrição	Tradução
<p>Старшыня</p> <p>У нашым калгасе ўсё чыста, ня брудна, Вядзе старшыня нас рукою магутнай. Ён можа зьнянацку ўваліць трактарысту, Калі трактарыст вып’е зь сябрам па трыста.</p> <p>У нашым калгасе ўсё супэр па лічбах, А людзі чакаюць: калі ўжо? Калі ўжо? Калі старшыня наш паедзе адгэтуль, А лепш – паляціць на чужую плянэту.</p> <p>Рэфрэн: Я сню й ты прысьні, Што няма больш старшыні, І ўсім радасна наўкола – І карове, і сьвіньні. Шмат гадоў мару я, Што зьнікае старшыня, І ўсе весела сьмяюцца – І карова, і сьвіньня.</p> <p>У нашым калгасе парадак і ціша, Ды шэпчуцца людзі: Калі ўжо? Калі ўжо? Калі забярэ яго нейкая трасца І ў рэшце спакойна пажыць нам удасца Сядзяць у камбайнах сваіх камбайнёры, І справы ідуць, відавочна, угору. І мроіцца ўсім, што нарэшце зьнікае Рука, што ўсіх нас за горла трымае</p>	<p>Staršynia</p> <p>U našym kalhasie usio čysta, nia brudna, Viadzie staršynia nas rukoju mahutnaj. Ion moža źnianacku ŭvalić traktarystu, Kali traktaryst vyp’ie ź siabrami pa trysta.</p> <p>U našym kalhasie usio super pa ličbach, A liudzi čakajuć: kali ŭžo? Kali ŭžo? Kali staršynia naš pajedzie adhetuľ, A liepš – paliacić na čužuju plianetu.</p> <p>Refren: Ja sniu j ty pryśni, Što niama boľš staršyni, I ŭsim radasna naŭkola – I karovie, i svińni. Šmat hadoŭ maru ja, Što źnikaje staršynia, I ŭsie viesiela śmiajucca – I karova, i svińnia.</p> <p>U našym kalhasie paradak i ciša, Dy šepčucca liudzi: kali ŭžo? Kali ŭžo? Kali zabiare jaho niejka ja trasca I ŭ rešcie spakojna pažyc nam udasca Siadziać u kambainach svaich kambajniory, I spravy iduć, vidavočna, uhoru. I mroicca ŭsim, što nareščie źnikaje Ruka, što ŭsich nas za horla trymaje</p>	<p>Chefe</p> <p>No nosso kolkhoz tudo é limpo, nada é sujo, O chefe nos controla com mão de ferro. Ele pode demitir o tratorista quando quiser, Se o tratorista encher a cara com os amigos.</p> <p>Pelos números, nosso kolkhoz está ótimo, Mas as pessoas esperam: até quando? Até quando? Quando o nosso chefe vai embora daqui, Ou melhor, vai para outro planeta.</p> <p>Refrão: Eu sonho e você sonhe, Que não há mais chefe, E todos ao redor ficarão felizes – Até as vacas e os porcos. Sonho há muitos anos, Que o chefe sumirá, E todos sorrirão felizes – Até a vaca e o porco.</p> <p>No nosso kolkhoz está tudo em ordem e silêncio, E sussurram as pessoas: até quando? Até quando? Quando a doença o levará E finalmente poderemos viver em paz Condutores sentados em suas colheitadeiras, E as coisas irão de vento em popa. E todos sonham quando finalmente sumirá A mão que nos estrangula</p>

A canção acima, escrita por Liavon Voľski, famoso cantor belaruso, conta de maneira metafórica a situação do país, comparando-o a um *kalhas*, espécie de fazenda do estado, herança do período soviético (conhecido em português por seu nome em russo: kolkhoz). O chefe seria uma alusão a Lukašenka, que comanda o país com mãos de ferro. Sem forças para expulsá-lo, resta aos trabalhadores sonhar com o dia em que ele desaparecerá. Essa e outras canções do

repertório da banda Forza, aliadas a seu público nacionalista, que, para desespero de Miron, entoam *slogans* e empunham símbolos proibidos, tornam-se o pivô da mudança do personagem, que, detido e enviado para servir ao exército na zona radioativa de Chernobyl, se vê fora de sua zona de conforto e resolve agir.

No exército, a dicotomia mármore e murta e a importância da última como estratégia de resistência, ficam ainda mais claras: Šery, um dos recrutas, se nega a falar russo e a jurar a bandeira em russo. Como represália, ele é espancado pelos outros militares e seu paradeiro é desconhecido. Miron, temendo represália, apenas assiste a tudo, impotente. Então ele percebe que há outras maneiras de se lutar contra esse sistema, sem ser necessariamente mármore, sem dar, literalmente, a cara a tapa. É então que ele decide escrever o blog, para denunciar esta e outras injustiças que vê e que nunca sairiam das paredes do quartel. Como murta, Miron fala e aceita a língua e cultura russificadas do ambiente em que se encontra, porém, continua firmemente arraigado em seus ideais nacionalistas.

É interessante notar comportamento aplicável ao conceito de murta em outros personagens do filme, como, por exemplo, o soldado que fala *trasianka*, mistura de belaruso e russo, e ajuda Miron a conseguir o celular, através do qual ele relata os acontecimentos a Vera, quem, de fato, escreve o blog; a mãe de Vera, que não aparece diretamente mas, segundo sua filha, é polonesa e casada com um militar, o que suscita conflito na cabeça de Miron. Eu explico: o exército belaruso, como descendente direto do exército soviético, é extremamente alinhado com o Kremlin e, historicamente, muitos de seus membros vêem os poloneses como uma ameaça ao estado russófono e, depois do fim da URSS, cristão ortodoxo (controlado pelo Patriarcado de Moscou, enquanto os poloneses são tradicionalmente católicos, vinculados ao Vaticano). Neste caso, segundo Vera, sua mãe, assim como Miron, prefere não falar de política, evitando assim tensões.

A estratégia de murta também se reflete na escolha do nome do personagem principal. Miron é o pseudônimo de uma pessoa ou várias pessoas de identidades desconhecidas, que colocam bandeiras nacionais tradicionais (branca, vermelha e branca) em lugares públicos, geralmente altos e de grande visibilidade. A primeira dessas ações ocorreu a 27 de julho de 1995, aniversário da independência de Belarus da URSS (data comemorativa ignorada pelo governo belaruso), em protesto à mudança dos símbolos nacionais (**Figura 4**).

Figura 4 – bandeira tradicional belarussa, *de facto* proibida no país, colocada por Miron, em 2010, no topo da árvore de ano novo (segundo a tradição soviética que aboliu o natal) de Viciebsk, a mais alta de Belarus. Não demorou mais de quinze minutos para que uma equipe do Ministério de Situações de Emergência a retirasse com o auxílio de uma escada mecânica.



Fonte: NN.BY, 2010

Tanto o Miron do filme quanto o Miron das bandeiras são heróis furtivos, publicamente pessoas comuns, que certamente falam russo e não gostam de falar de política, mas, sem deixar de ser mármore, utilizam de estratégias de murta para preservar sua identidade nacional e lutar por seus ideais de um país verdadeiramente livre.

2.2 O HEGEMÔNICO COMO PALIMPSESTO

Stuart Hall fala que “a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem em comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal.” (2014, p. 106). Diferentemente de etnias que lutam para ter

seu próprio país, a exemplo dos kosovares, abecazes e curdos, ou outras que lutam para obter igualdade de direitos dentro de uma mesma sociedade, como negras e indígenas nas Américas, belarussos têm um país totalmente soberano e reconhecido por toda a comunidade internacional. Entretanto, mesmo sendo a etnia teoricamente titular de seu próprio estado-nação, majoritária, tendo sua língua própria como oficial, belarussos se vêem, paradoxalmente, oprimidos por si mesmos. Frases como “fale feito gente!”, “fale normal!”, ou fale na língua compreensível!² são ditas diariamente por belarussos russófonos para belarussos belarussófonos, quando os primeiros não se acomodam em fazer a habitual cara feia ou manter *code-switching* respondendo em russo às perguntas dos últimos em belarusso. Esse triste cenário é fruto de séculos da russificação que começou no final do século XVIII, quando as terras belarussas foram anexadas pelo Império Russo, e perdura até hoje, mesmo após a independência, sob comando de Lukašenka.

Dentro de tal contexto, o “reconhecimento de alguma origem em comum”, ferramenta eficaz no discurso identitário afro-diaspórico de que tanto trata Hall, torna-se um tanto mais complexo. Enquanto a diáspora africana global, por mais diversa e difundida que seja, pode traçar um passado em comum no continente africano, unindo-se e fortalecendo-se, aos belarussos, que já são um povo unificado, habitante majoritário de sua própria terra originária, ainda que essa questão não pareça pertinente, ela é arduamente discutida, gerando discursos que não só coexistem, mas se sobrepõem, formando uma dualidade mutável a depender dos interesses do momento.

No dia 1º de julho de 2014, Lukašenka, já há vinte anos no poder, conduzindo uma atroz política de russificação no país, fez um surpreendente pronunciamento em belarusso (BUBIEN, 2014). É fácil de entender por que o chefe de Estado que não só raramente fala belarusso como ainda publicamente executou várias vezes o próprio idioma em favor do russo, optou por fazer tal pronunciamento na língua de sua nação. Era o auge da crise na Crimeia, quando tropas russas anexavam a península e começavam os primeiros sinais de conflito no leste da Ucrânia, vizinha de Belarus. Seu discurso, às vésperas do dia de independência (dos nazistas, não da URSS, que seria no dia 27 de julho, data que ele proibiu de ser comemorada), vem a reafirmar a soberania de Belarus frente à ameaça expansionista da vizinha Rússia. A frase de encerramento de seu discurso, em belarusso, ilustra bem o propósito de tal performance: “Cada

² Tradução minha, do russo, de: “говори по-человечески!”, “говори по-нормальному!”, e “говори на понятном языке!”.

[pessoa] que ameaçar a unidade da nação é inimiga de Belarus”³. A mensagem é clara contra possíveis separatistas, como os da Crimeia e do Leste da Ucrânia, e aos russos, mostrando-lhes que Belarus tem língua e identidade próprias, apesar dos esforços que o próprio ditador empreendeu em contrário, e que não é e nem pretende ser parte da Rússia.

A identidade belarussa segue assim na atualidade: um palimpsesto que persiste sob as rasuras de um texto russo, impedindo-o de se implantar totalmente, para não ser tomado de vez pela Rússia. Um palimpsesto cuja sociedade e governo atuais se esforça em raspar, mas nunca totalmente, para não perder totalmente sua identidade, alicerce de sua soberania. Por isso, ainda que a maioria da população seja russófona e persiga falantes de belarusso, como vemos no filme, símbolos nacionais tais como brasão, moeda e hino estão exclusivamente em belarusso (cf. países bilíngues como Canadá, Israel, Cazaquistão ou Paraguai, que se esforçam em representar seus idiomas de maneira igualitária). Isso é ainda mais surpreendente se considerarmos que o plurilinguismo era marcado nos símbolos nacionais soviéticos, de onde Lukašenka tira inspiração para moldar seu país – o brasão e o rublo soviético, por exemplo, tinham inscrições em todas as línguas oficiais de suas repúblicas. Quanto à moeda nacional, o rubiel belarusso, ainda cabe levantar um ponto interessante: seus motivos decorativos, majoritariamente baseados na arquitetura soviética, a exemplo do Palácio da Cultura, Fortaleza de Brest e Academia de Ciências, deixam de existir na nova série lançada a partir do dia 1º de julho de 2016, dando lugar a monumentos arquitetônicos de períodos anteriores e posteriores à dominação soviética (**Figuras 5 e 6**).

Esforços como esse levam a nos questionar até que ponto o palimpsesto belarusso está apagado. Acredito que a mutabilidade da diglossia belarussa, performatizada de acordo com os interesses do momento, configura uma espécie de devir, uma potência cujos desenvolvimentos futuros ainda são uma incógnita. Tanto aqueles no poder, que se esforçam em manter a língua russa como dominante e a língua belarussa como marginalizada, mas não a ponto de por em risco a autonomia do país, quanto os cerca de 23% da população (CIA, 2016) que, de fato, fala belarusso diariamente, devem um Estado belarusso de direito, seja nominalmente ou verdadeiramente. Sabemos que a população russófona defende uma ideologia soviética que, se pensarmos bem, é a mera continuidade do Estado do qual fazia parte até o início dos anos 1990,

³ Tradução minha, do belarusso, de: “Кожны, хто замахваецца на адзінства нацыі – вораг Беларусі”.

do qual não almejava se tornar independente. E o restante da população, a favor da língua e cultura belarussas, em que se baseiam? Como constroem seu discurso identitário?

Figura 5 – Nota de cinquenta rubiels, com representação gráfica da Fortaleza de Brest, primeiro posto soviético atacado pelos nazistas. Hoje no local funciona um memorial da guerra (entrada no verso).



Fonte: TUT.BY, 2015

Figura 6 – Nova nota de cinquenta rubiels, com representação gráfica do Castelo de Mir, um dos mais célebres exemplos da arquitetura belarussa medieval.



Fonte: EURORADIO, 2015

2.3 DESSOVIETIZAÇÃO

O fim da URSS deu origem a quinze novos países, suas antigas repúblicas, que experimentaram processos de desconstrução do legado soviético começados ainda durante a Perestroika e a Glasnost. De um modo geral, as repúblicas optaram por resgatar suas bandeiras pré-soviéticas (**Figura 7**), adotando também o passado pré-soviético como referência em seus discursos identitários.

Entre a independência do Império Russo e a anexação soviética, Belarus era então a República Popular Belarussa, país que existiu por apenas alguns meses e cujo alto comando, a Rada, é atualmente o mais antigo governo em exílio em existência no mundo (RADABNR, 2016). Assim como outros governos em exílio, a Rada, que nunca reconheceu o atual governo belarusso, almeja um dia voltar ao poder. Da mesma forma, outras organizações belarussas encontram-se atualmente em exílio, a exemplo da Universidade Europeia de Ciências Humanas, localizada em

Vilnius, Lituânia (EHU, 2016) e a Rádio Racyja, retratada no filme, localizada em Białystok, Polônia.

De importância fundamental na construção do atual Estado belarusso, mas demasiadamente efêmera para se tomar como base da construção de um discurso identitário nacional, capaz de ir de encontro com a ideologia (pós-)soviética e mostrar ao mundo que Belarus tem uma longa e grandiosa história, dissociada da Rússia, intelectuais belarussos escolheram o Grão-Ducado da Lituânia como principal ícone de sua identidade, algo como a “origem comum” de que Stuart Hall fala. Esse ícone unifica não só aqueles que se opõem à russificação em Belarus, mas também a diáspora belarussa, em grande parte exilada e que compartilha de “um mesmo ideal”, outra base de discurso identitário que Hall menciona.

É desse Estado ancestral que vem a bandeira branca, vermelha e branca mostrada no filme *Viva Belarus!* (sendo também a bandeira oficial da BNR) e atualmente *de facto* proibida em Belarus.

Em seu artigo *Decolonial moves: Trans-locating African diaspora spaces*⁴, Agustin Lao-Montes cita um artigo de Tiffany R. Patterson e Robin D. G. Kelley para definir a diáspora, no caso, africana, como processo e condição (2007, p. 310):

Como processo, ela é constantemente refeita através do movimento, da migração, das viagens e imaginada através do pensamento, da produção cultural e da luta política. No entanto, como condição, ela está diretamente ligada ao processo pelo qual está sendo feita e refeita... a diáspora africana existe dentro do contexto da raça global e das hierarquias de gênero.⁵

Tais dinâmicas também são perceptíveis no caso da diáspora belarussa, a exemplo da Rada (*political struggle*), localizada no Canadá, e do próprio filme *Viva Belarus!* (*cultural production*), produzido na Polônia, também em exílio.

⁴ Tradução minha, do inglês: “Movimentos descoloniais: Trans-locando os espaços da Diáspora Africana”

⁵ Tradução minha, do inglês, de: “As a process it is constantly being remade through movement, migration, travel, and imagined through thought, cultural production, and political struggle. Yet as condition, it is directly tied to the process by which it is being made and remade... the African diaspora exists within the context of global race and gender hierarchies”.

Figura 7 – Bandeiras da Rússia, Ucrânia, Belarus, Lituânia, Letônia e Estônia antes, durante e depois do período soviético. As bandeiras pré-soviéticas eram utilizadas por grupos rebeldes (coluna do meio) que chegaram a colaborar com os nazistas para conseguir independência da URSS, voltando a serem plenamente oficiais após seu colapso. Belarus é a única dessas (e de todas) ex-repúblicas que trocou sua bandeira por uma similar à do período soviético, por vontade de Lukašenka através de um referendo anticonstitucional em 1995.



Fonte: RADIO SVABODA – BELARUS, 2015

Seguindo o pensamento de Lao-Montes, que considera condição como passado, continuamente trabalhado pelo processo, isto é, presente, e agrega ainda o conceito de projeto (*project*), como perspectiva de unidade e descolonização futuras, podemos esquematizar a construção de um discurso identitário belarusso continental e diaspórico como tal:

Passado (*condition*) – Grão-Ducado da Lituânia, convencionalmente escolhido por belarussos como origem comum, base de sua identidade por ser um exemplo de Estado antigo e poderoso, onde belarusso era a língua e grupo étnico dominante, chegando a ser o maior país da Europa em seu auge (século XIV) e cuja nêmesis era a mesma a ser combatida atualmente: Rússia. Estados anteriores, como os ducados centrados nas cidades históricas de Polack, Turaŭ e

Minsk também são por vezes mencionados como berços do povo belarusso, assim como a tribo dos Kryvičy, antecessora desses Estados, mas, por não abrangerem a totalidade do território belarusso contemporâneo, não são tão representativas quanto o GDL;

Presente (*process*) – O contínuo processo de construção desse imaginário belarusso medieval e seus desdobramentos até a atualidade. Semelhantes aos movimentos afrodiáspóricos sobre os quais Lao-Montes fala (2007, p. 18), a militância pela língua e cultura belarussas vêm surgindo de várias formas. Alguns notáveis exemplos, além do próprio filme *Viva Belarus!*, da Rada, EHU e da Rádio Racyja, é o Belsat, único canal de televisão independente belarusso, localizado na Polônia. Em Belarus, palco de sangrentas manifestações contra o governo, como a que acontece no final do filme, belarussófonos não vivem muito diferente de seus correligionários no exterior, lutando em fronts silenciosos para manter sua identidade. Nesse contexto, historiadores como Uladzimier Arloŭ e Hienadz Sahanovič vêm realizando importantes trabalhos de investigação da história de Belarus, principalmente da era medieval. Uma prova disso é o livro *Nieviadomaja vajna: 1654 – 1667* (SAHANOVICH, 1995)⁶, que trata do conflito mais sangrento da história de Belarus: a invasão russa do século XVII, que matou dois terços da população belarussa, a qual, não obstante, derrotou e expulsou os russos. Essa guerra é chamada de “desconhecida” pelo autor porque foi apagada pelos historiadores após a derradeira anexação de Belarus ao Império Russo, já no final do século XVIII, construindo-se a partir de então uma historiografia que consagrou os russos como povo “libertador” que “trouxe a civilização” às terras belarussas, discurso semelhante ao utilizado pelos portugueses quando da invasão e conquista do que hoje chamamos de Brasil, e que perdura até hoje.

É também na época medieval que grupos musicais como Stary Olsa e Troitsa buscam inspiração, portando indumentárias e instrumentos de época em suas apresentações. Organizações e grupos da sociedade civil vêm se consolidando como uma “terceira cultura”, alternativa às políticas contra e a favor do Estado, mobilizando a sociedade através de eventos culturais, como a Galeria Ź, Tsekh, Art-Siadziba, DK La Mora e cursos gratuitos de língua belarussa cada vez mais populares, como Mova ci Kava e Mova Nanova (SMOK, 2015, p. 32), dentre outros;

Futuro (*project*) – Entendendo a diáspora como condição, de acordo com Lao-Montes, ligada ao processo que a faz e refaz, podemos igualmente pensar no futuro como resultado das ações do processo (presente). No filme, a militância de Zacharka gera importantes resultados para

⁶ Tradução minha, do belarusso: “A guerra desconhecida: 1654 – 1667”.

a posteridade: graças a ele, se torna possível jurar a bandeira em belarusso; Belarus e o mundo vêem claramente como funciona o esquema de fraudes nas votações; e, o principal, Zacharka mostra a toda a nação que basta uma pessoa para ameaçar todo um sistema, que na verdade é muito mais frágil do que parece.

Figura 8 – Foto do único exemplar da constituição do Grão-Ducado da Lituânia presente atualmente em Belarus. Escrita em belarusso antigo e datada de 1588. Sem apoio do governo, a sociedade civil juntou 22 milhões de rubiels em apenas três dias para comprá-la em um leilão na Rússia.



Fonte: HIEZHALA, 2012

Há muitos outros militantes belarussos engajados em criar um futuro melhor para seu país, como nas frentes mencionadas no parágrafo anterior. Assim como os movimentos afro-diaspóricos trabalham a questão do orgulho negro, como política de reparação por séculos de massacres e discriminação, militantes belarussos vêm incentivando a população a orgulhar-se de sua história e nela inspirar-se ao olhar para o futuro, desconstruindo estereótipos historicamente criados pelos russos de que a língua belarussa é um dialeto do russo (a título de comparação, é como dizer que italiano é um dialeto do português (cf. ELMS, 2008)), ou que é uma língua rural e atrasada. Nesse caso, por exemplo, o discurso baseado no Grão-Ducado da Lituânia mostra-se mais uma vez bastante útil. A constituição do grão-ducado, escrita exclusivamente em belarusso

antigo, foi publicada inicialmente em 1529 e é amplamente divulgada pelos intelectuais belarussos como a primeira constituição na Europa (**Figura 8**).

3 RELAÇÕES DE PODER

Na conversa entre Gilles Deleuze e Michel Foucault (1989, p. 45), no capítulo intitulado “Os intelectuais e o poder”, o último traz um questionamento crucial: quem exerce o poder? Onde o exerce? Segundo ele, “sabe-se muito bem que não são os governantes que o detêm”. Partindo deste pensamento, Lukašenka, retratado no filme como o opressor não seria o verdadeiro detentor do poder? Não, segundo Foucault, o poder não está nas mãos de ninguém, mas sempre é exercido em determinada direção. O poder passa pelas massas, que elegeram Lukašenka, desejando verem realizadas suas promessas, como Deleuze evoca Reich para dizer “não, as massas não foram enganadas, elas efetivamente desejaram o fascismo!”, o que se encaixa perfeitamente na figura de Lukašenka, uma clássica persona fascista como Vargas e Mussolini, auto-denominado *Bačka* – o pai do povo; passa pelos agentes envolvidos diretamente nas fraudes das eleições (BBC, 2001; OGLOBO, 2011); pela influência de Moscou e de Bruxelas; pela mídia, tanto controlada pelo governo quanto independente, a exemplo do canal de televisão Belsat e Rádio Racyja (ambos em exílio na Polônia); pela internet (blog e redes sociais), que desempenha um papel fundamental na narrativa; e pelos intelectuais, quase sempre nacionalistas, os membros da sociedade belarussa mais engajados na luta contra o sistema. Como Foucault nos diz (p. 42):

O papel do intelectual não é mais o de se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da "verdade", da "consciência", do discurso.

Miron encarna perfeitamente o papel do intelectual segundo Foucault. Seu comportamento de murta começa a revelar cada vez mais o mármore que esta esconde, a partir do fatídico episódio em que ele é detido pela KGB, quando seus companheiros de banda puxavam o coro da plateia entoando *slogans* nacionalistas, ele, por mais nacionalista que fosse, pedia para que todos fizessem silêncio. As circunstâncias, no entanto, o fizeram tomar uma atitude frente às injustiças que testemunhou – “a percepção de um ponto singular em que o poder se exerce em detrimento do povo” (p. 44) – firmando assim sua militância sobre as denúncias contra o sistema opressor russófono mais do que tudo presente no exército, nas palavras de Foucault: fazendo-o

aparecer e ferindo-o “onde ele é mais invisível e mais insidioso”, passando inúmeras vezes pelo cárcere, situação amplamente estudada pelo filósofo francês e tida por este como “a manifestação de poder mais delirante que se possa imaginar” (p. 43). A violência com que Miron é tratado atesta o perigo que um único ser, por mais insignificante que possa parecer ao sistema, lhe impõe, posto que “(...) esse sistema em que vivemos nada pode suportar: daí sua fragilidade radical em cada ponto, ao mesmo tempo que sua força global de repressão”.

Assim como Foucault estuda a prisão, onde o poder se manifesta de maneira mais brutal, dando voz aos indivíduos encarcerados, o relato de Viačorka nos mostra, em primeira pessoa, como o sistema se manifesta em toda sua tirania. Não é por acaso que o exército, a instituição responsável pela defesa do país, seja também onde a russificação se manifesta em sua forma mais nítida. O governo de Lukašenka é, desde o começo, marcado por um contínuo estreitamento de laços com a Rússia. Ainda em 1997 ele assinou com o então presidente russo Boris Ieltsin o acordo que criou a União de Belarus e Rússia (SOYUZ.BY, 2013), que acabou com o controle de fronteira entre os dois países, transformando Belarus efetivamente em um satélite da Rússia. Sendo assim, logicamente, não é do interesse do Kremlin que os belarussos deixem de falar russo, principalmente no exército, órgão que guarda, mais do que outros, resquícios da era soviética em que ambos países faziam parte de um só. Não esqueçamos que língua é cultura, identidade, poder. Muito além de dificuldades de comunicação, um exército que fala belarusso teria forte identidade belarussa, o que, irremediavelmente, coloca a Rússia na condição de arquiinimiga do Estado belarusso: desde a idade média as piores guerras da história de Belarus foram travadas contra os russos (SAHANOVIČ, 1995).

Como podemos perceber a partir da história de Viačorka/Zacharka, cada elemento do sistema carrega um potencial indefinido, o poder de mudar a história, que, segundo Foucault, “com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes agitações febris como suas sínopes, é o próprio corpo do devir.” (1989, p. 14). Pensando o devir como potência, pergunto: quem a exerce? Onde a exerce?

3.1 DISCIPLINA E CONTROLE

No texto “Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle”, de 1990, Deleuze (2000) argumenta que estamos deixando as chamadas sociedades disciplinares, em que os indivíduos passam por vários confinamentos (família, escola, exército, fábrica, eventualmente hospital e prisão, o confinamento por excelência), recomeçando a vida a cada estágio, para vivermos nas chamadas sociedades de controle, onde as formas de confinamento estão em crise e o capitalismo já não é mais dirigido à produção, relegada à periferia do terceiro mundo, mas à sobre-produção, isto é, ao produto final, aos serviços.

A transição de que Deleuze fala, a qual tem em Napoleão um de seus principais agentes, parece não ter fim: do século XIX ao início do século XX (fim do modelo da sociedade de controle, segundo Foucault), até 1990, ano de publicação do texto de Deleuze, ela continua a se arrastar indefinidamente e de maneiras diversas ao redor do mundo. Se nos países capitalistas desenvolvidos, como a França, a fábrica cedeu seu lugar central à empresa, na chamada periferia do terceiro mundo ela continua funcionando a todo vapor; na União Soviética, a crise do confinamento inerente à transição se mostrará fatal em um país que essencialmente era uma prisão de mais de vinte e dois milhões de quilômetros quadrados. As políticas da Glasnost e da Perestroika, primeiras rupturas do confinamento a nível estatal, foram bastiões dessa transição em solo soviético, constituindo o pivô do derradeiro colapso do país, que já estava se desintegrando à época do texto de Deleuze.

Décadas depois, nas sociedades pós-soviéticas, o que podemos perceber é que a sociedade de controle ainda está longe de se consolidar. Pior: juntou-se o que há de mais retrógrado dos dois modelos: o sistemático confinamento da sociedade disciplinar e a modulação da sociedade de controle; o par massa-indivíduo agora é massa-divíduo. Os dois modelos coexistem em Belarus, onde fábrica e empresa exploram as massas no modelo socialista, ao mesmo tempo em que esta é consumidora nos moldes capitalistas, onde o maior beneficiado e dono dos meios de produção continua sendo o Estado.

Dentro desse contexto, podemos entender então por que as políticas de russificação implementadas por Lukašenka lhe são tão importantes, pois consolidam a exploração das massas, como na sociedade disciplinar soviética que resiste mesmo diante da transição a um modelo de controle capitalista ocidental. Torna-se claro, então, por que (in)divíduos como Miron

representam uma ameaça a esse sistema, posto que a ruptura com a língua russa representa uma ruptura com o passado e o modelo soviéticos, minando assim a figura do ditador, ao mostrar que o poder pode ser exercido por qualquer pessoa. Nesse sistema em transição, as armas de repressão do passado ainda se impõem às formas de resistência civil modernas, como a murta manifestada no meio digital e midiático. Os blogs e redes sociais são a caneta do século XXI e as tropas de choque, a espada. A vitória de uma delas será o indicador de que rumo a transição há de tomar.

3.2 O SIMULACRO BELARUSSO

O francês e seu idioma ocupam lugar hegemônico na França. O japonês e seu idioma ocupam lugar hegemônico no Japão. O mesmo paradigma pode ser aplicado a inúmeros outros estados nacionais, onde determinada etnia e idioma dominantes ocupam lugar de modelo hegemônico. Seguindo um pensamento platônico, podemos pensar no seguinte esquema:

- Ideal étnico (modelo): conjunto de características físicas e culturais estereotípicas;
- Cidadã/o (cópia): realidade documental e noção de pertencimento;
- Minoria étnica (simulacro): povos indígenas, povos marginalizados, imigrantes e/ou refugiados.

As relações hegemônicas agora se tornam um pouco mais complexas. A título de exemplo, o modelo francês seria não o negro da Martinica, tampouco o polinésio taitiano, ou o *pied-noir* argelino (a exemplo de Jacques Derrida ou Albert Camus), mas o europeu originário (e, preferencialmente) residente na França metropolitana, e, mesmo aí, não estamos tratando do basco ou do provençal e sim do parisiense branco. Entretanto, os outros indivíduos citados são tão cidadãos franceses (cópia) quanto esse “parisiense da gema”, ainda que suscitem dúvidas e estejam sujeitos a discriminações. Por fim, temos os imigrantes e seus descendentes, principalmente oriundos das ex-colônias francesas, além dos refugiados, um estorvo para esses baluartes do ideal étnico francês que estão apavorados com a ideia de se tornar minoria e perseguem os indivíduos (cidadãos ou não) que se encaixem nos padrões do simulacro, sobretudo os semitas.

Agora vejamos: em um país chamado Belarus, onde, de acordo com o censo de 2009 (SVABODA, 2010), 84% da população é etnicamente belarussa, logo, o mais lógico, seria que em Belarus o povo belarusso e seu idioma ocupassem lugar hegemônico, certo? Não é o que se verifica na realidade do país. Pior: belarussos são discriminados, principalmente por quaisquer traços que apontem diretamente para a sua etnia, que os distanciem do mundo russófono. Discriminados por quem? Por eles mesmos.

Figura 9 – Há dezesseis monumentos a Lenin só em Minsk, capital de Belarus.



Fonte: SVABODA, 2013

Assim como em outros países com passado colonial, onde há melhores perspectivas de vida para quem se pareça com os antigos invasores (recuso-me a utilizar termos como “senhores coloniais” ou “colonizadores” para descrever perpetradores de crimes contra a humanidade), a exemplo do Brasil, em Belarus há um histórico de negação da cultura local e forçosa aproximação para a cultura dominante, de fato, russa, o que há muito vem sendo incentivado pelo estado. Isto se torna claro ao ver quantos monumentos da era soviética permanecem impávidos nas cidades belarussas (**Figura 9**) enquanto figuras políticas da história de Belarus são quase ausentes, a exemplo de Tadevuš Kaściuška, líder da insurreição de 1794 contra o Império Russo e herói da guerra de independência dos Estados Unidos da América, tendo imponentes

monumentos em vários países do mundo e a maior montanha da Austrália batizada em sua homenagem, mas nenhuma menção ao seu nome em Minsk (BELSAT, 2016).

Ser belarussa/o em Belarus é um ato de bravura. Não apenas se dizer, quando o censo pergunta, ou quando for conveniente, mas, de fato, falar belarusso como língua primária no trabalho, nos estudos e na vida cotidiana, o que invariavelmente leva a um constante estado de atrito com a sociedade e de revolta contra o regime. Não que os cerca de 8% da população que se afirmam como russos étnicos dominem os demais. Na prática, é difícil ver a diferença entre um belarusso russófono e um russo. A diferença está no idioma e, conseqüentemente, na cultura, e aí está a maior frente de batalha do governo belarusso em sua política de russificação do povo. O próprio Lukašenka já depreciou a língua belarussa inúmeras vezes em público (THEGUARDIAN, 2015) e há o estereótipo de que russo é a língua da cidade, da ciência e do progresso, ao contrário da língua local, provinciana, limitada.

Como podemos perceber, o belarusso, que, ao menos em tese, deveria estar no lugar de modelo, do ideal étnico, encontra-se, na verdade, no lugar de simulacro platônico, odiado pelo governo, bastião da minoria étnica que deveria, por sua vez, ser o simulacro e que usa de todas as forças para oprimi-lo. Viačorka, em seu relato, traduzido como Zacharka, representa exatamente isso, o simulacro que anseia ascender, ocupar o centro. Se o simulacro platônico é desprezível, execrável, Deleuze o reverte, afirma como potência (2000, p. 10):

Reverter o platonismo significa então: fazer subir os simulacros, afirmar seus direitos entre os ícones ou as cópias (...) ele encerra uma potência positiva que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução. Pelo menos das duas séries divergentes interiorizadas no simulacro, nenhuma pode ser designada como o original, nenhuma como cópia.

Sendo assim, o belarusso é um caso curioso de devir que sobe para tomar seu próprio lugar, para derrubar a si mesmo, ou melhor, para tornar *de facto* o que é *de jure*. É o que Viačorka/Zacharka faz ao conseguir que o exército belarusso permita o óbvio: falar belarusso, jurar à bandeira belarussa em belarusso; é o que ele pretende fazer ao se candidatar a deputado e denunciar as fraudes na contagem de votos: exigir eleições democráticas na república que se diz democrática. O protagonista consegue assim ser subversivo dentro de si, reverter os modelos de Deleuze e de Platão ao ser modelo, cópia e simulacro ao mesmo tempo em que, como o poder, não ocupa nenhum desses três espaços.

3.3 GÊNERO E LUTA

Ao discutirmos relações de poder, mais cedo ou mais tarde, chegamos à discussão de gênero. Embora este não seja um tema plenamente central na narrativa, podemos encontrar, sobretudo na figura de Vera, interessantes indicadores no filme, que revelam como a opressão em Belarus é sexista, fruto de todo um sistema imperialista construído de modo a apagar o protagonismo feminino da história.

Lao-Montes afirma que uma das maiores contribuições teóricas do feminismo negro é o conceito da “política de localização”, que relaciona as múltiplas mediações (gênero, classe, raça, etc.) que constituem o indivíduo dentro dos diversos modos de dominação (capitalismo, patriarcado, racismo, imperialismo) e que distinguem movimentos e lutas sociais ainda emaranhadas. De fato, escrevendo este artigo, um pensamento sempre aflorava: “Por que escrevo ‘belaruso(s)’ se a maioria da população de Belarus (e de toda a humanidade) é composta por mulheres?”. É necessário ter consciência de que estamos apenas começando um longo e indispensável processo de conscientização e desconstrução dos paradigmas de gênero, dentre muitos outros, presentes nas sociedades humanas.

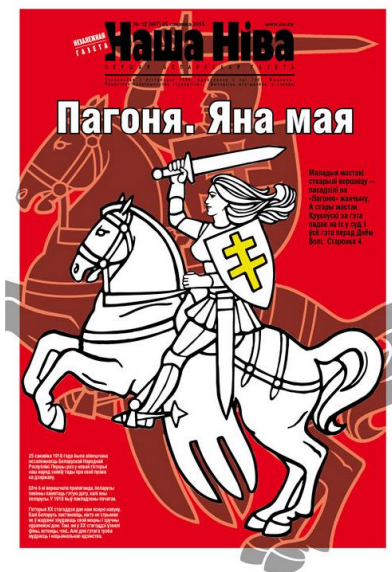
A história de Belarus é marcada por um magnífico protagonismo feminino, algo semelhante à história iorubá pré-colonial como nos relata Oyewumi (2005, p. 343). É impossível pensar na história belarussa sem nomes como Rahniada, duquesa de Polack, Barbara Radzivil, grã-duquesa lituana, ou a Santa Efrasinnia Polackaja, padroeira de Belarus. Com a anexação ao Império Russo, entretanto, essa terra de líderes políticas e religiosas logo passou a ser de escravas e camponesas. Mas isso não foi o suficiente para acabar com o protagonismo das mulheres belarussas, que continuaram lutando pela independência de seu país, a exemplo de Emilija Pliater, mártir da insurreição de 1830-1831 contra o Império Russo, e da revolucionária Paluta Badunova, uma das fundadoras da República Popular Belarussa, cujo governo em exílio atualmente é presidido por outra mulher, Ivonka Survila. No contexto soviético, outra belarussa de destaque é Larysa Hienijuš, grande poetisa e ativista, cujos versos de protesto e de luta frequentemente são recitados por movimentos nacionalistas belarussos.

Tais movimentos também contam com grande participação feminina, inclusive como forma de desconstruir o conceito de gênero (pós-)soviético reinante. Nas últimas eleições, pela primeira vez na história de Belarus, houve uma candidata à presidência, Tacciana Karatkievič,

não para a surpresa de muitos, belarussófona. Mesmo a *Pahonia*, o tradicional brasão de armas do GDL e da BNR, oficiais em Belarus até 1995, frequentemente utilizado pela oposição nacionalista ganhou uma versão feminina (**Figura 10**), o que gerou muita polêmica, sobretudo entre belarussos russófonos, mais retrógrados.

No filme, esse renascimento do protagonismo feminino belarusso é encarnado pela personagem Vera, de fato, mentora de Miron, que até encontrá-la tinha uma visão política moderada, por vezes, submissa. É ela que o inspira a seguir em frente e fazer a diferença quando ele é punido com o serviço militar na região próxima a Chernobyl, e é ela que escreve e administra o blog, a partir dos relatos de Miron, até o exército descobri-lo. Quando a situação piora ainda mais, Vera não arrefece e vai às ruas com a banda Forza para mobilizar o povo contra o regime totalitário de Lukašenka e em defesa da língua belarussa.

Figura 10 – Capa do jornal belarussófono *Naša Niva* com a *Pahonia* feminina em primeiro plano e a masculina em segundo. Sobre ela se lê: *Pahonia. Jana maja* (“*Pahonia. Ela é minha*”).



Fonte: NN.BY, 2015

Enquanto imprimia cartazes de Miron para colar nas paredes das ruas, Vera tem seu apartamento invadido e devassado por agentes da KGB, que a dopam e espalham materiais pornográficos, garrafas de vodka quebradas e bitucas de cigarros, e então chamam uma equipe de televisão para filmar o local. As imagens, veiculadas em um telejornal, desmoralizam Vera e a juventude opositora do regime, que deve ser reintegrada à “sociedade normal” após passar por uma instituição penitenciária. Na prisão, Vera beira a loucura dentro de uma solitária, enquanto Miron é vítima de um acidente vascular cerebral como consequência da perseguição que sofre ao revelar o esquema de fraudes nas eleições.

É interessante perceber como a construção social de gênero impacta no modo de perseguir as pessoas que se opõem ao regime. Miron é punido com serviço militar, obrigatório para homens, do qual antes era eximido pelos problemas de saúde que, de fato, o levaram a ter um AVC. Além disso, ele é espancado e ameaçado de morte por agentes da KGB e militares em

diversos momentos ao longo da narrativa. Vera, por ser mulher, recebe outro tipo de agressão. Em uma sociedade conservadora como a belarussa, ela é mostrada pela mídia como prostituta, alcoólatra e drogada, uma degenerada, como todas as outras pessoas da oposição. Com tal demonstração, o governo, que controla quase toda a mídia, reafirma à população a construção de gênero soviética, onde mulher direita deve ser bela, recatada e do lar.

Oyewumi cita Albert Memmi para argumentar que o “maior golpe sofrido pela(o) colonizada(o) é ser apagada(o) da história”⁷ (p. 356), e Fanon, para dizer que devemos “acabar com a história de colonização... e tornar realidade a história da nação – a história da descolonização”⁸. As mulheres belarussas entenderam ainda antes dos homens que é necessário lutar pela liberdade e descolonização de seu povo, porque elas estão sendo duplamente oprimidas: primeiro pelo sistema imperialista russófono, segundo, pelos homens que, oprimidos ou não, estão acima delas nesse sistema. Para elas, subvertê-lo não é apenas uma questão de sobrevivência de seu povo, mas de voltar a fazer parte da história como protagonistas.

⁷ Tradução minha, do inglês, de: “the most serious blow suffered by the colonized is to be removed from history”.

⁸ Tradução minha, do inglês, de: “put an end to the history of colonization... and to bring into existence the history of the nation – the history of decolonization”.

4 LEITURA COMPARATIVA ENTRE O BLOG E O FILME

Além da tradução intersemiótica abordada constantemente neste estudo, também foi realizado um grande trabalho de tradução interlingual do texto de Franak para português. A minha tradução do *Armiejski Dziohnik*, ou *Diário do Exército*, realizada para efeitos comparativos neste estudo, parte, principalmente da língua belarussa, mas, também das línguas russa, trasianka e inglesa. Este é um texto muito interessante para o campo de Estudos da Tradução, sobretudo porque não foi escrito diretamente por seu autor, que estava em situação análoga ao cárcere, no serviço militar, mas por uma equipe de redação de um jornal on-line. O texto foi transmitido oralmente, como no filme, através de telefones celulares contrabandeados, constituindo um exemplo claro do que Octavio Paz afirma em seu livro *Literatura e literalidade* (2006, p. 13): “Cada texto é único e, simultaneamente, é a tradução de outro texto. Nenhum texto é inteiramente original, porque a própria linguagem em sua essência já é uma tradução: primeiro, do mundo não-verbal e, depois, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro”. Assim, temos ao menos três textos únicos:

1. A leitura de mundo feita por Franak;
2. Seu relato oral, feito sob condições adversas e intermitentes, a uma equipe de reportagem da mídia independente, que, vivendo sob um regime autoritário, tampouco está livre de perseguições;
3. O texto on-line escrito e publicado por essa equipe.

A mim coube a tarefa de traduzir esse último texto para a língua portuguesa, ou melhor, a leitura individual que eu fiz, com ajuda da minha esposa, nativa de belarusso e russo, em outro momento e lugar (Salvador, Brasil, 2015-2017) consideravelmente distantes dos acontecimentos narrados. Como aponta Rosemary Arrojo, em seu livro *Oficina de tradução: a teoria na prática* (2007, p.76-77):

Além da complexa tarefa de dominar as línguas envolvidas no processo, aprender a traduzir significa necessariamente aprender a “ler”. *Ler*, aqui, se refere à concepção de leitura que tentamos desenvolver nos capítulos anteriores: aprender a “ler” significa, portanto, aprender a produzir significados, a partir de um determinado texto, que sejam “aceitáveis” para a comunidade cultural da qual participa o leitor. (...) Assim, quanto mais bem informado for o leitor, quanto melhor conhecer sua comunidade cultural, quanto melhor conhecer a obra do poeta que pretende ler, quanto maior for a sua prática

como leitor de poemas, melhor e mais bem-sucedida será sua leitura. Ao mesmo tempo, quanto melhor e mais bem-sucedida for sua leitura, maiores serão as condições que esse leitor terá de influenciar e mudar as concepções e as convenções que regem a comunidade à qual pertence.

Considerando as noções de leitura de mundo e de produção de significados explicitadas acima, a leitura que fiz do *Armiejski Dziońnik* e do filme *Viva Belarus!* está imbuída da minha vivência em Belarus, país que tive a oportunidade de visitar em 2012 e ver de perto sua cultura e patrimônio cultural e histórico, além de visitar outras ex-repúblicas soviéticas vizinhas – Lituânia e Ucrânia – e viver em uma delas – Rússia; da minha convivência e aprendizado diários com Volha, minha esposa, cidadã de Belarus, que me ajudou bravamente no processo de tradução dessa leitura para o texto em português, com inúmeras notas de rodapé e explicações para a comunidade cultural brasileira, mais especificamente soteropolitana, distante geográfica e culturalmente daquela região.

Arrojo afirma, no mesmo capítulo, que o tradutor carrega uma grande responsabilidade ao produzir um texto de chegada para uma comunidade cultural que não tem acesso ao texto de partida, desempenhando assim o papel de texto “original”. Dada a importância desse texto de partida neste estudo, decidi disponibilizá-lo aqui, em belarusso (ANEXO C). Ainda que a língua belarussa esteja um tanto fora do alcance da comunidade cultural brasileira/lusófona, nesse documento, é possível verificar certas características que levei em consideração ao traduzi-lo, a saber:

- A ausência de itálico, inclusive para vocábulos em outras línguas (russo e inglesa), aspecto que respeito e reproduzo na minha tradução;
- Estrangeirismos deliberadamente deixados sem tradução pelo autor (palavras, frases e até pequenos textos em russo e em inglês), que, assim como o autor, deixei sem tradução no texto principal, traduzindo-os nas notas de rodapé. É importante ressaltar que as citações em russo são claramente inteligíveis para o público belarusso, diferentemente do caso do brasileiro, contudo, considerando que, se a maior parte das experiências relatadas por Franak no diário (leitura de mundo) aconteceram em russo e foram traduzidas por ele para belarusso, por algum motivo especial ele deixou essas passagens específicas em russo, o que decidi manter, até mesmo como uma forma de

mostrar a presença opressora russófona na narrativa, nitidamente presente no filme. Para evitar que a comunidade lusófona confunda as línguas russa e belarussa, ambas eslavas e escritas oficialmente com o alfabeto cirílico, e seus desdobramentos político-ideológicos, decidi transcrever nomes e citações belarussas para o alfabeto latino, de acordo com as regras da UNGEGN (ANEXO A), deixando assim claro o que está em belarusso e o que está em russo;

- A grafia belarussa clássica utilizada por Franak, que transcrevi para o alfabeto latino. A língua belarussa tem duas ortografias, que, na prática, são dois registros distintos. Uma, a oficial, conhecida como *narkamaŭka*, foi desenvolvida pelo governo soviético de maneira a aproximar o máximo possível a língua belarussa da russa, apresentando assim padrões ortográficos e carga lexical semelhantes aos da língua russa. A outra, conhecida como *taraškievica* (DUBAVIEC, 2005), ou ortografia clássica, é utilizada por intelectuais e ativistas como Franak, por se distanciarem significativamente da língua russa, inclusive em termos topográficos, como *Miensk* e *Bieraściejskaja Krepaść*, respectivamente *Minsk* e *Bresckaja Krepasć*, em *narkamaŭka*, mais próximos das formas *Minsk* (de onde vem a grafia em português) e *Brestskaia Kreposts'*, em russo, de onde vem a grafia da cidade e fortaleza de Brest, em português.

4.1 ÍNDICE TEMÁTICO

Com o intuito de facilitar a leitura do estudo comparativo a seguir, sintetizei as narrativas em dez temas abordados no blog e traduzidos para o filme, em ordem alfabética, com respectivas marcações de tempo e datas do diário. Assim, por exemplo, para saber como a questão central da língua belarussa no exército aparece no blog e filme, basta verificar o item “Língua belarussa no exército”, para saber em que dias esse tema é tratado no blog e em que momentos, de uma maneira ou de outra, ele aparece no filme.

Blog dentro do filme

00:24:46,800 --> 00:25:09,800	9 de fevereiro, 20 de fevereiro, 12 de março, 14 de maio,
00:52:17,800 --> 00:52:27,800	12 de junho
00:54:38,800 --> 00:54:50,800	

Condições insalubres

00:18:25,800 --> 00:18:43,800 14 de fevereiro, 20 de fevereiro, 12 de abril, 26 de abril
 00:26:00,800 --> 00:26:48,800

Humilhações

00:19:03,800 --> 00:19:33,800 14 de fevereiro, 12 de março, 8 de abril, 13 de maio
 00:20:06,800 --> 00:20:36,800
 00:36:00,800 --> 00:36:43,800
 01:02:10,800 --> 01:02:48,800
 00:51:06,800 --> 00:51:31,800

Leis

00:14:27,800 --> 00:15:25,800 28 de janeiro, 26 de fevereiro, 23 de março, 20 de maio,
 12 de junho

Língua belarussa no exército

00:39:55,800 --> 00:40:49,800 7 de fevereiro, 23 de fevereiro, 25 de fevereiro, 17 de março,
 00:49:50,800 --> 00:50:47,800 25 de março, 13 de abril, 7 de junho
 01:27:10,800 --> 01:27:35,800

Mídia

00:36:44,800 --> 00:37:33,800 28 de janeiro, 18 de abril, 8 de maio, 10 de junho
 00:49:13,800 --> 00:49:40,800
 01:07:58,100 --> 01:08:38,000
 01:17:29,800 --> 01:18:05,800

Problemas de saúde

00:02:09,800 --> 00:02:23,800 28 de janeiro, 16 de fevereiro, 17 de fevereiro, 14 de março,
 00:11:20,800 --> 00:12:41,800 23 de março, 18 de maio, 3 de junho, 4 de junho, 5 de junho
 00:26:18,800 --> 00:26:48,800

Radiação

00:13:09,800 --> 00:13:13,800 5 de abril, 6 de abril, 25 de abril
 00:13:48,800 --> 00:13:50,800

00:13:53,800 --> 00:14:10,800

00:34:36,800 --> 00:35:35,800

Simbolismo soviético

00:14:18,800 --> 00:14:22,800 7 de fevereiro, 23 de fevereiro, 1 de março, 3 de março,

00:17:51,800 --> 00:17:54,000 16 de março, 30 de março, 1 de abril, 18 de abril

00:24:03,800 --> 00:24:40,800

Vida no exército

00:15:28,800 --> 00:15:31,800 28 de janeiro, 9 de fevereiro, 14 de fevereiro, 16 de fevereiro, 1

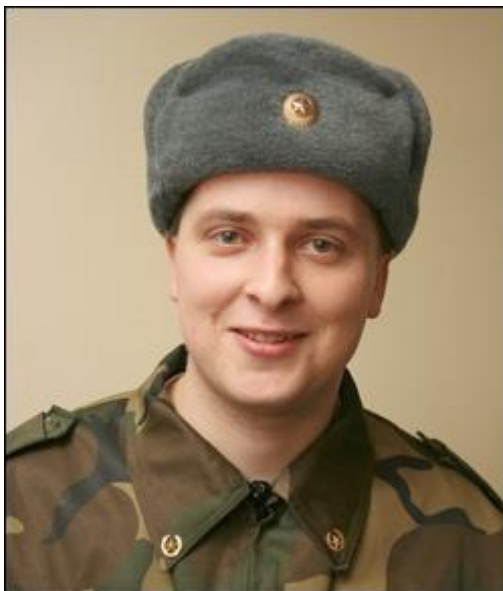
00:21:19,800 --> 00:21:38,800 de março, 2 de março, 3 de março, 4 de março, 5 de março, 7 de

00:25:11,800 --> 00:25:49,800 março, 13 de março, 17 de março, 21 de março, 26 de março, 1

01:31:13,900 --> 01:31:22,800 de abril, 4 de abril, 6 de abril, 12 de abril, 20 de abril, 26 de
abril, 1 de junho

4.2 O DIÁRIO DO EXÉRCITO

Figura 11 – Foto de Franak Viačorka com uniforme do exército.



Fonte: VIAČORKA, 2009

Franak Viačorka. Nascido em Minsk, em 1988. Formou-se no Liceu Belarusso de Ciências Humanas Jakub Kolas, estudou na Universidade Estatal de Belarus, de onde foi expulso. Matriculou-se na Universidade Europeia de Ciências Humanas. Presidente do Comitê do Partido da Frente Popular Belarussa, um dos líderes da Juventude da FPB, diretor da iniciativa artística Gulf Stream de Belarus⁹. Pioneiro da dublagem de filmes para língua belarussa. Produtor dos projetos musicais “Acredito em você”, “Escola Partisan”, “Eu independente”, “Janka Kupala – 125”, coordenador de vários eventos e concertos. Um dos ativistas do

⁹ Projeto de dublagem de filmes estrangeiros contemporâneos para língua belarussa.

movimento democrático da juventude, que foi violentamente recrutado para o exército. Desde 28 de janeiro de 2009 está nas forças armadas de Belarus (**Figura 11**).

28 de janeiro. You're in the Army Now¹⁰

"Eu saí para comprar pão e fui levado para o exército", – conto. Os soldados riem. Ironia do destino.

Minha detenção fazia lembrar um filme de Hollywood. A detenção de um bandido perigoso. Um Volkswagen com vidros escuros, um homem suspeito na porta do edifício, policiais em todos os lugares... Estou eu perto do semáforo quando dois homens chegam correndo, me imobilizam, sem se identificar, e me arrastam para dentro do carro. O comboio (ou comitiva?) me conduz até o quartel. Tudo é filmado.

Comigo eles se comportaram de forma rígida. O comissário militar tenente-coronel Zahorski leu a decisão sobre meu direcionamento ao serviço militar. No escritório havia agentes à paisana, militares, um operador de televisão – tudo previamente calculado e preparado. Quando eu disse que a decisão era ilegal, uma violação de procedimento, começaram a me bater, insultar, me derrubaram e me algemaram...

As algemas deixaram minhas mãos pálidas. Uma dor aguda e profunda...

– Aonde estão me levando? – pergunto.

– Родину защищать!¹¹

Chegamos a Baranavičy depois do almoço. Fui recebido por 120 pares de olhos igualmente perplexos. A maioria dos rapazes é das regiões de Mahilioŭ e Homiel, belarussos. Por algum tempo não me notavam, até que os superiores chamaram a atenção para mim. Direcionaram-me um sargento que em momento algum se distanciou. O sargento anotava os sobrenomes dos rapazes com quem conversei e relatava a seus superiores. Um veterano, com o

¹⁰ Tradução minha do inglês: "Você está no exército agora". Refere-se a uma popular canção interpretada pela banda de rock britânica Status Quo.

¹¹ Tradução minha do russo: "Defender a pátria!".

consentimento da administração, me deu um telefone para ligar para casa e contar o que aconteceu comigo e onde eu estava. Meu próprio telefone foi confiscado.

Com relação à língua belarussa os soldados reagiram de maneiras diferentes, mas todos tentavam ouvir e entender. Eu tive de me tornar um "advogado" dos soldados, falar aos comandantes sobre nossos problemas. Para a honra deles, as minhas observações não foram deixadas de lado.

Dos 200 soldados recém-chegados, não conheci nenhum que viesse servir ao exército voluntariamente. Para alguns, isso era até mesmo uma tragédia pessoal ou familiar. Um dos rapazes tem uma filha que acabou de completar três anos¹², sua esposa está grávida e desempregada. Enviaram-lhe a convocação e, no dia seguinte, o levaram...

Muitos caíram no novo decreto do Ministério da Defesa sobre requisitos médicos para os recrutas, assinado no final de julho de 2008. Tornaram-se "aptos" milhares de jovens que anteriormente tinham sido adiados ou eram considerados inaptos para o serviço por questões médicas.

Às 21h, assistimos ao programa Panarama¹³. Os soldados assistem e riem. Eles não acreditam mais na propaganda do governo.

RELAÇÃO COM O FILME

A cena da captura de Miron, no filme, é claramente baseada no relato deste dia, com uma diferença básica: ele é capturado na portaria do prédio de Vera, onde pernitoou, não em praça pública, como Franak relata. Logo, os agentes da KGB não correm em sua direção, eles o aguardam pacientemente:

00:11:20,800 --> 00:11:27,800

<russo> Agente da KGB: – Zakharko..?
 Miron: – Não.

(VIVA BELARUS!, 2012)

¹² O serviço militar belarusso é obrigatório para homens entre 18 e 27 anos de idade, exceto em casos de problemas de saúde, estudantes ou quando pais de crianças com menos de três anos de idade. É necessário comparecer ao quartel todos os anos, durante esse período, para provar algum desses motivos de dispensa.

¹³ Popular programa de notícias da televisão estatal belarussa.

Como podemos perceber na citação acima, Miron, pego de surpresa, demora sete segundos para esboçar uma resposta, monossilábica e negativa. Essa hesitação dá aos agentes a certeza de que esse é o infrator que eles aguardavam.

Miron, como já vimos, é uma pessoa essencialmente diferente de Franak. As circunstâncias em que ele é preso são um reflexo disso, seguindo os dramáticos acontecimentos pós-concerto da banda Forza, inexistentes na vida de Franak. O que os relaciona, na narrativa, são os acontecimentos que se desenvolvem daí por diante:

00:11:45,000 --> 00:12:41,800

<russo> Placa na parede *Setor de alistamento do exército de Minsk*
 Oficial do exército: – Inapto..?
 Miron: – Eu fui adiado por condições de saúde, de acordo com o regulamento que define o recrutamento para forças armadas da República de Belarus..
 Oficial do exército: – O regulamento mudou. Segundo a Ordem do Ministério da Defesa da República de Belarus, hipertensão tipo 1, prolapso mitral, escoliose e cifose não são razões suficientes para desqualificar o candidato do serviço militar. Portanto, foi decidido que o cidadão aqui presente é apto para completar o serviço de 18 meses com efeito imediato.
 Miron: – Camarada chefe, exijo uma avaliação médica adicional..
 Oficial do exército: – Até mais ver. A sessão está encerrada.
 <belaruso> Miron: – Žmicier, me pegaram! Isso é ilegal...
 (VIVA BELARUS!, 2012)

Assim como Franak no diário, ao dizer que a decisão é ilegal, Miron é espancado pelos militares e agentes, sendo levado ao quartel logo em seguida. Não há diálogos durante o trajeto, logo, não há menção de “defender a pátria”, frase que, contudo, aparece antes da dispensa de Miron, ainda no início do filme, dita por um recruta a uma equipe de televisão:

00:01:44,800 --> 00:01:52,800

<russo> Repórter: – O que significa para você servir o exército?
 – Lá me tornarei um homem de verdade, vou defender a pátria..
 Recruta:
 (VIVA BELARUS!, 2012)

Nesse contexto, a noção de “pátria” torna-se ainda mais clara quando da chegada de Miron ao quartel de Mazyr, onde se lê na entrada “O quartel é sua pequena pátria” (VIVA BELARUS!, 2012, 00:14:18,800).

A natureza visual do filme nos permite ter uma ideia mais clara da realidade da zona radioativa do sul de Belarus do que Franak relata em seu diário, até porque o público que o lia conhece muito bem a realidade daquela região de seu país: prédios abandonados, placas alertando sobre os altos níveis de radioatividade, pessoas enfermas nas filas das farmácias, pobreza crônica (esse tema ainda será tratado nos dias 5 e 25 de abril). Tudo isso é mostrado na cena em que Miron é levado de carro de Minsk até o quartel de Mazyr. Aí se encontra outra diferença entre o diário e o filme: Franak relata que primeiro foi levado ao quartel de Baranavičy, cerca de 140km ao sudoeste de Minsk, para, depois de alguns dias, incluindo o do juramento, finalmente ser mandado a Mazyr, cerca de 300km ao sudeste dali, na zona radioativa de Chernobyl. No filme, isso certamente demandaria mais tempo e recursos, o que, acredito, explica a escolha da direção de filmar apenas no quartel de Mazyr, o que, inclusive, torna a narrativa ainda mais dramática.

No diário, Franak relata que seu telefone foi confiscado e que um veterano, com consentimento de seus superiores, lhe fornece um telefone para que pudesse avisar a seus familiares o que aconteceu. No filme, quem faz isso é o comissário político, que permanece no mesmo recinto, escutando a conversa:

		00:15:28,800 --> 00:15:31,800
<russo>	Comissário:	– Quer ligar para alguém..?
<belarusso>	Miron	<i>Miron conversa com Žmicier e Vera, depois o comissário político escuta a conversa, usando a extensão do telefone.</i>
		(VIVA BELARUS!, 2012)

Como veremos no filme, o comissário em questão substitui o veterano, nessa cena, mas também o sargento que acompanha Franak, relatando tudo que este faz a seus superiores, e outros personagens, ao longo da narrativa.

7 de fevereiro. Jurar fidelidade à Pátria

Às vésperas do juramento nos foi dado um novo uniforme: jaqueta, calças, coturnos e até mesmo um emblema para boina. Os trapos¹⁴ foram trocados por meias. Todos esperavam algo diferente. Esse é o mesmo uniforme da polícia, mas com outras cores e qualidade bem inferior. Faltavam tamanhos adequados. Os rapazes vestiam as calças justas, como se fossem de malha, os de menor estatura se afogavam nas jaquetas. Os coturnos de Mahilioŭ eram falsos, de borracha, e descolavam no mesmo instante.

A decepção dos rapazes não tinha fim.

Enfileiraram-nos duas horas antes do juramento. Não havia espaço suficiente para os duzentos soldados na pracinha de asfalto rachado. Os pais escalavam murais, traves e equipamentos de educação física, choravam e gritavam "Saša! Saša!"¹⁵. Ouvindo seu nome, quase um quarto dos recrutas voltava-se na mesma direção.

Perto do palco havia uns rapazes agitados. Dos alto-falantes soou a canção de Čyrvonym pa Bielym, *Não desejo*¹⁶:

"...Afinal, não somos apátridas,
Somos belarussos.
Com uma chama nos olhos,
Com um sorriso nos lábios.
Precisamos ter honra e acreditar que
Nós temos o nosso, porque o nosso não é alheio".

Os superiores não notaram. "Isso que é juramento!" – pensei eu. Eu fui o único que jurou em belarusso: "Eu juro desempenhar honradamente as minhas obrigações militares, proteger, com coragem e dedicação, a independência, a integridade territorial e a ordem constitucional da República de Belarus".

No final, os soldados tinham de gritar "Eu sirvo a República de Belarus!". Um rapaz mais inquieto deixou escapar: «Служу Советскому Союзу!»¹⁷

¹⁴ Ao invés de meias, os soldados belarussos enrolam os pés com um pano comprido e longo. Herança da tradição militar soviética.

¹⁵ Abreviatura de Aliaksandr (belarusso) ou Aleksandr (russo). Nome típico masculino em Belarus.

¹⁶ Famoso grupo de rap em Belarus, cujas letras, em belarusso, são tipicamente de protesto (ČPB, 2010).

Eu gritei "Viva Belarus!". Da multidão ouviu-se um coro "Viva!" e os gritos da minha mãe, da qual tiraram uma bandeira branca, vermelha e branca à força. A Juventude da FPB abriu uma faixa "Por um exército profissional". Dois rapazes foram levados para a polícia...

À noite, depois do "recreio", os soldados "comemoraram". Garrafas vazias eram descartadas aos montes...

Dezesseis rapazes, inclusive eu, fomos os primeiros a deixar a chamada "quarentena"¹⁸. Marchamos rapidamente para a estação ferroviária e daí a Mazyr no trem noturno...

RELAÇÃO COM O FILME

Como mencionado anteriormente, o quartel de Baranavičy não aparece no filme, sendo a ação diretamente transferida de Minsk para Mazyr, sem o período de “quarentena”. Quanto à ambientação do quartel, Miron relata:

<belarusso>	<p>00:24:03,800 --> 00:24:40,800</p> <p>Miron: A maior tragédia do século XX foi o colapso da União Soviética. Felizmente, aqui parece que a URSS não acabou... Está certo que hoje temos símbolos nacionais, brasão e língua belarussa, mas eles não são necessários e parecem até temporários. O renascimento da URSS sob liderança do nosso presidente é apenas uma questão de tempo... Provavelmente somos o último exército do mundo que usa pano enrolado ao invés de meias... Nós podemos nos deslocar pela base militar apenas andando em fileiras ou correndo. Andar normalmente é indesejável... (VIVA BELARUS!, 2012)</p>
-------------	---

Há inúmeras referências aos moldes soviéticos nos quais se inspira o exército belarusso sob a égide de Lukašenka. Os trapos são uma delas, mas, como veremos adiante, há até mesmo imagens físicas e imaginárias do próprio Lenin. Não é à toa que um dos recrutas diz servir à União Soviética. No juramento do filme não há referência à canção de Čyrvonym pa Bielym, tampouco de familiares ou amigos de Miron o visitando, aliás, diferentemente do diário, não há

¹⁷ Tradução minha do russo: “Sirvo à União Soviética!”.

¹⁸ Neste caso, quarentena se refere ao período em que os recrutas permanecem em um quartel comum, até o juramento, para depois serem enviados aos seus quartéis de destino.

referência alguma de familiares de Miron no filme, escolha que talvez tenha sido feita pela direção com o intuito de dar mais dramaticidade à trajetória do protagonista, além de enxugar o número de personagens/atores. Diferentemente de Franak, Miron não jura à bandeira. Quem tenta fazer isso em belaruso – e por isso sofre graves consequências – é o soldado Šery, após o qual a cerimônia é cancelada:

00:39:55,800 --> 00:40:49,800

<russo> <belaruso> <russo> <belaruso> <russo>	Oficial militar: Šery: Oficial militar: Šery: Oficial militar: <russo> <belaruso>	– Eu, cidadão da República de Belarus... – Eu, cidadão da República de Belarus... – Juro ser fiel ao povo. – Juro ser fiel ao povo. – O que está inventando, soldado Siery? Siga o texto! Eu, cidadão da República de Belarus, juro ser fiel ao povo! Proteger a constituição da República de Belarus! Servir ao presidente e à Pátria! Servir ao presidente e à Pátria! – Você tem problema de memória, Siery? – Eu me recuso a jurar à bandeira dessa forma.
---	---	--

(VIVA BELARUS!, 2012)

De acordo com o relato de Franak, ele não tem problemas em jurar a bandeira em belaruso e até chega a gritar “Viva Belarus!”, slogan fortemente associado à oposição nacionalista e *de facto* proibido em Belarus, sendo seguido por um coro (certamente de seus amigos da Juventude da FPB ali presentes) sem relatar ter sofrido consequências por isso. Entretanto, é preciso levar em consideração que antes de Franak já houve precedentes de soldados belarussófonos protestando contra o juramento em russo e/ou tentando fazê-lo em belaruso, a exemplo do que ele escreverá no dia 13 de abril. Assim, podemos inferir que o personagem Šery, inventado para o filme, seja uma representação da luta empreendida por outros recrutas nacionalistas, que encararam situações ainda mais duras que Franak.

9 de fevereiro. Sirvo na Defesa Antiaérea

As tropas de defesa antiaérea, de acordo com sua especificidade sedentária, quase sempre levam quem tem problema de pressão, coração, pés chatos, etc. Entre os soldados existe uma anedota:

"No quartel, o comissário pergunta ao recruta:

– Onde você quer servir?

– Na força aérea.

– Não! Você não pode voar, você tem hipertensão, escoliose...!

– Bem, então, nas tropas de defesa antiaérea!

– ?!

– Se eu não voo, ninguém voa!".

A 8ª brigada radiotécnica de resposta rápida guarda as fronteiras aéreas de Belarus. Suas unidades estão localizadas em todas as regiões, exceto Viciebsk.

Nossa brigada recebeu uma condecoração especial pelo balão abatido com turistas. O mundo inteiro falava sobre isso 10 anos atrás: o exército belarusso descobriu e neutralizou o inimigo...

Fui jogado em Mazyr. Nós estamos procurando algum inimigo em potencial na fronteira com a Ucrânia, rastreando aeronaves e outros objetos voadores que ameaçam o país dos olhos azuis¹⁹. Nas aulas de estudos políticos nos mostraram que, como a Ucrânia se aproxima da OTAN, precisamos estar especialmente atentos.

Durante a migração das aves surgem dificuldades adicionais. A formação das aves se assemelha a um avião. Responder ao rádio, é claro, elas não vão. Então, atrás dessas aves partem aviões de combate. Alguns oficiais se surpreendem como que me direcionaram, junto a meus colegas, para tropas estrategicamente tão importantes – as de defesa antiaérea. Eles brincam: Franak identificará e comunicará algo errado, daí Šyla e Kalita²⁰ derrubarão esse algo errado...

A propósito, nossa equipe acompanha os voos do presidente e sua delegação.

¹⁹ Devida à grande quantidade de lagos em Belarus, seus habitantes por vezes chamam seu país de “Siniavokaja”, algo como “[País] dos olhos azuis”, em referência à cor de suas águas.

²⁰ Dois famosos ativistas políticos que, assim como Franak, foram punidos com serviço militar.

RELAÇÃO COM O FILME

A informação sobre a localização do quartel de Mazyr, próximo à fronteira com a Ucrânia, aparece ainda no começo do filme, quando Miron é levado para lá:

00:13:09,800 --> 00:13:13,800

<belaruso> Legenda *300 km ao sul de Minsk. Região fronteira entre Belarus e Ucrânia.*
(VIVA BELARUS!, 2012)

No diário, essa informação não foi dada com tanta antecedência, pois é sabido pela maioria do público belaruso onde Mazyr se localiza. Além disso, os espectadores que conhecem a história de Franak e seu diário poderiam se sentir confusos ao achar que Miron está indo para Baranavičy e ver a zona de Chernobyl, de onde esta cidade dista mais de 300km.

A essa altura, o blog começa a surgir no filme. Com relação a seu serviço na defesa antiaérea, Miron relata:

00:25:11,800 --> 00:25:49,800

<belaruso> Miron: – Então, nós estamos aqui garantindo a segurança do espaço aéreo de Belarus contra a OTAN. Nós sabemos quando nosso presidente vai a Cuba ou Venezuela... aliás, nem sempre.

<russo> 1º Militar: – Que porra quebrou aí? Que porra quebrou aí?

<russo> 2º Militar: – Fudeu a porra toda, camarada chefe!

<belaruso> Miron: – Mas, independente dos problemas, o que importa é a "lealdade coletiva" e a confiança nas decisões da liderança.

(VIVA BELARUS!, 2012)

As imagens mostradas nessas cenas podem ser igualmente relacionadas à entrada referente ao dia 1º de junho, no diário de Franak, embora, no filme, as ações se passem em novembro, época da filmagem. É interessante notar, na passagem supracitada, duas constantes no diário de Franak: problemas técnicos no equipamento sucateado utilizado pelas tropas, e palavrões (cf. dias 14 de fevereiro, 1º, 4, 7 de março e 6 de abril).

14 de fevereiro. Felicidade de soldado. Mazyr

Seis cabines, três delas são utilizáveis e só em uma funciona a descarga. Os veteranos recomendam: "...mire no buraco"²¹. Um orifício há um quarto de século em operação, apodrecido, rachado, fétido.

Quando você é levado para o exército, acabou. Você é um lixo. Todo mundo vai limpar os pés em você. Ao menos até você conseguir insígnias e estrelas, ter próprios subordinados e poder insultar os outros...

No exército não falam palavrões, os palavrões são a fala. Mesmo aquele que conseguiu estrelas e carrega uma digna patente de oficial. Jovens de 18 anos de idade que, querendo ou não, foram levados ao exército, olham para essa grosseria e... se acostumam.

"Vocês têm de ser como todos!" – ouvimos todos os dias. Pessoas sem honra e dignidade. "Não pense! Pensarão por você!" – dirá o subtenente.

Embora oficialmente não seja assim, os veteranos chamam o nosso quartel de "batalhão disciplinar". É a divisão mais rígida e severa da brigada, aonde enviam os infratores para "reeducação". Não há dziedaŭščyna. Há statučyna²². Decoramos regulamentos militares e os repetimos valendo nota.

Nosso batalhão opera em modo de alerta contínuo. Os soldados devem permanecer em serviço ou cumprir tarefas de 16 a 20 horas por dia. Não dá para ficar entediado. Nem ler. Não há biblioteca.

Cada soldado tem direito a folga uma vez por semana. Isso de acordo com o estatuto. Aqui liberam uma vez por trimestre ou semestre, se você tiver sorte. Em vez disso, nos dão ordens e deveres.

Só tem água fria e salobra nas torneiras. Não nos dão água potável. Em uma semana começam os problemas de pele. Seria interessante mostrar nossos alojamentos a especialistas em direitos humanos. Ficaríamos famosos no mundo inteiro.

²¹ Trata-se de um vaso sanitário ao estilo turco (um buraco ao nível do chão), muito comum em Belarus.

²² Dziedaŭščyna é o nome originado na URSS para o sistema de humilhações impostas aos novatos pelos veteranos (chamados de "dzied", literalmente, "avô"), no exército. "Statučyna" é um neologismo inventado pelo autor para se referir à incessante leitura do estatuto militar ("statut", em belarusso) como forma de humilhação.

A comida não é ruim. O café da manhã consiste em papa com um pedaço de mortadela, para o almoço – sopa e batata com almôndegas, para o jantar – batata com carne. Dão leite condensado, pão com canela e outros doces.

Os telefones são estritamente proibidos. No entanto, você pode deixar seu celular com seu superior e, em casos extremos – ligar.

Amanhã é a cerimônia de recebimento das armas, dia de portas abertas ao público. Os mais jovens limpam a neve, os mais velhos pintaram o piso. Mostraremos aos nossos pais que bravos soldados somos...

RELAÇÃO COM O FILME

Uma das diferenças mais notáveis entre Miron e Franak é que o primeiro, como vimos no subcapítulo 3.1, age com estratégias de murta, algo que nos faz lembrar do rebelde desconhecido Miron da vida real. Diferentemente de Franak, ele não tem um posicionamento político definido e fala russo em diversas ocasiões, inclusive quando relata ao sargento sobre o péssimo estado de conservação em que se encontram os sanitários:

00:18:25,800 --> 00:18:43,800

<russo> Miron: – Camarada sargento... As descargas no banheiro estão todas quebradas... Talvez seja bom deixar um balde com água para dar descarga?

<russo> Sargento: – Qual foi, artista-intelectual, não sabe cagar sem dar descarga? Cague mirando no buraco e não vai precisar gastar água!

(VIVA BELARUS, 2012)

Tal característica deixa claro que as humilhações e maus-tratos no exército não são exclusivamente direcionados àqueles que ousem falar belaruso, ou que se oponham ao regime, mostrando assim que esse é um problema que atinge qualquer indivíduo. Tal como no diário, a solução dada pelo superior é “mirar no buraco”. Fotos das instalações sanitárias que Franak encontrou serão publicadas no blog no dia 20 de fevereiro.

Sobre o sistema hierárquico de humilhações no quartel (dziedaŭščyna), Miron oferece um relato ainda mais detalhado:

<belaruso> 00:20:06,800 --> 00:20:36,800
 Miron: Parecia que a frase na entrada da base militar "O quartel é sua pequena Pátria" era somente um lema, mas logo eu entendi que era verdade. Dentro dos muros estava claro o significado. Novatos, ou "espíritos", são o nível mais baixo no exército. Depois você vira "elefante", ao qual é permitido, por exemplo, colocar a mão no bolso e já não apanhar sem motivo. Depois vem os "caveiras", que podem botar as duas mãos nos bolsos e têm direito a beber café. No topo da hierarquia fica o "avô", o veterano, como, por exemplo, sargento Ruslan, que está supervisionando o sistema...
 (VIVA BELARUS, 2012)

A dziedaŭščyna é claramente mais perceptível no filme do que no diário. Como veremos no capítulo 7, ela varia de quartel para quartel, podendo até inexistir em alguns deles. Mais uma vez a experiência de Miron propositadamente diverge da de Franak para poder mostrar uma realidade que este pode não ter vivenciado, mas outros recrutas, sim. A narrativa cinematográfica ainda vai além, denunciando a corrupta estrutura financeira por trás da dziedaŭščyna, mostrando que ela não se trata apenas de pura crueldade, mas também, de um sistema bastante lucrativo:

<belaruso> 00:36:00,800 --> 00:36:43,800
 Miron: A humilhação no exército não é só para diversão dos veteranos... Para um novato se tornar um "elefante", ele tem que levar 30 socos na testa e pagar aos veteranos 150.000 rubiels, ou seja, 50 dólares. Não é barato, mas os "elefantes" não precisam limpar banheiros e podem botar a mão esquerda no bolso, mas ainda não podem beber café. Aí você já está protegido pelo sistema e não pode ser humilhado. Alguns veteranos, ao terminar o serviço militar, voltam para casa de carro novo... Eles mantêm o sistema e devem receber por isso, então a administração fecha os olhos para muita coisa e, extra-oficialmente, até os apoia.
 (VIVA BELARUS, 2012)

Franak relata que em seu quartel “Não há dziedaŭščyna. Há statutčyna.”, sendo esta última também retratada no filme como forma de punição, quando Miron é mandado para a solitária e o sargento o obriga a repetir freneticamente o estatuto militar:

01:02:10,800 --> 01:02:48,800

<russo> Miron: – "...com relação a quaisquer questões pessoais ou gerais, um soldado deve dirigir-se ao seu supervisor imediato."

Sargento: – De novo.

Miron: – "com relação a..."

Sargento: – De novo, Zakharko, mais alto!

Miron: – "com relação a quaisquer questões pessoais ou gerais, um soldado deve..."

Sargento: – De novo, Zakharko!

Miron: – "reprimendas ou negação de permissão de dispensa..."

Sargento: – De novo!

Miron: – "A disciplina militar é clara..."

Sargento: – Do começo!

Miron: – "A disciplina militar é clara e a plena execução... de todas as regras é legalmente estabelecida..."

Sargento: – De novo!

Miron: – "A disciplina militar é clara... A omissão deste procedimento oficial pode ser motivo para punição..."

Sargento: – De novo!

Miron: – ... "A disciplina militar..."

(VIVA BELARUS, 2012)

Não obstante, como Franak nos relata acima, e também podemos perceber ao longo do filme, o estatuto é veementemente ignorado pelos próprios superiores que obrigam os recrutas a lerem-no *ad nauseam*. Sobre a *statutčyna* o autor ainda voltará a escrever no dia 13 de maio.

16 de fevereiro. Exercícios militares

"Hora de levantar!!!" – os soldados saltam da cama, jogam o cobertor para o lado e pegam as calças. "Alarme de treinamento bélico!". Os rapazes freneticamente tentam envolver seus pés em trapos e calçar os coturnos. Dois rapazes nos extremos da fileira fazem “camuflagem de luz”: penduram cobertores na janela. Os soldados correm para pegar as armas, enquanto abotoam as calças e jaquetas pelo caminho. Pegam as boinas, casacos – seus ou não – e correm para a posição individual de combate. O tempo dado para isso tudo é de 5 minutos.

É assim que começam os exercícios militares. Meu local de trabalho fica no posto de comando, aonde é necessário correr para chegar a tempo. Eu sou monitor, observo o movimento

de aeronaves e de inimigos em potencial. Outros tiveram menos sorte: sua tarefa é ficar nas trincheiras, aguardando um inimigo imaginário.

A meio caminho da posição de combate, subindo uma ladeira, minha pressão salta, senti uma dor do coração. Nas próximas vezes já não corri...

RELAÇÃO COM O FILME

Desde uma das primeiras cenas está claro que Miron tem problemas de saúde, razão pela qual ele antes não servia ao exército:

		00:02:09,800 --> 00:02:23,800
<russo>	Oficial do exército:	– Tem doenças, Zakharko..?
	Miron:	– Insuficiência cardíaca e hipertensão, provavelmente por causa de Chernobyl.
		– Hipertensão tipo 1-2, prolapso mitral, escoliose, cifose...
	Médico:	
		(VIVA BELARUS!, 2012)

Sobre isso ele ainda relata na primeira entrada do diário, pouco antes de ser levado ao quartel, cena que também é mostrada no filme. Esses problemas de saúde, compartilhados por Franak na vida real, são a causa desse incidente relatado no diário, onde frequentemente o autor termina indo parar no hospital. No filme, o internamento não é uma constante, mas, em compensação, os desdobramentos são ainda mais dramáticos:

		00:13:53,800 --> 00:14:10,800
<belarusso>	Miron:	Mencionar Chernobyl como causa dos meus problemas de saúde foi um erro estratégico. Os membros do setor de alistamento do exército mostraram seu senso de humor ao me mandar para a zona de Chernobyl, ou pensaram que piorar para mim já não vai...
		(VIVA BELARUS!, 2012)

Embora no diário não haja menção ao desastre nuclear de Chernobyl como provável razão para as complicações do quadro clínico de Franak, o argumento de Miron soa bastante convincente, posto que até hoje muitas pessoas – é impossível dizer quantas exatamente, uma vez

que o governo, como relatado no filme, se esforça em mascarar as estatísticas – mesmo fora da zona radioativa, apresentam enfermidades ocasionadas pelas consequências da tragédia.

17 de fevereiro. O tratamento

Fui levado para me tratar. O meu estado de saúde já não satisfaz ninguém, nem mesmo os militares. Inicialmente me levaram de Mazyr a Baranavičy, onde fica a sede da brigada.

No dia seguinte, de Baranavičy me levaram para Minsk, para uma consulta com o cardiologista. Na porta do Hospital Militar Republicano encontrei Žmicier Chviedaruk – soldado, também de uniforme: eu – de desfile, ele – de combate.

Fui assistido pelo chefe do segundo departamento de cardiologia. Ao lado estava Vodčyc, que me "examinou" em janeiro. Minha aparição foi inesperada para eles. Eles disseram que os primeiros três meses de serviço eram um período experimental. E, se os problemas de pressão arterial e coração continuarem, talvez, me dispensem. "Mas, por enquanto, trate-se!" – dizem.

Eles não conseguiam decidir onde me tratar – em Babrujsk ou Baranavičy. No fim das contas me deixaram em Baranavičy, no Centro de Tratamento 222 da Força Aérea e Defesa Antiaérea.

20 de fevereiro. "O soldado é obrigado a suportar com coragem as dificuldades do serviço militar."

"O diário do exército" não precisou esperar reação. No dia seguinte à sua aparição no jornal Naviny.by, na caserna apareceram trabalhadores para reparar as descargas dos banheiros. Interessante, o que os impedia de fazer isso por um ano e meio? Os soldados receberam a notícia como a minha vitória pessoal, choveram reclamações e sugestões para que eu intermediasse...

Já no Hospital da Força Aérea e das Forças de Defesa Antiaérea, em Baranavičy, onde me meteram, o problema é ainda mais grave. Os médicos são forçados a trabalhar em duras condições insalubres. Qualquer infecção se prolifera instantaneamente por todos os pacientes. Apesar dos esforços dos médicos e enfermeiras, alguns militares repousam com resfriado por duas semanas, levando três injeções por dia e mesmo assim não melhoram (**Figura 12**).

Figura 12 – Soldados internados no Hospital Militar de Baranavičy.



Fonte: VIAČORKA, 2009

Um banheiro – uma cabine com buraco no chão – para 50 pacientes (**Figura 13**). Às vezes a descarga emperra, o fedor chega até os leitos...

O "buraco" em Akreścina²³ é mais elaborado do que no exército. É utilizável, no fim das contas.

No chão do banheiro – um buraco que leva ao andar inferior.

As paredes são como na Fortaleza de Bieraście (**Figura 14**): «Умрем, но из крепости не уйдем!»²⁴

²³ Infame prisão no centro de Minsk, para onde frequentemente são levados ativistas e manifestantes.

²⁴ Tradução minha do russo: “Morreremos, mas, da fortaleza não sairemos”. Famosa frase entalhada por um soldado desconhecido durante a invasão nazista da URSS, iniciada nessa fortaleza.

Figura 13 – Banheiro do Hospital Militar de Baranavičy, semelhante aos do quartel de Mazyr.



Fonte: VIAČORKA, 2009

Figura 14 – Paredes do banheiro do Hospital Militar de Baranavičy.



Fonte: VIAČORKA, 2009

Banho é permitido uma vez por semana. Um chuveiro (**Figura 15**), também para 50 pessoas. Embora chamar essa mangueira com água gelada de “chuveiro” é até exagero...

Figura 15 – Chuveiro do Hospital Militar de Baranavičy.



Fonte: VIAČORKA, 2009

Torneiras enferrujadas vazam, como se assim devesse ser...

Os soldados me aconselham a pedir que me mandem trabalhar no refeitório. "Com uma mão você irá lavar os pratos e com a outra irá matar baratas" – dizem.

– Fazer o quê? – diz a cozinheira. – Dinheiro para reforma não tem..!

RELAÇÃO COM O FILME

A repercussão do blog na vida real é recriada no filme, com direito a uma emblemática salva de palmas (VIVA BELARUS!, 2012, 00:53:36,800) e uma festa improvisada pelos recrutas, de onde Miron consegue ligar para Vera, contando as boas novas:

<belaruso>

00:54:38,800 --> 00:54:50,800
 Miron: – Vera, você já sabe?! Chegou a medicação para sarna! Vamos escrever mais postagens! Talvez, consigamos a medicação contra gripe também! Eu te amo!

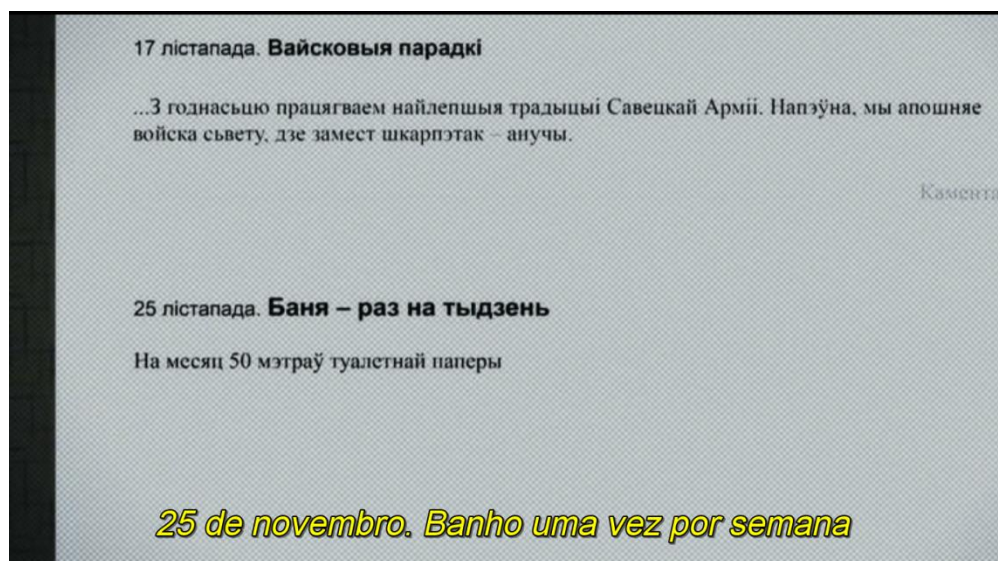
(VIVA BELARUS, 2012)

Vera, a quem Miron dita suas experiências, escritas, de fato, por ela no blog do filme, sorri, sem saber que uma desagradável surpresa a espera logo em seguida: a KGB já descobriu que ela está cooperando com Miron, e um agente é enviado para intimidá-la. Na vida real, como Franak afirma, o blog é publicado em um site de notícias independente, o naviny.by, onde, diferentemente do filme, a identidade do autor é explícita. No diário, entretanto, Franak nunca revela a identidade de seus colaboradores, a quem dita suas experiências a serem escritas no blog remotamente, de maneira semelhante à de Miron.

Uma outra diferença notável nessa cena é que no filme, diferentemente do diário, Miron menciona uma epidemia de sarna, contra a qual ele exige medicamentos, advogando, assim, por seus companheiros. No capítulo 7, veremos que na vida real também houve essa epidemia, embora somente a de gripe tenha sido, de fato, relatada no diário.

Quanto ao banho uma vez por semana, há uma citação direta do blog no filme, mostrada na tela do computador de Vera (**Figura 16**):

Figura 16 – Cena do filme que mostra Vera publicando os relatos de Miron no blog.



Fonte: VIVA BELARUS!, 2012, 00:26:00,800

Logo abaixo da postagem acima retratada, está uma frase sendo narrada por Miron, simultaneamente escrita por Vera, simbolizando a forma com que ela transcreve seus relatos:

00:26:07,800 --> 00:26:18,800
 <belaruso> Título da postagem *25 de novembro. Banho uma vez por semana*
 Miron: Nos providenciam 50 metros de papel higiênico por mês. Uma vez por semana trocamos a roupa de baixo. Banho também é uma vez por semana. Precisamos tomar banho rápido para não desperdiçar água...
 (VIVA BELARUS, 2012)

Mais detalhes sobre esse tema serão relatados no diário do dia 12 de abril, quando surgem agravantes de ordem climática, e no dia 26 de abril.

23 de fevereiro. Onde estão eles, os defensores da Pátria?

Dia do defensor da Pátria²⁵. Dia das Forças Armadas da República de Belarus. Nenhum dos rapazes sabia por que celebramos justamente em 23 de fevereiro, mas "já que é assim, então é assim que tem que ser".

A história tem datas mais marcantes que poderiam simbolizar a grandeza das forças armadas de Belarus. No dia 8 de setembro de 1514 as tropas belarussas do Grão-Ducado da Lituânia lograram a vitória mais gloriosa sobre o quase três vezes maior exército de Moscou. Essa vitória é um exemplo da habilidade tática militar europeia.

A FPB tentou declarar o dia 8 de setembro como feriado nacional – Dia da Glória Militar Belarussa. No dia 8 de setembro de 1992, na Praça da Independência, em Miensk, sob a bandeira branca, vermelha e branca, oficiais belarussos fizeram um juramento de lealdade ao seu povo. Houve participação de oficiais reformados, ativistas da Frente Popular Belarussa, Vasił Bykaŭ, Anatól Hryckievič e Zianon Paźniak²⁶. Entre aqueles que fizeram o juramento estava também Viktor Šejman, que logo se tornou o aliado mais próximo de Lukašenka.

²⁵ Data comemorativa herdada da URSS que, inicialmente, homenageava somente os militares, mas, posteriormente, passou a abranger homens em geral.

²⁶ Três lendários ativistas belarussos, destacando-se Vasił Bykaŭ (1924 – 2003) como um dos mais aclamados escritores belarussos de todos os tempos, Anatól Hryckievič (1929 – 2015) como historiador, professor da Universidade Estatal Belarussa e Zianon Paźniak (1944), político, fundador da FPB, candidato a presidente nas primeiras eleições da República de Belarus (1994).

Até mesmo no dogma ideológico oficial inexistiu um mito sobre o 23 de fevereiro. Em meio aos nacionalistas ele existe. A 23 de fevereiro de 1944 foi assinado um decreto sobre a criação da Defesa Nacional Belarussa. A DNB surgiu por iniciativa do Conselho Central Belarusso e de seu presidente, Radaslaŭ Astroŭski. Em março de 1944 ocorreu pela primeira vez na história a convocação para o exército nacional belarusso. Mais de 25 mil soldados e oficiais confrontaram os bolcheviques, bandidos-partisans²⁷ e, mais tarde, nazi-fascistas. A principal meta da DNB – uma Belarus livre e independente – não se tornou realidade. Muitos emigraram, e aqueles que permaneceram foram punidos como cúmplices.

Os militares da DNB tinham sua própria canção-marcha, sua oração e até uniforme. O texto do juramento é quase indistinguível do belarusso moderno, o que traz uma agradável continuidade. Mas o mais importante foi a plataforma ideológica, a consciência do dever militar como uma missão.

Em nosso hospital, houve toda uma discussão. Até mesmo um soldado veterano, ativista da União da Juventude da República de Belarus²⁸ concordou que um exército sem um ideal nacional não é exército. A ideologia oficial do Estado não dá conta de responder POR que estamos lutando. O comissário político²⁹ não pôde me explicar por que NÓS somos obrigados a defender o céu da Rússia e que benefício isso traz a Belarus (refiro-me à rede de defesa antiaérea em conjunto com a Rússia).

Tudo isso para os rapazes foi uma revelação. Eu lhes dei os textos "Lançaremos-nos em fileiras unidas", "Nas matas" e "Por Sluck"³⁰ para copiarem. Estas marchas caem melhor no ritmo do que aquilo que somos obrigados a cantar na ronda noturna.

²⁷ Controversas figuras históricas, os partisans eram grupos de civis, frequentemente jovens, velhos ou debilitados demais para serem admitidos no exército, que usavam táticas de guerrilha em conflitos bélicos, principalmente durante a Segunda Guerra. Ao chamá-los de "bandidos-partisans" o autor não deixa claro se assim se refere a todos ou parcialmente.

²⁸ Organização governamental criada por Lukašenka, inspirada na juventude comunista soviética.

²⁹ Função militar de cunho político-ideológico, herdada da URSS, para doutrinar os soldados de acordo com a ideologia do Estado.

³⁰ Tratam-se de canções patrióticas belarussas, *de facto* proibidas em Belarus.

25 de fevereiro. Língua belarussa no exército

No final dos anos noventa, os ex-militares Siaržuk Čyslaŭ e Stanislaŭ Sudnik desenvolveram um dicionário militar russo-belarusso. Antes disso, um trabalho semelhante estava sendo realizado no Ministério da Defesa, mas foi mortalmente parado logo após o referendo sobre a atribuição à língua russa o status de língua oficial³¹.

No dicionário você pode achar variações de patentes militares belarussas, comandos e vocabulário especializado. Os autores claramente se basearam na terminologia dos séculos XVIII ao início do XX. Assim, o tenente-coronel pode ser chamado de paručnik, tenente de padparučnik, general de hetman. Hetman era também o título do comandante supremo militar do Grão-Ducado da Lituânia.

Quando o chefe dá uma ordem, o soldado belarusso grita, "Rej!". A forma soviética «Есть!»³² é adaptada dos tempos do Império Russo, por sua vez, decalcada do inglês "Yes!"³³. «Ура! Ура! Ура!»³⁴ – também é um decalque do inglês. Čyslaŭ e Sudnik sugeriram o grito "Rubon!"³⁵, sob o qual os soldados belarussos partiam para o ataque.

Outros exemplos incluem:

Russo (transcrição)	Belarusso (transcrição)	Português
Шагом марш! (Chagom march!)	Крокам руш! (Krokam ruš!)	Em frente, marche!
Равняйсь! (Ravniais'!)	Шыхтуйсь! (Šychtujś!)	Perfilar!
Смирно! (Smirno!)	Зважай! (Zvažaj!)	Sentido!

³¹ Em 1995 foi realizado, por iniciativa de Lukašenka, o referendo que deu à língua russa status de língua oficial e alterou os símbolos nacionais (brasão e bandeira), cláusulas pétreas da constituição belarussa. Portanto, o referendo era inconstitucional.

³² Tradução minha do russo: "Sim, senhor!", literalmente: "É!".

³³ Tradução minha do inglês: "Sim!".

³⁴ Tradução minha do russo: "Hurra! Hurra! Hurra!" (do inglês: "Hooray! Hooray! Hooray!").

³⁵ Nome arcaico do Rio Duína Ocidental, que passa por Belarus, desaguando no Mar Báltico.

Вольна! (Vol'na!)	Спачні! (Spačni!)	Descansar!
Напра-во! (Napra-vo!)	Права фронт! (Prava front!)	Direita!
Кругом! (Krugom!)	Тыл фронт! (Tyl front!)	Volver!
На ремень! (Na riemien'!)	На пас! (Na pas!)	Em Bandoleira-Arma!
Здравия желаю! (Zdraviia jelaiu!)	Вітаю! (Vitaju!)	(Continência)
Товарищ (Tovarichtch)	Спадар (Spadar)	Companheiro

Estes e outros comandos são exóticos para soldados e oficiais.

Me enviaram quatro cópias do dicionário. Darei um de presente ao comandante do batalhão, outro ao comissário político. Dois exemplares deixarei na mini-biblioteca dos soldados. Mais cedo ou mais tarde este livro será o principal regulamento do exército de Belarus.

RELAÇÃO COM O FILME

	00:49:50,800 --> 00:50:47,800
<belaruso> <russo>	Miron: – Sentido! General: – Soldado, por que você não dá ordens em russo, de acordo com o regimento?
<belaruso>	Miron: – Em belaruso também é de acordo com o regimento, camarada General, segundo o princípio de igualdade constitucional dos idiomas belaruso e russo.
<russo> <belaruso>	General: – Quem foi que te ensinou isso..? Miron: – O soldado Šery. Ele estava exigindo o direito de jurar à bandeira em belaruso. Infelizmente, não temos o regimento em belaruso. Talvez, camarada General, o senhor pudesse ajudar aos soldados nessa causa?
<russo> <belaruso>	General: – E onde está esse soldado, "Šery"?

<belarusso> Miron: – Šery não está mais aqui...
(VIVA BELARUS, 2012)

A problemática da língua belarussa no exército é uma das questões centrais das narrativas, tanto do diário quanto do filme. Como vimos no subcapítulo 4.2, a língua belarussa não só é a língua oficial como teoricamente deveria ser a língua nacional, a ser representada por sua vasta população belarussa, de um país chamado Belarus. Entretanto, como podemos claramente perceber nas narrativas do diário e do filme, ela é marginalizada pela língua russa e isso é ainda mais gritante dentro do exército, uma organização historicamente soviética – leia-se, russófona – por excelência. É nesse contexto que Miron e, principalmente, Šery, são mais cruelmente retaliados por suas iniciativas de falar belarusso, distanciando-se assim da ideologia dominante. Enquanto o comportamento de Miron, como já vimos, pode ser enquadrado como murta, na dicotomia de Viveiros de Castro (2002), Šery está mais próximo do mármore e, por isso, é severamente punido. Ao apoiá-lo, recorrendo à terminologia militar em belarusso, citada acima, Miron se aproxima cada vez mais de ser mármore, sofrendo duras consequências por tal atitude:

<belarusso> Miron (narrando ao blog): 00:51:06,800 --> 00:51:31,800
Por apoiar o soldado Šery, que violou o regimento com infundadas exigências de um regulamento em língua belarussa no exército belarusso, e por usar língua belarussa, mas, oficialmente, por não obedecer...
Apresentador da Rádio Racyja, (lendo o texto): – ...por usar língua belarussa nosso advogado dos soldados foi punido com 7 dias de solitária.
(VIVA BELARUS, 2012)

Uma das maiores vitórias conseguidas por Miron foi obter o direito de ter um regimento em belarusso, graças à repercussão atingida por seu blog. Como vimos anteriormente, Franak jurou à bandeira em belarusso sem maiores problemas, assim, tal direito já era uma realidade em sua época, certamente, devido aos esforços de recrutas como Šery e Miron.

26 de fevereiro. O tribunal que não existe

Escrevi um relatório ao chefe do hospital com o pedido de me levar para o Tribunal da Cidade de Miensk – 26 de fevereiro, às 15h. Trata-se de uma análise de queixa da decisão do tribunal em 23 de janeiro, quando este, sem o meu conhecimento, decidiu sobre a legalidade da minha convocação.

Ao tribunal, é claro, não me deixaram ir: "Darão um jeito sem você!". Meus interesses foram representados por uma advogada e meu pai. Nosso processo foi deixado por último. A advogada apresentou os principais argumentos: que houve uma violação de procedimento, no processo constam dois protocolos da comissão de serviço militar e a decisão do tribunal em 23 de janeiro foi ilegal, uma vez que a parte interessada não foi chamada.

Três juízas ouviram, ouviram, ouviram e anunciaram pausa. Por meia hora, o tribunal consultou sua "consciência". E, friamente, anunciou o veredicto: foi tudo dentro da lei e obrigada a todos, podem ir...

RELAÇÃO COM O FILME

Imagine que você está no lugar de Krzysztof Łukaszewicz, diretor do filme, e percebe a gravidade política desse relato, julgando necessário traduzi-lo para as telas. Contudo, seu orçamento é limitado e o tempo é curto. Contratar atores para fazer papel do júri, advogada, pai de Miron (que não tem nenhum tipo de menção ao longo do filme), juízas, guardas, dentre outros personagens, dentro de um tribunal, cenográfico ou não, com todas suas complicações logísticas, certamente sairá muito mais caro do que sugerir a mesma ideia ao público contando simplesmente com dois personagens que já estão completamente imersos na trama: o comissário político e Miron, no mesmo cenário onde você já filmou ao menos uma cena, a do telefonema, assim que o último chegou ao quartel. Este é um exemplo de escolha que diretores, produtores e roteiristas frequentemente têm de fazer em produções cinematográficas. A luta de Franak contra o corrupto sistema jurídico belarusso é traduzida de uma maneira simples, mas não menos impactante para o filme:

00:14:27,800 --> 00:15:25,800

<belaruso> Miron (narrando): O único jeito de sobreviver num país tão preocupado com regras é citar essas regras o tempo todo. Cada pessoa que sofreu violência tem direito ao boletim de ocorrência e exame de corpo de delito.

Enfermeira: – Quem registra os boletins é o comissário político. Pode falar com ele.

Comissário político: – Vejamos, você vai insistir e daqui a dois meses vai receber uma ordem da procuradoria. Tenho um caso parecido aqui... Mas no relato eles escreveram que estava tudo dentro da lei e que bateram no rapaz não no exército, mas em qualquer outro lugar... E esse camburão que trouxe você para cá não foi registrado em lugar nenhum nos últimos 10 anos e no papel ele sequer existe. Pense nisso. Você quer mesmo esses problemas? Um ano e meio no exército pode passar como se fosse um, ou dois – tudo depende de você.

(VIVA BELARUS!, 2012)

O esforço infrutífero (porém emblemático e denunciante) de Franak é retratado na cena acima, onde o comissário político usa de pressão psicológica para coagir Miron a não denunciar os maus-tratos. Assim como Franak, Miron está atento à legislação, mas, isso não adianta, ao menos inicialmente. Esse é um dos motivos que o leva a escrever o blog, com ajuda de Vera. Esse assunto será novamente levantado no dia 23 de março.

1 de março. Palestra sobre maus hábitos

No domingo, às 09:05, assim que terminamos a formação, fomos assistir ao programa "Arsenal" e conversar.

O comissário político perguntou:

– Que maus hábitos vocês conhecem?

O sargento foi o mais corajoso. Juntos listamos os cinco maus hábitos básicos: bebida, fumo, dependência de drogas, inalantes à parte e palavrões.

Cada soldado, como descobrimos, tem algo para compartilhar de suas experiências próprias e das de seus entes queridos. Eu tive que falar sobre palavrões. A maioria dos soldados

não concordou que мат³⁶ fosse um mau hábito («Мат — это основа русского языка», «Маты позволяют более эмоционально и точно выразить мысль»³⁷, «Хто как хатит, тот так и гаварыт»...³⁸). Tornou-se difícil gerir a discussão. Eu estava em minoria absoluta. Os rapazes não entendem que мат não só evidencia a baixa cultura de uma pessoa, mas também ofende as pessoas ao redor. Eu disse que o мат nasceu nas prisões e detenções soviéticas e russas, que em nenhum lugar da Europa existem análogos dos xingamentos russos. Os rapazes tentaram argumentar, mas no final acabaram concordando.

Um soldado veterano levantou a mão:

– Eu mesmo, por exemplo, acho desagradável quando os oficiais me xingam. Sou uma pessoa tranquila, faço tudo lentamente, mas com qualidade. Eu, pessoalmente, me sinto ofendido com esses insultos.

– Bem, então reclame comigo! – interrompeu o comissário político.

– Isso significa «Стучать»³⁹!.. Assim não se faz...!

– Bem, então, aguente...

Aguentamos.

2 de março. Contrabaixo

Para alguns, o serviço militar é um trampolim para a vida. Eles vêm para o exército de pequenas cidades e vilas, onde é difícil encontrar um emprego e auto-realização. Durante um ano e meio de serviço, rapazes deixam seus lares, familiares, ocupações anteriores. Lealdade e compromisso são altamente valorizados. Eles são promovidos de patente e recebem seus próprios subordinados. Para os jovens isso é um verdadeiro reconhecimento, o qual eles não esperariam na vida civil. O exército se torna sua família, eles seguem para um contrato.

³⁶ “Mat” é a denominação genérica para a sub-língua de xingamentos em russo, partindo de três raízes lexicais de baixo calão: hu(i)-, pizd- e ie(o)b-, relacionadas, respectivamente, aos órgãos genitais masculino, feminino e verbo copular (por vezes também é incluída a sexista raiz blia(ie)-, referente a prostituição e promiscuidade femininas), gerando assim uma infinidade de palavras.

³⁷ Tradução minha do russo: “Mat é a base da língua russa”; “Mat permite expressar as ideias de maneira mais emocional e precisa”.

³⁸ Tradução minha de trasianka (mistura de belaruso e russo, recriada aqui como portunhol com erros gramaticais propositais para efeito comparativo): “Quem como querer, tal tão falar”.

³⁹ Tradução minha do russo: “Dedurar”.

No nosso quartel, metade do pessoal trabalha sob contrato, homens de 30 a 40 anos, mas também há mulheres. Os recrutas carinhosamente chamam os contratados de "contrabaixos".

Os contratados dormem em casa, não no quartel, vêm para o serviço como ao emprego, para ganhar dinheiro. De resto, em nada diferem os deveres dos militares contratados dos de um soldado comum. Sem educação militar superior, os soldados contratados no máximo chegam a subtenente. Os salários são geralmente baixos e, apesar das promessas do governo, diminuem. Por isso, a credibilidade e popularidade do exército caem rapidamente. É mais provável que os jovens que sonhavam na infância em se tornarem militares hoje entrem para a polícia, ao invés do exército...

RELAÇÃO COM O FILME

Um dos personagens exclusivamente criados para o filme, o veterano soldado Ščuka, se enquadra nesse perfil relatado por Franak, como um rapaz do interior (o que se nota por sua fala em trasiianka, típica nas zonas rurais de Belarus) que tenta a sorte no exército. Isso se torna ainda mais claro na última conversa entre ele e Miron:

	01:31:13,900 --> 01:31:22,800
<belaruso>	Miron: – Vai voltar para lá? [para o exército]
<russo>	Ščuka – E para onde mais eu poderia ir?
	(VIVA BELARUS, 2012)

Essa foi, talvez, a frase mais claramente em russo pronunciada por Ščuka, e não por acaso. Ao afirmar que vai retornar ao exército, sem ter outra alternativa, a língua russa aí tem um significado especial, intrinsecamente relacionado à própria ideia de exército. Exército em belaruso é exército (em) russo e é contra isso que personagens como Miron e, mesmo sem ter plena consciência disso, Ščuka, lutam.

3 de março. Ser inteligente no exército

No exército, pessoas inteligentes são malvistas ou evitadas. Se você lê livros ou gosta de música clássica – você é esquisito. Caras normais não ficam tirando onda, eles ouvem Mikhail Krug⁴⁰ e vão para a «качалка»⁴¹. Todo dia, antes do Panorama, mais uma vez revemos o DVD com clipes sobre prisão⁴². Depois assistimos a «Сто дней до приказа»⁴³ e "Batalhão disciplinar". Como não me tornar burro em um ano e meio...

4 de março. O principal inimigo do exército belarusso

"O principal inimigo do exército belarusso é um soldado que pensa. No exército tudo é contado em detalhes. A tarefa de vocês é seguir cegamente as ordens dos comandantes" – nos disseram no primeiro dia de treinamento.

"Primeiro você argumenta, tenta convencer o oficial de que é inútil espalhar areia sobre a trilha enquanto está nevando⁴⁴, porque sua areia sumirá em um minuto. Primeiro você se indigna porque durante o dia todo, enquanto o sol brilhava, mantiveram você no quartel, e, à noite, quando começou a chover, mandaram você encher os pneus dos velhos "Urais"⁴⁵ – compartilhou sua experiência um veterano. – Mas com o tempo, você fica burro, dá tudo no mesmo. Você já não se esforça mais, porque no fim sempre tem que refazer tudo".

É nesse momento que se revela a esperteza de um soldado – como e onde fazer mal feito para que o chefe não perceba.

⁴⁰ Mikhail Krug (1962 – 2002) foi um famoso cantor russo do gênero shanson, cujas letras até hoje são muito populares no mundo russófono, principalmente nas classes menos favorecidas.

⁴¹ Tradução minha do russo: “malhação”. É interessante notar que o autor usa vocabulário fortemente russificado nas expressões “caras normais” e “ficam tirando onda”.

⁴² Clipes musicais de shanson, cujos temas são frequentemente relacionados a prisão e crime.

⁴³ Tradução minha do russo: “Cem dias antes do comando” – filme soviético do início da década de 1990, que fala sobre a vida dos recrutas do exército.

⁴⁴ Prática comum durante o inverno belarusso para impedir que o caminho nevado se torne escorregadio.

⁴⁵ Modelo de caminhão soviético (atualmente produzido pela Rússia), muito utilizado pelo exército belarusso.

5 de março. Nova profissão

Difícilmente serei capaz de mudar o rumo da história. Fui dispensado de todas as obrigações relacionadas ao controle de espaço aéreo. Os comandantes leram o meu diário e ficaram com medo de que eu realmente possa fazer algo. Agora eu sou operador de diesel e eletricitista-chefe da unidade de caldeira. O trabalho não requer cérebro – é só colocar óleo na máquina, verificar o líquido de resfriamento e a elasticidade das correias do motor.

Em caso de alerta vermelho, eu ligo a geringonça a diesel, aciono o gerador e mando suprimentos para a estação. O sinal de alerta não soa muitas vezes: normalmente durante o treinamento semestral e quando Lukašenka voa.

E viva o forte e saudável sono de soldado!

7 de março. ПХД⁴⁶

Aos sábados tem Dia do Parque e da Propriedade. Os soldados são divididos em pequenos grupos e recebem trabalhos sem sentido, guiados pelo princípio de que os soldados não devem ficar ociosos.

Primeiro me enviaram à guarita, onde mostraram: recolha o lixo daqui até ali, as bitucas você enterra sob a neve.

Quando o trabalho terminou, fomos ao depósito e descarregamos batatas. As batatas são frias e velhas, cheiram a cadáver. Os dedos afundavam na batata apodrecida, como em uma geléia.

Na câmara frigorífica tem pedaços de carne bovina pendurados. Todos os dias o subtenente corta um pedaço de carne para os soldados. Há sangue seco pelo chão e pelas paredes. Eu enchi um balde de água, misturei com Damestas⁴⁷, me envolvi com o casaco e entrei na geladeira para lutar pela limpeza.

⁴⁶ Tradução minha do russo: “Dia do Parque e da Propriedade”.

⁴⁷ Marca popular de água sanitária.

No almoço aconteceu a coisa mais interessante. Sete, incluindo eu, foram enviados para lavar banheiros e lavatórios. Não tínhamos com o quê, e para lavar era necessário usar algo. O primeiro-sargento nostalgicamente se recordou de sua juventude, como eles, "jovens", lavavam os buracos com areia... Nós mergulhamos os trapos nos vasos das flores para pegar terra e usá-la para polir o esmalte amarelado da pia...

E você, o que fez nos seus ПХД?

8 de março. Sonhos

A hora de dormir é a parte favorita do dia para os soldados. Deito-me na cama e não quero acordar. Não quero nunca mais ouvir aquele repugnante "Pelotão, levantar!". Quase todas as noites eu tenho sonhos, como se assistisse à TV. Que sonhos? Sonho com um sonho. Sonho com a namorada. Amigos. Nos sonhos eu estou frequentemente viajando. Recentemente eu sonhei como se eu voasse para Nova York e depois para Praga. Tenho também pesadelos. Eu tive um sonho, recentemente, em que Lukašenka veio ao nosso quartel e começou a guerra...

12 de março. Tarefa extraordinária

«Встать! Смирно! Рядовому Вечерку — наряд вне очереди!»⁴⁸. Foi assim que me puniram na frente de todos os recrutas. Alguém imprimiu meu diário do exército e delatou aos superiores. As autoridades decidiram que eu escrevo o que não devo e me puniram. No processo registraram que fui acusado "de não ter cumprido os requisitos de um oficial superior". Ou seja, antes de publicar, eu deveria ter levado o texto para revisão. Eu, naturalmente, me recusei e por isso devo pagar.

Mas tenho de admitir meus erros. Em primeiro lugar, a batata no depósito podia até ser velha, mas isso não significa que somos alimentados com batatas podres. Em segundo lugar, o

⁴⁸ Tradução minha do russo: "Levantar! Sentido! Cabo Vietchierko, tarefa extra!"

alerta vermelho pode acontecer de cinco a sete vezes por dia. Mas o gerador a diesel é executado com menos frequência, apenas quando conectado na marra. E isso acontece a cada seis meses. Em terceiro lugar, de fato, em nosso quartel há alguns oficiais que não xingam. Mas essas exceções apenas confirmam a regra.

Com uma reprimenda nas costas, dificilmente poderei alcançar patente de sargento. O que pode ser até melhor: platinas limpas e consciência limpa.

RELAÇÃO COM O FILME

Se, no filme, Miron é duramente perseguido pelo alto comando por causa do blog que conduzia anonimamente, na vida real, Franak é tão perseguido quanto pelo blog que mantém abertamente em um grande site de notícias. Sobre as tentativas de coagi-lo, há uma passagem marcante no filme:

<russo>	Comissário político:	00:59:44,800 --> 01:00:34,800 Você causou um bom estrago, Zakharko. Agora temos que consertar... A TV vai fazer uma pequena entrevista com você. Você dirá que não quis cumprir com seus deveres cívicos e, como vingança por ter sido alistado, você escreveu coisas ruins sobre o exército... Mas, depois do gesto do presidente de permitir belarusso no exército, você entendeu que seu comportamento foi injusto e, diria até, ingrato... Poderíamos, de repente, escrever isso na internet? Ou talvez você mesmo poderia escrever isso como despedida no seu blog... O que diz, Zakharko? Não tenha pressa em responder. Você terá tempo para pensar.
---------	----------------------	--

(VIVA BELARUS, 2012)

Nessa cena se percebe uma mescla de ao menos três momentos do diário: o, relatado por Franak acima, o sermão que ele leva na reunião com o comando no dia 14 de maio e, no dia 10 de junho, quando, de fato, uma equipe de televisão visita o quartel. A partir dessa cena ocorre um interessante desdobramento que não se revela da mesma forma no diário: a sugestão do comissário, de publicar uma postagem de despedida no blog é levada a cabo por Miron, após

tantas ameaças e represálias, na forma de filmagem das fraudes na contagem dos votos, durante as eleições para deputado das quais ele participa.

13 de março. Romantismo no exército

Aqui também tem seu romantismo.

Desça as escadas de concreto no porão frio até o posto de comando. Você anda por um longo corredor rumo a uma grande sala escura. Há um conjunto de indicadores e equipamentos semelhantes aos primeiros computadores. Os oficiais não deixam o telefone de lado, dão umas ordens importantes. Na frente deles – telas iluminadas de três metros de altura. Monitores diante dos quais os soldados trabalham, desenhando as rotas dos aviões. Tudo, como nos filmes. A tecnologia, obviamente, não é nova, mas a atmosfera é fantástica.

Quando me transferiram da monitoria para a estação de radar, eu fui para o estágio noturno trabalhar com os indicadores. A seta verde faz seis rotações por minuto. É dessa forma que se passam as informações secretas sobre o movimento das aeronaves.

Quando o nosso período acabou, fomos dormir. Ali mesmo, em uma caixa de metal de uma estação de radar, entre os dispositivos e aparelhos ativos. Os casacos serviam de forro, ligamos a calefação e dormimos...

14 de março. O exército não é uma prisão?

O exército é um tipo especial de reclusão. Nosso quartel se assemelha cada vez mais a um campo de trabalho forçado, onde todos nós, inocentes, levamos um ano e meio de pena.

De repente começou uma epidemia de gripe. Cancelaram visitas e folgas. Devido ao início do treinamento Outono-2009 proibiram estritamente o uso de telefones celulares. De repente a cabine de telefone público parou de funcionar. Nós, soldados, ficamos isolados do resto

do mundo. Parece uma série de coincidências, mas, estando aqui, você passa a acreditar cada vez menos em coincidências.

Pais, familiares, namoradas de Homiel', Miensk e Mahilioŭ queriam nos visitar. Os rapazes esperaram uma semana ou mesmo um mês, até o domingo, para entrar na cidade e ver os seus. Daí dizem que amanhã você não vai a lugar algum – e acabou.

Pedidos de folga são colocados diante de estatutos militares. Cada soldado tem o direito de pedir folga uma vez por semana. Nosso comando insiste em ignorar isso e só liberam os soldados sob um rigoroso "mas" apenas quando os pais chegam. Alguns rapazes chegaram a escapar do quartel apenas uma ou duas vezes em um semestre ou em um ano de serviço.

Depois não estranhemos por que os jovens teimam tanto em não servir o exército.

RELAÇÃO COM O FILME

A narrativa do blog de Miron ainda vai além, explicando que a epidemia em questão se tratava de gripe suína, seguida de sarna pouco depois:

<belaruso> Miron (relatando para o blog): 00:26:18,800 --> 00:26:48,800
 ...faz um mês que estamos sofrendo da epidemia de sarna, que chegou logo depois da de gripe suína. Então, estamos nos coçando o tempo todo... Nosso exército, orgulho do "papai-presidente", por enquanto está perdendo para os ácaros.

(VIVA BELARUS, 2012)

Além disso, o caráter carcerário do quartel se torna evidente quando os soldados, doentes, são terminantemente proibidos de sair do quartel e desligados do mundo exterior. A figura do “papai-presidente” vem de seu apelido em belaruso: “baćka” – “papai”.

16 de março. Montando uma biblioteca

No quarto há uma TV, um grande sofá surrado, algumas mesas e cadeiras. Nas janelas tem vasos com flores decorativas. Nas paredes – um retrato do comandante-chefe e típicos cartazes sobre a estrutura das forças armadas, organização do Estado, brasão, bandeira da República de Belarus, os pilotos-heróis e a classificação dos especialistas nomeados. Sobre uma cômoda tem um aquário com peixes dourados, uma folhinha "Terrinha" e um livro sobre o brasão e a bandeira. Essa é a sala de descanso e informações. Ou, como chamam os soldados, "leninka"⁴⁹.

Eu e os soldados estamos montando uma biblioteca. Enquanto há poucos livros, os armazenamos em uma cômoda. O primeiro-sargento prometeu arranjar um armário, caso a cômoda seja insuficiente. Já temos alguns clássicos estrangeiros, "Morda a cabeça de um corvo" e "Amante de Sua Majestade", de Uladzimir Arloŭ, assinadas pelo autor, Kurt Vonnegut, Kafka, Pelevin, "A psicologia do líder" e "A linguagem escrita", Khaled Hosseini "O caçador de pipas", Eliza Ažeška, "Cham", Henryk Sienkiewicz, "Quo vadis?" e outros.

Assim ficou a metade direita da prateleira. À esquerda estão os livros empoeirados dos autores que eu não conheço. Observando-os, agradei a Deus duas vezes pelo fim da União Soviética e pelo fato de que ninguém me obrigará a lê-los.

O comissário político retirou vários livros: "O exército, é claro, está fora da política, mas, você entende né...". Sob suspeita ficou a revista ARCHE de 2004, "O veredito desconhecido", de Uladzimir Arloŭ (sobre Ihnat Hryniavicki, belarusso, autor de um atentado fatal contra um czar russo), e, por algum motivo, "Cinco homens em um casebre", peças de Alieś Pietraškiavič, «Приласкать и уничтожить»⁵⁰, e poemas-contos de Alieś Niaŭveś, "Porrada".

Ainda não cadastramos os livros. Soldados e sargentos pegam livremente o livro que querem ler. Ou seja, se autoeducam.

Convido todos a contribuir com a nossa biblioteca enviando livros, de preferência, obras de literatura popular de ficção e não-ficção para: cidade de Mazyr, Rua de Astroŭski, quartel 48694, CEP: 247760. Um soldado inteligente é um exército forte.

⁴⁹ De "Lenin", por ter em seu interior o retrato de Lenin, em tempos soviéticos.

⁵⁰ Tradução minha do russo: "Acariciar e destruir".

RELAÇÃO COM O FILME

Ao longo das narrativas do diário e do filme não faltam referências à antiga URSS. Exemplo disso é a sala de descanso, até hoje chamada de “leninka”, como nos tempos soviéticos. Sobre isso, Franak ainda falará no dia 18 de abril, mas, por hora, lembremo-nos que, ainda que o retrato de Lenin não mais esteja exposto na sala de descanso, seu altivo busto continua a ocupar lugar central no quartel, ao lado da atual bandeira oficial e soviética de Belarus (**Figura 17**):

Figura 17 – Busto de Lenin no quartel de Mazyr.



Fonte: VIVA BELARUS!, 2012, 00:17:51,800

17 de março. Algumas dicas para os futuros soldados

Antes de entrar no exército, eu recebi uma série de dicas úteis de Žmicier Žaliežničenka, um dos primeiros recrutas políticos a cumprir serviço em Žlobin, sobre como não repetir os erros das gerações passadas.

O que levar consigo?

Esteja preparado: roupas civis, celulares, e outras coisas que pareçam suspeitas serão confiscadas. Na maioria dos quartéis não há mercado. Prepare tudo com antecedência.

– Para a cara: escova de dente em um tubo, creme dental, saboneteira com sabonete, aparelho de barbear com lâminas removíveis, creme de barbear e loção pós-barba. Preferivelmente tudo novo. Tudo isso pode ser comprado com o sargento do pelotão por um preço correspondente. Algumas vezes mais caro do que o normal;

– Dispositivos para escrever: canetas, lápis, papel A4 para relatórios e reclamações; 4 cadernos: para preparação especial, militar geral, formação ideológica e um para cartas;

– Envelopes com a letra A (pré-pagos para Belarus) ou sem. Para soldados, cartas domésticas são gratuitas – em lugar de selo carimbam «Солдатское»⁵¹;

– Uma lanterna para andar nas patrulhas noturnas, para ler na cabine escura ou sob um cobertor;

– Calmantes ou vitaminas com ação de calmante. Muitos recrutas recém-chegados sofrem de estresse e têm colapso nervoso. Horários difíceis, grande exigência e agressividade dos comandantes, ambiente novo. É importante se manter de pé;

– Protetores auriculares (tampões de ouvido). Na quarentena podem dormir de 100 a 150 pessoas em um quarto e os protetores garantirão um sono tranquilo;

– Livros para ler. Romances e livros educativos. A leitura mantém o vigor geral e atrasa o processo de "emburrecimento";

– Um pedaço de pano branco para fazer colarinho, agulha e linha para costurar;

– Um pequeno rádio com fones de ouvido. Pode ser útil em partes remotas ou em quartéis parcamente equipados, para escutar música e notícias ou para passar o tempo;

– Dinheiro.

Como se comportar? Vão lhe explicar imediatamente após chegar ao quartel. Mas existem regras sagradas que precisam ser seguidas:

– Não furtarás;

– Não dedurarás.

É importante deixar uma boa primeira impressão. Como você se comporta desde o início será tratado até o fim. Na equipe há "caras normais", medianos e perdedores. Para esse

⁵¹ Tradução minha do russo: “de soldado”.

último nível é melhor não cair. No exército, você tem que ser equilibradamente atrevido e ambicioso. Gente assim é respeitada e temida. Siga o princípio de Soljenitsin: "Não acredite. Não tema. Não peça".

RELAÇÃO COM O FILME

Sobre a possibilidade de comprar os itens acima listados com o sargento do pelotão há uma cena bastante representativa no filme:

	00:21:19,800 --> 00:21:38,800
<russo>	Miron: – Eu tenho um dinheiro...
<trasianka>	Ščuka: – Para que porra eu preciso do seu dinheiro? Você não vai receber folga até o juramento de jeito nenhum.
<belarusso>	Miron: – Eu sei. Eu preciso de um celular.
<trasianka>	Ščuka: – Só o celular ou o chip também?
<belarusso>	Miron: – Os dois.
<trasianka>	Ščuka: – 50 dólares.
<belarusso>	Miron: – 70, mas a segunda metade você recebe depois do juramento.

(VIVA BELARUS, 2012)

É interessante notar que, nesse diálogo, estão presentes as línguas russa, belarussa e a mescla de ambas – trasianka. Essa troca de registros não se dá por acaso e é bastante comum em Belarus, não necessariamente nessa ordem (russo – trasianka – belarusso). Miron, ainda pouco conhecido de Ščuka, seu superior, tenta estabelecer comunicação, inicialmente, em russo, como posição de subalterno, e, ao ouvir trasianka, sente-se mais à vontade dando sequência em belarusso.

21 de março. Sentinela do pelotão

Ser sentinela do pelotão é a tarefa diária mais complicada e mais comum. Você começa o serviço às 18:00 de um dia e é liberado daí a 24 horas. Dorme apenas duas horas. O resto do

tempo você fica em pé ao lado de uma cômoda na entrada das instalações do pelotão ou faz limpeza. Essa tarefa nós fazemos algumas vezes por semana. Na pior das situações, dia sim dia não.

Foi-me dada uma baioneta pessoal, que eu pendurei no cinto. Ela se prende facilmente a uma metralhadora, pode ser utilizada como alicate ou martelo.

Até as duas horas da madrugada eu estava lavando o chão com o esfregão. Você enche um balde com água, esmigalha um sabão em barra, agita até formar espuma. Espalha essa espuma pelo chão, pega um esfregão (chamado aqui de “maška”, uma escova com cabo longo) e esfrega o chão. Depois retira a espuma suja com um pano seco.

Das duas às quatro da madrugada você patrulha o território: a caserna, o depósito, a casa de banho, o estacionamento... A cada 15 minutos você sinaliza ao encarregado do pelotão que ninguém matou você nem fez um incêndio. Nosso quartel fica no ponto mais alto de Mazyr, o vento frio penetra o corpo todo, até os pés.

O dia seguinte inteiro você fica lutando contra o sono. Enquanto você fica ao lado do cômodo, você dá as ordens de acordo com a rotina diária ou também anuncia a chegada dos oficiais superiores do encarregado: “Sentido!”, ou chama o encarregado do pelotão. Você também atende às ligações telefônicas.

Uma grande preocupação é arrumar e lavar tudo antes de passar o turno. Cansado, você funciona no piloto automático. O corpo doi. Você sonha com uma coisa só: se ver logo livre.

23 de março. Tribunal militar

Primeira viagem a Miensk. Para o tribunal militar (**Figura 18**). A procuradoria e o tribunal militares foram as primeiras instituições públicas que começaram a tratar seriamente do assunto e das circunstâncias da minha convocação ao exército.

Na audiência, que durou mais de sete horas, foram interrogados o coronel do serviço médico, H. Vodčyc, que tinha “cuidado” de mim e de Kalita, tenente-coronel A. Zahorski, comissário militar, em frente ao qual fui espancado, e que me enviou ao quartel, apesar do fato de que a decisão da justiça não tinha entrado em vigor. Descobriu-se que o pessoal à paisana que

bateu em mim no hospital, não era da contra-espionagem da KGB, nem da polícia e nem de forças especiais, e sim, alguns militares, bem como o major e o tenente-coronel, que me levaram algemado «Родину защищать»⁵². Mas ninguém foi capaz de dizer os nomes dessas pessoas e o lugar de seu serviço. Então, andam pelas ruas uns militares disfarçados que podem espancar uma pessoa e a levá-la para o exército.

Figura 18 – Franak e seu pai, Vincuk Viačorka, no tribunal militar de Minsk



Fonte: VIAČORKA, 2009

Nós anexamos os exames médicos alternativos do coração ao processo. O coronel Vodčyc admitiu no tribunal que, de acordo com estes resultados, não estou apto para o serviço militar.

⁵² Cf. ³

25 de março. Dia da Liberdade⁵³

No café da manhã, parabeneizei os soldados pelo Dia da Liberdade. Em algum lugar de Miensk está começando a manifestação, as pessoas abrem as faixas, erguem as bandeiras. Alguém está falando no microfone, exigindo uma independência de verdade, liberdade de expressão e a renúncia do governo.

E nós aqui temos um licier. Licier é um objeto aéreo, um avião que não pode ser tocado, que devemos acompanhar o mais precisamente possível. Lukašenka e Kolia⁵⁴ estavam voltando de Sochi. O quartel fica em alerta vermelho. No visor aparece um traço verde que se move lentamente para o noroeste. Nós acompanhamos e controlamos para que o Boeing dele não saia do curso acidentalmente nem seja abatido...

No dia 26 de março Franak Viačorka fez 21 anos. A redação do nosso jornal on-line o parabeniza e deseja que os meses passados no exército não tenham sido em vão!

26 de março. Salário

Recebi o primeiro salário mensal – 23 mil “coelhinhos”⁵⁵ belarussos, equivalentes a 8 dólares dos Estados Unidos⁵⁶. Oito dólares é o preço de um mês inteiro de trabalho escravo. Oito dólares são aproximadamente duas vezes menos do que um salário médio em Cuba, 40 vezes

⁵³ Data comemorativa equivalente ao dia de independência de Belarus, não reconhecido pelo governo. Celebra o aniversário de fundação da República Popular de Belarus, a 25 de março de 1918.

⁵⁴ Quase sempre Lukašenka anda acompanhado de seu filho mais novo, Kolia (diminutivo de Nikolai), aonde quer que vá.

⁵⁵ Apelido do rubiel proveniente do desenho de um coelhinho que estampava as primeiras notas de um rubiel de 1992 a 2001.

⁵⁶ Por causa da alta inflação, belarussos frequentemente contam suas finanças em USD, embora a moeda norte-americana não seja aceita legalmente no país.

menos que um salário médio em Belarus, 90 vezes menos que na Polônia e 500 vezes menos que na Grã-Bretanha.

Os mais ricos recebem dinheiro dos pais. O soldado escreve uma procuração em nome do carteiro e ele pega a transferência nos correios.

Depois fazemos as compras. Por exemplo: suspiros⁵⁷, café solúvel, queijo em barras⁵⁸... Os rapazes não têm dinheiro suficiente nem para comprar cigarros. Alguns começam a pensar seriamente em parar de fumar.

30 de março. O exército precisa de um rearmamento completo

Quase diariamente recebemos telegramas da brigada: ordens do comando, notícias das forças armadas, estórias de terror sobre a OTAN. Os telegramas podem ser datilografados ou ditados. O soldado-telegrafista segura o gancho do telefone, a voz do outro lado lê o texto monotonamente, com sinais de pontuação. O soldado anota com uma caneta e relata para o chefe.

A civilização não chegou até o exército, ou, melhor, passou de lado. Fax e correio eletrônico substituem o telégrafo com sucesso. Mas aqui não tem nem um nem outro. O equipamento militar das décadas de 1970 – 1980 que temos aqui ficou moralmente e fisicamente obsoleto. As grandes máquinas que pesam muitas toneladas hoje poderiam ser substituídas por aparelhos pequenos. Antigos carros soviéticos, como URAL, KRAZ, ZIL, não podem competir com caminhões militares contemporâneos produzidos no exterior. Somente graças ao uso adequado e serviço de qualidade nossas tecnologias ainda estão funcionando, prontas para o combate. Outros teriam deixado-as para trás. Aquilo que é mostrado no programa de TV “Arsenal” e no jornal “Armija” não passa de uma fachada.

Nosso quartel é considerado o melhor da oitava brigada radiotécnica. Mas ao longo dos últimos vinte anos não recebemos nenhum novo equipamento nem simulador para treinamento, nada que pudesse melhorar qualitativamente a nossa defesa.

⁵⁷ Tradução mais próxima que achei para “ziefir”, um dos doces mais populares e baratos de Belarus, semelhante ao suspiro, porém com consistência mais macia. É tipicamente consumido com chá.

⁵⁸ Semelhante à manteiga em barra, um dos queijos mais baratos e populares de Belarus, geralmente comido com pão fatia.

O Exército carece de uma reforma completa. O primeiro passo é a profissionalização, o segundo – o rearmamento.

1 de abril. O velho marinheiro

Dá para escrever um livro sobre ele. O nosso primeiro-sargento é uma pessoa sem igual. Baixo, robusto, com bigode grande e espesso, gentilmente ajeitado para os lados. O primeiro-sargento parece um anão do conto de Branca de Neve. Ele serviu à marinha na península de Kola⁵⁹. Lá ele descobriu em si o talento de botar o soldado para trabalhar. Às vezes, você volta de uma tarefa noturna, esgotado e sem força nenhuma, olha para os lados... E assim que o primeiro-sargento notar você, se prepare, pois você vai carregar as fronhas, pintar o meio-fio ou remendar as flanelas.

Os soldados imitam uma atividade intensa. O primeiro-sargento vê tudo, você não o engana.

Ele também sabe xingar – brilhantemente, fortemente e em terceiro grau.

O primeiro-sargento mantém tudo arrumado nas prateleiras. As calças e as camisas estão organizadas por tamanho. Os casacos e até mesmo os chinelos são assinados com os nomes. Toda a propriedade se encontra estritamente de acordo com a lista. Se você for varrer as folhas caídas, vai varrer daqui até o almoço. Ele verifica tudo até a última folha.

Às vezes, eu tenho a impressão de que ele vem à noite e fica ao lado da minha cama, verificando se estou dormindo mesmo. Tenho medo de acordar.

4 de abril. O morcego

No meio do dia de ПХД achamos um morcego. Eu o varri junto com as folha caídas do ano passado. Ele estendeu as asas, escancarou sua boca cheia de dentes e começou a ganir. Voar

⁵⁹ Península localizada na costa ártica da antiga URSS, atualmente na Rússia.

embora ele não quis. Aliás, não podia. Nós tentamos pendurá-lo nos galhos e jogá-lo para cima. Mas o morcego só queria nos morder e fazia uns sons indiscerníveis.

O morcego poderia virar o símbolo das nossas tropas. Do mesmo jeito que a coruja. Sentinela terrível e incansável do céu belarusso.

5 de abril. O mais gostoso são as almôndegas

“Por que nós somos tão bem alimentados?” – perguntei para o cozinheiro, pois tenho ouvido estórias sobre a gororoba de outros quartéis onde servem algo mais parecido com uma gosma do que com comida.

Nós recebemos o dobro de ração devido a elevado nível de radiação. Nosso quartel se localiza em uma zona com controle periódico de radiação, ou seja, na zona de Chernobyl⁶⁰. Comida saudável deve fortalecer a saúde e salvar das consequências de um serviço desse. Nós recebemos 155 gramas de carne por dia em vez dos cem prescritos, dois cubos de manteiga de 30 gramas em vez de quinze, seis ovos por dia em vez de três. Além disso nos dão leite ou leite condensado, pãezinhos, peixe enlatado. Não tem muita gente, então fica mais fácil cozinhar. Um cozinheiro civil e um recruta fazem pratos que podem dar inveja em várias cantinas e refeitórios de Miensk. O mais gostoso são as almôndegas.

6 de abril. Nós somos kamikazes

Quando estavam me levando para o exército, eu me acalmava com o pensamento de que ao menos vou aprender a atirar. Com lançador de minas, pistola Makarov ou pelo menos uma AK-47. Atirar não é um negócio fácil e, como a experiência mostra, pode ser útil. Em três meses

⁶⁰ Embora tenha ocorrido em solo ucraniano, Belarus foi quiçá o país mais afetado pelo desastre nuclear de Chernobyl, uma vez que a usina se localizava perto da fronteira e os ventos sopravam rumo ao norte.

eu só consegui atirar em uma oportunidade, e, mesmo assim, apenas me concederam três balas. Essa é a especificidade do nosso tipo de tropas...

“Vocês são kamikazes!” – O chefe nos animou. – “Em caso de ataque aéreo os primeiros a serem eliminados são as tropas radiotécnicas. E, caso o ataque venha da Ucrânia, vocês já não existirão em questão de 15 minutos. Não dará sequer tempo para detectar o míssil”.

Animou bem, né!? Logo imagino um bombardeio, nossos equipamentos com localizadores se quebrando em pedaços...

Uma vez me pareceu que nós não estávamos servindo ao exército e sim, jogando um jogo. Uma brincadeira para adultos. Nós passamos tinta no motor e limpamos os filtros dos carros que um dia andarão. Nós nos escondemos, cobrimos os localizadores com umas redes de camuflagem, mesmo que qualquer dona de casa possa enxergá-los no mapa de satélite do Google Earth. E, afinal de contas, nossos localizadores nem sequer enxergam muita coisa, sem falar da precisão deles. Mas com isso ninguém se preocupa. O importante é que todo mundo esteja ocupado.

Neste jogo, tudo é como se fosse de verdade. Formações quatro vezes ao dia, estado-maior, alerta vermelho... O equipamento militar é que nem brinquedo, quebra o tempo todo. E nós o consertamos o tempo todo.

O prêmio principal neste jogo cruel é a desmobilização.

8 de abril. Aquecimento

Início do dia. O sol se enche de um vermelho ardente. O céu intensamente azul ofusca a visão. O vento matinal atravessa a pele. Mazyr está coberta por uma névoa. Só uns prédios destacados, parecendo torres de um castelo, perfurando a cobertura leitosa do ar parado.

O dia do soldado começa com o aquecimento. Nós corremos dez voltas ao redor da praça, depois nos alinhamos em duas fileiras e alongamos os músculos das pernas, dos braços, do pescoço. Fazemos a chamada mola de soldado – inclinamos o corpo para frente, tentando alcançar os pés, e nos agachamos.

Alguns sargentos gostam de inventar algo, como apoio contado. Você faz prancha e dobra os cotovelos de acordo com o comando de contagem: um, dois, ou – então flexiona até a metade – um e meio. Cada comando é seguido por uma longa pausa... Na décima vez você já está lascado. Depois desses apoios as mãos ficam com o relevo do asfalto frio.

Para terminar, fazemos barra e abdominal.

Quando o aquecimento terminou, o sol já voltou a ter sua aparência normal, dourada. A névoa dissolveu-se lentamente. Os arredores se encheram com cantos de pássaros. Se rastejando, aos poucos chegou a primavera...

RELAÇÃO COM O FILME

O “apoio contado”, mencionado acima por Franak, é retratado no filme, embora não como aquecimento, mas como punição (a diferença entre os dois é mais uma questão de horário e motivação do que de intensidade):

<em russo>	<p>00:19:03,800 --> 00:19:33,800 Sargento: – Deitado! Sentido! Deitado! Apoio! Um, dois! <i>Schneller</i>, novato! Um! Dois! Um e meio! Bora, porra!</p>
	(VIVA BELARUS, 2012)

12 de abril. Modo de verão

No exército não existe bom senso. Quem sofreu dessa vez foram os soldados comuns. Chegou a ordem de mudar para o modo de verão. Alguém decidiu que o verão começa exatamente hoje. Trocaram nosso uniforme para o de verão, os gorros de inverno foram substituídos por bonés, entregaram as cuecas e as camisas⁶¹. Sob a orientação do primeiro-sargento nós tiramos o material de isolamento térmico das janelas.

⁶¹ No inverno, são calças de baixo e camisas de manga longa.

À noite, quase viramos picolé. Estava ventando de todas as rachaduras, parecia que não estávamos no nosso quartel e sim, na península de Kola. Só se ouvia os dentes se batendo... Pegávamos dois ou três cobertores para cada um, nos cobríamos com os casacos, alguns dormiram vestidos. Dormimos com um pensamento só: que isso tudo acabe logo.

13 de abril. O encontro com Žaliežničenka

No final de semana chegaram minha mãe, Saša Klimovič e Andrus Krečka da Juventude da FPB, meu professor do liceu, Aliaksiej Krukoŭski e, o mais inesperado, Žmicier Žaliežničenka.

Žmicier finalmente conseguiu ter dez dias de folga. Há mais de um ano ele está servindo ao exército nas tropas ferroviárias em Žlobin, mesmo sem ter feito o juramento. Žmicier foi expulso da faculdade e, que nem eu, violentamente obrigado a «защищать родину»⁶². Žmicier é “veterano”, eu sou “novato”. Ele logo chamou minha atenção: por que as botas não estão devidamente polidas? Eu me apressei em corrigir o problema.

Deram-me folga de um dia. Nós todos fomos para uma cantina. Rimos, brincamos. Discutimos o serviço militar, os equipamentos, meu diário. Žmicier não aceita a dziedaŭščyna e tenta ajudar ao máximo possível os novos soldados. Lê, estuda livros profissionalizantes, quer ser programador. Está se preparando para voltar à vida civil...

Nós concordamos que o serviço militar, com todas suas «тяготами и лишениями»⁶³, não dá nada de especial a uma pessoa. Nada a não ser anos perdidos. Devemos ter pelo menos uma escolha.

Depois subimos à colina do castelo de Mazyr. Uns dois anos atrás, aqui foi construída uma cópia do castelo medieval, de madeira, com um museu, torre de sino, mirante e restaurante. Da torre se abre uma vista para a cidade de Mazyr. A inundação do rio Prypiac dividiu o espaço em pequenas ilhas. Atrás do rio há uma floresta com colinas... Não é à toa que a região de Mazyr é chamada de “suíça belarussa”.

⁶² Cf. ³

⁶³ Tradução minha do russo (caso nominativo: “тяготы и лишения”): “Dificuldades e privações”.

Tiramos fotos. Ao lado do muro do castelo tinha um gigante tabuleiro de xadrez, com grandes figuras de madeira. Jogamos uma breve partida. Žmicier ganhou de mim. “Aprenda, soldado!” – ele me disse ao se despedir e me deu uma sacola com chá, biscoitos, limão e leite condensado. – “Esse é seu presente de aniversário!”.

Žmicier foi embora. E nós continuamos o passeio por essa cidade excepcional.

18 de abril. O que diz a mídia

No quarto de descanso e informação, chamado também de “lieninka” ou “lukašeninka” (do sobrenome da pessoa no retrato que está pendurado em cima da televisão), a mídia do governo coexiste pacificamente com a mídia independente. Seis jornais têm assinatura obrigatória: «Советская Белоруссия», “Respublika”, “Narodnaja hazieta”, «Белорусская военная газета» e os locais “Homiełskaja praŭda” e “Žyccio Paliessia”⁶⁴. O carteiro os junta com uma corda. Com a minha aparição no quartel começaram a chegar também “Narodnaja Volia”, “Naša Niva”, “Novy čas”, «Белорусы и рынок» e “Hazieta Slonimskaja”⁶⁵.

Inicialmente, deparei-me com um forte protesto dos ideólogos, que diziam: nós, como uma organização do governo, não podemos receber mídia que não esteja na lista oficial. Tudo que era fora da lista era retirado e destruído impiedosamente.

A situação melhorou quando os oficiais começaram a ler “Naša Niva” e “Narodnaja Volia”. Os soldados normalmente resolvem as palavras cruzadas e leem anedotas, não se interessam muito pelas notícias.

É como se o exército arrancasse a pessoa da vida civil. Tudo que acontece fora do quartel parece distante e pouco importante.

Percebi que comecei a ler a imprensa do governo por acaso. Precisamos conhecer o inimigo pela cara. Essa leitura alimenta o pensamento. No contexto dos jogos políticos com a Europa⁶⁶, a ênfase e a retórica mudaram. Alguns dos meus colegas da faculdade de jornalismo

⁶⁴ Tradução minha do russo: “Bielorrússia Soviética”; “Gazeta militar bielorrussa”. Essas, integralmente russófonas, e as demais, bilíngues, são publicações da imprensa do governo.

⁶⁵ Jornais independentes, na maioria em belarusso, com exceção do título em russo: “Bielorrussos e o mercado” (tradução minha).

⁶⁶ União Europeia.

começaram a trabalhar nos jornais do governo e a escrever feito fervorosos propagandistas. Eles tiveram bons exemplos a seguir. Os professores que me expulsaram da faculdade, por causa dos quais me mandaram servir ao exército, subiram na carreira. Dão muitas entrevistas. O diretor da faculdade, Siarhiey Dubovik, virou reitor do Instituto de Jornalismo da Universidade Estatal Belarussa; Hanna Basava virou a chefe do departamento de cursos profissionalizantes e Viktor Iŭčankaŭ, quase que o filólogo mais importante do país...

Belo serviço. Podem botar as insígnias.

RELAÇÃO COM O FILME

Há em Belarus um controle muito forte da imprensa pelo Estado, o que não impede que existam publicações oficiais independentes, como as citadas por Franak. O governo as reconhece para criar uma falsa atmosfera de transparência e liberdade de expressão na sociedade, ao mesmo tempo em que persegue seus editores e leitores de várias maneiras. A título de exemplo, minha esposa, Volha Yermalayeva Franco, foi expulsa do curso de jornalismo, um semestre antes de Franak, por trabalhar no Narodnaja Volia e no Chimik, outro jornal independente.

Em uma cena do filme, o sargento descobre uma edição do Naša Niva nas coisas de Šery, o que provoca sua ira, de maneira semelhante à relatada na passagem acima:

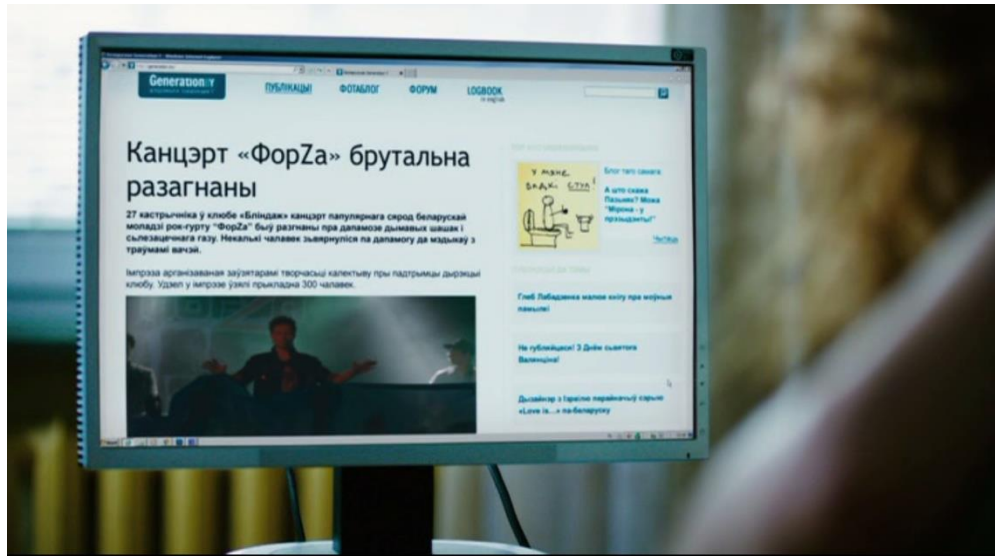
<russo> 00:36:54,800 --> 00:37:33,800
 Sargento: – O que é isso, seu viado "europeu", hein?... Está com fome de mídia? Queria um jornalzinho democrático? Então, engula... Naša Niva, Narodnaja Volia... Mastigue e engula, Siery! Temos bastante tempo... Arrume isso aí!... Também está com fome, Zakharko?
 (VIVA BELARUS, 2012)

No filme ainda há a presença da mídia independente na figura de Vera, jornalista do site independente belarussófono Generation.by, que existe na vida real (**Figura 18**). A mídia independente ainda se revela na presença da rádio Racyja, formada por belarussos, em exílio na Polônia, que mantém seus ouvintes informados sobre os acontecimentos narrados por Miron, e,

brevemente, nos sites de notícias udf.by (VIVA BELARUS!, 2012, 00:51:36,900) e charter97.org (VIVA BELARUS!, 2012, 00:51:38,900), ambos belarussos.

Em contrapartida, os canais estatais BT e BelarusTV são uma constante no filme, quase sempre negativa. Sobre o BT o autor ainda falará no dia 10 de junho e sobre jornais independentes, no dia 8 de maio.

Figura 18 – Vera publica notícia sobre concerto da banda Forza no site Generation.by.



Fonte: VIVA BELARUS!, 2012, 00:09:34,800

20 de abril. Capturamos um espião

No topo de uma baixa colina artificial, rodeado por inúmeros equipamentos militares, encontra-se de pé um soldado olhando através de binóculos para o céu. É um observador do POE – Ponto de Observação Externo.

No caso de um alarme ou alerta vermelho, ele corre até a colina, relata sobre todos os aviões, helicópteros e outros objetos voadores que viu, informa suas rotas, distância, altura aproximada. Acontece que existem muitos truques para determinar com os olhos e binóculos, rastros no ar, marcos locais e outros.

Ontem ocorreu um incidente interessante. Um parapente nos sobrevoou. O primeiro a notá-lo foi o observador do POE, que logo informou o alto comando. Decidiram capturar o espião em potencial que violou as regras de utilização do espaço aéreo ao voar sem devida autorização. O coitado do piloto era na verdade um simples amador local. Agora ele terá que pagar uma bela multa e ter uma boa conversa com os representantes da contra-espionagem militar.

E o nosso observador recebeu gratidão do comandante do batalhão pelo bom serviço.

25 de abril. Atenção, vento!

Na véspera de 26 de abril⁶⁷, Lukašenka visita cidades da zona de Chernobyl. Tocou ao nosso batalhão acompanhá-lo. Quando o helicóptero voou sobre nós, recebemos ordem para dispersar para as estações e mantermos distância "para nossa própria segurança."

Por dois dias seguidos o alerta vermelho se manteve. Quase todos estavam ocupados, ou nas estações ou nos monitores. Eu fui enviado para longe do pecado, para colocar o equipamento em modo de verão. Eu rastejei sob os "Urais", lixando com dedicação para retirar a ferrugem, e renovei a pintura. Passando por entre as caixas encontrei uma bateria antiaérea. Haha! Parece que nem tudo está perdido.

RELAÇÃO COM O FILME

Um outro ponto tratado em maiores detalhes no filme do que no exército é a contínua redução dos limites da zona radioativa, por iniciativa do governo, a fim de reduzir gastos com indenização às vítimas e outras verbas especiais destinadas ao sustento da região devastada:

<belaruso> Vincentavič: 00:34:36,800 --> 00:35:35,800
 – Desde que excluíram essa região da Zona de Radiação, tiraram todos os benefícios, transporte e medicação gratuitos... Não tem dinheiro nem

⁶⁷ 26 de abril é a data de aniversário do desastre nuclear de Chernobyl, que aconteceu perto dali, na Ucrânia.

- para comprar comida, quem dirá cigarros.
- Miron: – A doença de Paška... é por causa de Chernobyl?
- Vincentavič: – Os pais de Paška morreram de radiação. Estamos dando um jeito juntos, tudo que tenho gasto com a medicação para ele... Sem ajuda dos outros eu não conseguiria.
- Miron: – Ščuka está ajudando? Tem como restabelecer o status de Zona de Radiação?
- Vincentavič: – Quem sabe? O governo não se preocupa com isso. Teremos eleições de deputados, e só tem um candidato. Aquele mesmo que tirou o status de Zona de Radiação.
- Miron: – Apenas um candidato?
- Vincentavič: – Sempre temos um candidato só...
(VIVA BELARUS, 2012)

Embora a atmosfera do filme, de um modo geral, tenda a ser mais brutal que o relato de Franak, há alguns personagens que amenizam o sofrimento de Miron e que não existem no diário: Vincentavič, o senhor de idade, civil, com quem Miron conversa acima, Paška, um menino alegre e divertido, porém mudo e enfermo por causa da radiação, e Ščuka. Na referida conversa, Vincentavič ainda denuncia outra questão que trará importantes desdobramentos para a narrativa: a corrupção nas eleições.

26 de abril. Banho

Todos os sábados, depois do ПХД, os soldados tomam banho. Chamamos de casa de banho a extensão feita de tijolos anexa à caldeira próxima da caserna. Em unidades militares menores, como na brigada de Baranavičy, onde não há casa de banho própria, os soldados são levados para uma na cidade. Na casa de banho se revezam grupos de 5 a 10 pessoas. O cômodo é pequeno. Formam-se três filas, uma para cada cabine com chuveiro. A água desaparece periodicamente. Às vezes, temos de ficar meia hora em pé, ensaboados e com frio, enquanto alguém vai à caldeira descobrir o que está acontecendo.

Tomamos banho no escuro, sob uma lâmpada fosca localizada em algum lugar do teto. Nunca reformaram a casa de banho. Apenas pintaram os canos enferrujados com um azul carregado. Do teto caem gotas cinzentas com resquícios de tinta.

O primeiro banho me deixou uma sensação bastante desagradável, mas, das outras vezes, eu já nem prestava mais atenção nisso. Depois de uma dura semana de trabalho mesmo esse chuveiro parece até um luxo.

Alguns lavam os uniformes no banho. Essa é, talvez, a única oportunidade de utilizar água quente. Já faz seis meses que prometem colocar uma máquina de lavar. E ela continua empacotada, no depósito...

Depois do banho, entregamos nossas roupas de baixo e recebemos outras limpas. Camisetas, cuecas e trapos para os pés. As roupas de baixo são reutilizadas muitas vezes e se desgastam. Mas não tenha medo: durante a lavagem ela passa por uma desinfecção.

Além disso, o primeiro-sargento dá um tubo de graxa/tinta Damavik, sabonete Infantil e um rolo de papel higiênico Soldado⁶⁸ em uma embalagem camuflada engraçada.

28 de abril. Futebol para homens de verdade

Improvizamos um campo de futebol no heliporto. Puxamos duas traves, definimos as regras. Sem impedimento, sem bola fora, sem goleiro. Os novos recrutas jogaram contra os veteranos. Todos de camiseta e calção. Havia quem calçasse tênis velhos, rasgados e outros jogavam descalços. Corremos por mais de duas horas. Machucamos os pés. Apesar de termos perdido, não nos chateamos. No dia 1º de maio teremos nossa revanche.

4 de maio. A cadelinha

No quartel apareceu uma cadelinha – barrigudinha, de pelo ruivo, cauda espessa e olhos negros, brilhantes. De onde ela veio, ninguém sabe. Algumas pessoas dizem que ela é filhote da cadela da caldeira. Outros dizem que ela foi abandonada.

⁶⁸ Marcas tipicamente soviéticas, da época em que não havia iniciativa privada e os produtos tinham nomes genéricos, como “Infantil” e “Soldado”. “Damavik”, além de marca de graxa é o nome de uma entidade do folclore belarusso guardiã dos lares.

Decidimos chamá-la de Elza. Ela já tem seus lugares favoritos: a porta do refeitório, de onde o tempo todo lhe jogam comida, a área de fumantes, onde ela sempre fica no centro das atenções, e a pracinha. Às vezes, quando formamos fileiras, ela fica em posição de “sentido!” e nós brincamos de saudá-la. Por isso ainda lhe demos outro apelido: "General".

8 de maio. Às vezes a verdade fere os olhos

As últimas postagens do diário do exército provocaram uma reação dura e incompreensível no comando da brigada. Todos levaram bronca: o comandante do nosso batalhão, o comissário político, o chefe de gabinete, o primeiro-sargento e alguns oficiais. Depois do almoço, o comandante do batalhão avisou que se eu continuar a escrever o diário serei processado criminalmente. Parece que ele não estava brincando. O que poderia incomodá-los tanto? O destino da máquina de lavar roupa foi esclarecido. Em breve ela irá para outro pelotão, alocado em Homiel, sapatos para educação física e esportes não foram fornecidos pela brigada. Nosso comandante não tem culpa.

O chefe de gabinete do batalhão me chama. Ele sacode uma edição do "Naša Niva" com a manchete "Feliz páscoa!". "Isso não deveria estar aqui. Estes são jornais antigovernamentais e eles são proibidos". Então foi isso que os tirou de si. Tento explicar que jornais como "Narodnaja Volia", "Naša Niva", "Novy čas" são registrados e oficialmente distribuídos, mas é inútil. Deram-me mais outra punição: privação de folga, e ordenaram retirar os jornais "antigovernamentais" da sala de lazer e informação. "Mantenha-os no criado-mudo para que ninguém os veja."

Como antigovernamental foi considerada também a revista “pARTisan” de Artur Klinaŭ. Confundiram-no com o site belaruspartisan.org. Ou seja, se o nome é parecido, significa que é a mesma coisa. Fico pensando no que orienta os ideólogos militares, quando determinam o que é bom e o que é proibido. Eles desconfiam de tudo. Bem, eu quis escrever o diário de um soldado belaruso, mas, como sempre em Belarus, acabou em processo criminal.

10 de maio. Canções marciais

A canção do soldado é um atributo especial do serviço militar. Criada para levantar o humor e moral das tropas. Não, não é uma daquelas canções do front, com as quais se jogavam contra o inimigo, essa é mais como um cartão de visita de cada quartel. As canções são entoadas antes de cada refeição – café da manhã, almoço e jantar, bem como durante a caminhada noturna de 15 minutos antes de assistir "Panorama". Ainda na quarentena me disseram que "no exército canções não se cantam, se bradam, e quanto mais alto melhor". Lá também nos ensinaram aquela velha canção «Мы — армия мира»⁶⁹, com melodia semelhante ao hino da União Soviética. «Мы армия мира, добра и свободы, мы армия — Белой Руси часовой, мы дали присягу на верность народу, на верность республике нашей родной»⁷⁰.

No quartel de Mazyr não gostam dessa canção. Nos ensinaram outras três, incluindo uma em belarusso: "Floresça, Belarus, seu caminho é coberto por uma floresta dourada. Você nasceu no campo de batalha, por você seus filhos cantam" e assim por diante.

Mas, o maior sucesso é, sem dúvida, a canção «Войска ПВО»⁷¹. Dizem que ela foi escrita no longínquo ano de 1996 por soldados da nossa brigada. Ela é cantada em ritmo de rap: «Войска ПВО — это грозная сила, врасплох не застать нас врагу, клянемся отчизне — родной Беларуси, что будем всегда начеку. Не спит оператор, не дремлет локатор, в кабине дежурит расчет, свободное небо отчизне солдат ПВО сбережет. В ученьях, на стрельбах, за пультом куется твое мастерство, вчерашний учитель, колхозник, рабочий — сегодня ты труженик войск ПВО»⁷².

Eu, por questão de princípios, canto somente em belarusso. Não me forçaram a cantar outras. Ofereci-me para preencher o repertório com marchas belarussas. "Já temos muita coisa para estudar, piorou com suas canções" – recusaram os soldados.

⁶⁹ Tradução minha do russo: "Nós somos o exército da paz".

⁷⁰ Tradução minha do russo: "Nós somos o exército da paz, bondade e liberdade, nós somos o exército sentinela da Rutênia Branca. Nós juramos fidelidade ao povo e à nossa querida república".

⁷¹ Tradução minha do russo: "Tropas de Defesa Antiaérea".

⁷² Tradução minha do russo: "As tropas da defesa antiaérea são uma força bruta, o inimigo não vai nos pegar de surpresa. Nós juramos à pátria, à nossa querida Belarus, que sempre ficaremos atentos. O operador não dorme, o localizador não cochila, na cabine está tudo em ordem. O céu livre da nossa pátria é guardado pelo soldado da defesa antiaérea. No treinamento, atirando e monitorando, melhora a sua habilidade. Ontem você era um professor, um camponês, um trabalhador, hoje você é soldado da defesa antiaérea".

13 de maio. Como se gera disciplina

Não discuta com superiores, seja sargento ou até mesmo tenente-coronel. Você nunca tem razão. O soldado é o último da hierarquia do exército, assim, de um jeito ou de outro, estamos no fundo do poço. E meios de punir eles têm de sobra. Eles dão sermão, cancelam folga, passam tarefa em cima de tarefa, mandam para a solitária. Esse último é usado em casos muito especiais, quando precisam ensinar uma lição a rebeldes muito teimosos.

Puniram-me com duas tarefas a mais, por desorganização no local de trabalho. Assim decidiu o chefe de gabinete. Por que justo eu é um mistério para todos. Não era meu turno, eu não trabalhava naquela função e, durante a "bagunça", eu estava na caserna. E será que realmente houve essa "bagunça"? Sua lógica é inexplicável. E o mais triste é que não posso contestar. A capacidade "pedagógica" dos oficiais é invejável. Se você não sabe essa ou aquela norma ou artigo do estatuto – vá para a sala de aula, ou fique perto da cômoda e decore. Enquanto não responder, não vai poder dormir. Enquanto isso, inspecionam a sala de aula para verificar se ninguém cochilou. Mas, com a fisiologia não se discute e nada entra em sua cabeça. O soldado só pensa em dormir. Ao amanhecer, sonolento e cansado, você vai cumprir suas tarefas ou pegar seu turno.

14 de maio. Na agenda do dia – diário de Franak Viačorka

O comissário político e o psicólogo realizaram uma reunião extraordinária com os soldados. Na agenda do dia – os planos para o fim de semana e o diário de Franak Viačorka. Em cinco minutos discutimos os planos. Em quarenta, o meu comportamento. Mais uma vez tentaram jogar os soldados contra mim. Disseram que quanto mais ele escrever esse diário, pior para todos vocês. "Soldados, este é um exemplo vivo das consequências da liberdade de expressão" – resumiu o comissário político, e todos foram jantar.

15 de maio. Batalhão de busca

Ainda um mês atrás fomos informados de que o batalhão de busca viria. Quem são e por que vêm ninguém explicou. Quinze jovens, na maioria recrutas, se acomodaram no terceiro andar do nosso alojamento. Quase todos os dias eles vão para a cidade vizinha de Kalinkavičy para escavações. Os militares estudam a história dos conflitos da primeira e da segunda guerra mundial, escavam as prováveis valas dos comuns e conduzem o reenterro de restos mortais. Há também alguns achados únicos, que são estudados e repassados para o museu. Dizem que Belarus é o único país pós-soviético onde funciona uma unidade militar desse tipo. A tarefa de um batalhão especializado nesse tipo de busca – e ele se reporta diretamente ao Ministério da Defesa – é honrar a memória das vítimas e preencher as lacunas no estudo das guerras no território do nosso país.

17 de maio. Torneio de tênis de mesa

No nosso quartel tem tênis de mesa. Surpreendentemente, nunca jogamos: ora falta bola, ora tempo. No domingo fizemos um torneio contra os rapazes do batalhão de busca. Ganhamos todas as partidas individuais, mas perdemos nos pares. Eu também joguei, dividi terceiro e quarto lugares. O vencedor foi um rapaz do comando de montagem técnica, premiado com folga extra.

18 de maio. Exército e saúde

Eu olho para as minhas mãos. Em quatro meses no exército elas envelheceram uns dez anos. A pele secou, endureceu, cobriu-se com mil pequenas rugas e rachaduras. Agora eu entendo

porque a idade de aposentadoria para o pessoal militar é de 45 anos, porque aos quarenta e cinco, alguns deles parecem ter sessenta: cabelos grisalhos, calvície, rugas e voz rouca.

O exército é fisicamente puxado e uma hora você já não liga para a dor, desconforto, frio ou doenças. Você para de sentir tudo isso. Mas condicionamento físico requer boa saúde. Falta de sono e estresse elevado são tão úteis quanto prejudiciais. Que sentido tem em convocar uma pessoa ao exército e mantê-la o tempo todo em tratamento? Eu sentia esse peso nas costas. Dores de cabeça, no coração e nos pés eram cada vez mais comuns. Às vezes a dor é tanta que é difícil respirar. Várias vezes fui dispensado das tarefas. Apelo ao paramédico ou subtenente. Medimos a pressão. Alta. Em média, 17 por 11. Me levaram para a policlínica municipal. A médica mediu minha pressão, lamentou e prescreveu uma droga para hipertensão. Todos os dias eu tomo cinco tipos diferentes de pílulas. Escrevi uma solicitação de palmilha ortopédica. Estou esperando resposta.

Aqui muitas pessoas precisam de tratamento médico. Há uma ideia equivocada de que todos são saudáveis no exército e quem se sente mal é porque não quer trabalhar e cumprir seu dever cívico. Por isso só se queixam quando já não suportam mais. Como nosso psicólogo diz: "o soldado é considerado saudável até que desmaie e os outros o carreguem". É assim que as pessoas são ensinadas a suportar a dor.

20 de maio. Um erro imperdoável

Os "camaradas" do setor de alistamento me convocaram com tanta pressa que esqueceram de preencher meu certificado de alistamento militar. Agora os militares não sabem o que fazer. Meu certificado não tem nem data nem identificação do quartel aonde me mandaram.

29 de maio. Quem vai consertar a Rua de Astroŭski

Para chegar ao nosso quartel temos de ir até o último ponto do ônibus número 2 e depois a pé até a Rua de Astroŭski. O asfalto foi colocado apenas até o ponto, depois disso, o

caminho é cheio de buracos e pedras, sem sinalização nem calçada. As crianças brincam no meio da estrada do quartel e os carros estacionam na lama e na areia. Inicialmente o bairro da ferrovia de Astroŭski era associado à empresa Mazyrdreŭ, mas a empresa empobreceu.

Os próprios moradores tentaram reformar a rua como podiam. Quem podia trazia madeira, outros traziam areia para preencher os buracos. Sua parte da estrada os militares preencheram com lajes de concreto. Mas isso ainda não era o suficiente. De acordo com os moradores locais, não houve reforma na nossa rua em mais de vinte anos. Escreveram solicitações, fizeram reuniões, sem resultado. A resposta dos funcionários do governo era sempre a mesma: "Não tem dinheiro". Eu liguei para o comitê executivo, mas começaram a me passar de um funcionário a outro, ninguém queria responder. Finalmente falei com o chefe de habitação e serviços comunitários. Ele não negou a ausência de planos para reformar a Rua de Astroŭski. E quase não se justificou. Este ano, para a reparação das estradas de Mazyr foram destinados 3,5 bilhões de rubiels⁷³, o que foi suficiente para reformar uma rua, a Proletária. «На что хватило денег, то и сделали»⁷⁴ – resumiu o funcionário. E completou: «Кризис»⁷⁵.

Mas a crise não é desculpa para inércia burocrática. Os moradores locais começaram a coletar assinaturas para uma petição ao presidente da comissão executiva distrital.

1 de junho. Trabalho de verão

O verão trouxe mais trabalho. O quartel foi tomado por uma incessante onda de atividades. O comandante do batalhão anunciou uma guerra contra a grama. À medida em que o sol esquentava, mais e mais hectares de mato cresciam. Foice só temos uma. Capinamos por escalas. Afiamos a ferramenta e voltamos a capinar. Três soldados constroem um campo de tiro. Prometeram-nos que, muito em breve, não precisaremos mais ir a outro lugar para atirar com as velhas AK-47. E olhe que demos três tiros seis meses atrás e já nos esquecemos como. E eu preciso de prática, porque pela contagem sou o atirador número 4.

⁷³ Aproximadamente R\$2.430.000, de acordo com o câmbio da época.

⁷⁴ Tradução minha do russo: "O que deu para fazer com esse dinheiro, fizemos".

⁷⁵ Tradução minha do russo: "Crise".

Nossa estação dispõe de um caminhão militar com uma enorme antena acoplada à carroceria. Ela fica no topo de uma colina íngreme e, no caso de uma realocação de emergência, será difícil descê-la. Eis que os soldados são convocados. Como os egípcios na construção das pirâmides, vindos de todos os cantos do quartel, com as mãos nuas ou em um ZIL, arrastamos pedras, pedaços de vergalhões, blocos de concreto e os restos da cerca velha para cima da colina. No topo, cobrimos tudo com relva e a paisagem ganha novo visual. Entre as estações de radar arrastam-se milhares de metros de cabos e é necessário cavar trincheiras nas laterais, para caso algum mané jogue uma bituca acesa e a grama seca pegue fogo, os cabos e equipamentos não sejam queimados.

Mas depois de uma ou duas semanas a grama crescerá novamente, por isso o procedimento deverá se repetir durante todo o verão.

3 de junho. De volta ao hospital

O comandante aceitou minha solicitação e me enviou para um exame com a comissão militar médica do hospital militar de Babrujsk. Os médicos tiveram de determinar o meu nível de aptidão para o exército. Eu era aguardado. Primeiro me avaliou o médico de plantão, em seguida, o titular. Durante muito tempo ficaram discutindo para onde me mandar. Finalmente decidiram me alocar na unidade terapêutica. Na enfermaria tem seis homens. Dois são das tropas internas. Um deles começou imediatamente a demonstrar os comandos que lhe ensinaram para lidar com manifestantes. Eu quase vomitei minhas entranhas. O segundo revelou-se erudito, bem letrado, devorava palavras cruzadas e ainda se interessava por paganismo belarusso. Um outro, que estava internado com úlcera, era das tropas de mísseis. Contudo, ele admitiu que eles só têm um míssil, que nem funciona direito. Havia ainda outros dois, transportadores, de Asipovičy, da linha de montagem. Um deles era Alieś Kraučenia, de Baranavičy, recrutado por motivos políticos em janeiro assim como eu, Šyla e Chviedaruk. Alieś não perde tempo e escreve poemas sobre o exército. Tínhamos bastante o que conversar. Mas, no dia seguinte, Alieś foi repentinamente liberado.

Todos os dias nos davam várias ordens. Em todo o setor havia seis recrutas, o resto era composto de contratados e reformados. As tarefas, é claro, não são tão rigorosas como nas unidades: recolher lixo, atender telefone, lavar pratos. Mas tarefa é tarefa, nunca é sombra e água fresca. No segundo dia de tratamento, acionaram o alarme de treinamento bélico – chegou alguma fiscalização muito importante de Miensk. Eu fui nomeado soldado de plantão do setor.

4 de junho. Vaso de cristal

O hospital se situa numa das construções da Fortaleza de Babrujsk, construída nos anos 1810-20. Pé direito alto e arcos criam uma atmosfera incomum de tempos antigos. Os médicos, as enfermeiras e os servidores proporcionam um tratamento confortável para os pacientes. Primeiramente, eu fiz todos os exames possíveis, depois passei por consultas com os médicos. Tudo está caminhando para a dispensa. Alguns médicos que me examinaram ficaram surpresos como que eu podia ser chamado ao exército com essas condições de saúde.

A postura com relação à língua belarussa aqui é claramente positiva. Depois do almoço as cozinheiras se sentam à minha mesa e pedem: “Então, pode conversar conosco em belarusso, por favor?”.

No consultório do neurologista, conversamos sobre política. Eu tentei lhe explicar que ele pensa com clichês de propaganda política. E a enfermeira me chamou de sectário político e adicionou: «А мне вообще все равно»⁷⁶.

Na porta de um dos consultórios eu peguei fila depois de um general reformado. Ele estava tentando me convencer de que o exército belarusso, tanto quanto o Estado belarusso, não tem perspectiva. Eu estava provando o contrário. O general me “entregou” para o chefe do departamento e eu recebi um comentário como se eu andasse pelas enfermarias fazendo propaganda política.

O médico titular me advertiu que eu não sáisse do hospital sem permissão, para que nada acontecesse comigo: «Мне приказано с тобой обращаться, как с хрустальным сосудом. Ты же сам все понимаешь»⁷⁷.

⁷⁶ Tradução minha do russo: “Para mim, tanto faz”.

RELAÇÃO COM O FILME

A postura “claramente positiva” em relação à língua belarussa nesse hospital é, de certa maneira, relatada no filme em outras circunstâncias. Após o AVC (que não ocorreu na vida de Franak), Miron acorda no hospital, onde o médico fala com ele em belarusso:

<belarusso>	<p style="text-align: right;">01:27:10,800 --> 01:27:35,800</p> <p>Médico: – Bem, o pior já passou. Miron: – Onde estou... Médico: – Hospital nº4, Minsk. Você sofreu um derrame, mas agora a situação está sob controle. Suas funções vitais estão boas. Quanto às funções sexuais, veremos.</p> <p style="text-align: right;">(VIVA BELARUS, 2012)</p>
-------------	---

É interessante notar que esse mesmo médico estava na comissão que enviou Miron para o quartel, no início do filme. Nessa ocasião, ele falava russo, assim como Miron, e agora, a sós, ele fala belarusso, o que pode mostrar um traço de murta semelhante ao do protagonista.

Considerando que o filme tem muito menos personagens que o diário, não é de se surpreender que as cozinheiras que, com tanta curiosidade, se aproximam de Franak, na passagem relatada acima, para conversar em belarusso, não apareçam no filme.

Tanto no diário quanto no filme, os protagonistas terminam recebendo alta e sendo dispensados do exército.

5 de junho. Alta

Acordaram-me no meio do sono da tarde. Falaram para eu arrumar as minhas coisas. Disseram que me deram alta. Os médicos e o oficial que chegou para me buscar deram de ombros.

– Como assim? A avaliação não terminou.

⁷⁷ Tradução minha do russo: “Recebi ordens para tratar você como um vaso de cristal. Você entende, né?”. “Vaso de cristal” é uma expressão famosa, criada por Lukašenka em um de seus pronunciamentos, como metáfora para Belarus, país que ele “conduz com cuidado”.

– Ordem do comandante.

Essa alta me lembrou o episódio de janeiro quando entraram na minha enfermaria no Hospital Central Militar umas pessoas à paisana, me espancaram e “deram alta”. Desta vez eu poderia ser dispensado. Ao menos, tudo indicava isso. Mas forças maiores interferiram. E a elas, como sabemos, a lei não se aplica.

7 de junho. Festa

Na véspera houve uma festa em uma casa perto do nosso quartel. Se era casamento, se era aniversário, não deu para entender. Beberam, comemoraram. Os cachorros estavam latindo de lascar a goela. Depois começaram a cantar. Mas que canções! “Za tumanom”, “Zorka Vienera”, algumas folclóricas. Eu escutava pela cerca. Minha alma se encheu de alegria.

10 de junho. BT

De Michail Trysícién, correspondente da BT⁷⁸, eu lembro pelas reportagens anteriores sobre minha convocação. Geralmente ele faz matérias para o programa Zona X, mais raramente, para o Panarama. A equipe de filmagem chegou mais ou menos depois do almoço. Fizeram reportagem sobre o meu serviço e meu diário. O comissário político fez uma aula demonstrativa de ideologia. Fazia aos soldados perguntas do tipo: «Назовите артикул № 28 Конституции Республики Беларусь» ou: «А вы знаете, что мы живем в Союзном государстве?»⁷⁹ e por aí vai.

Eu mostrei para a equipe nossos “orifícios” sanitários quebrados, lavatórios com vazamentos, a casa de banho, para que eles não tenham ilusões sobre as condições de moradia dos soldados. Eles perguntaram se os militares xingam, por que é que eu não gosto da política de

⁷⁸ Abreviatura de Bielaruskaje Teliebaçańnie, principal canal de televisão belaruso, controlado pelo governo e usado como instrumento de propaganda política.

⁷⁹ Tradução minha do russo: “Cite o artigo 28 da Constituição da República de Belarus”; “Vocês sabem que nós vivemos em uma União Estatal [de Belarus e Rússia]?”.

Lukašenka, por que eu escrevo que nos alimentam com batata podre e como está ocorrendo a belarussização do exército. Pegaram os comentários do tenente e do nosso comissário político. Que aparência isso tudo terá, no fim das contas, vai depender da montagem.

RELAÇÃO COM O FILME

A BT acompanha de perto a trajetória de Miron, assim como a de Franak, no diário. Desde o momento em que ambos são enviados ao quartel, até o momento relatado acima por Franak. Em circunstâncias semelhantes, no filme, uma equipe de reportagem vai até o quartel, como anunciado pelo comissário político no dia 12 de março. Seu objetivo é desmentir o blog de Miron e desmoralizá-lo, como o comissário planejava, em frente às câmeras:

		00:49:13,800 --> 00:49:40,800
<russo>	Sargento (para a câmara):	– Alguns soldados estão sofrendo de gripe... Não é gripe suína, é gripe normal. Outras doenças nós não temos. Nós cuidamos da higiene dos soldados.
	Inscrição na capa do livro:	<i>Constituição da República de Belarus</i>
	Soldado:	– Nosso comissário político... ele dá palestras para nós... sugere os livros que devemos ler... no tempo livre...
		(VIVA BELARUS, 2012)

Enquanto no diário a equipe se resume a mostrar a rotina de Franak e de seus companheiros, no filme, repórteres o entrevistam e inquirem, diretamente, se ele vai continuar ou não a escrever o blog e se pretende seguir carreira militar. A resposta de Miron transpõe os relatos de Franak, assombrando os repórteres e militares ao redor:

		01:17:29,800 --> 01:18:05,800
<russo>	Repórter 1:	– Como você se sente, recruta Zakharko?
<belarusso>	Miron:	– Estou saudável, me sinto bem.
<russo>	Repórter 2:	– Você ainda pretende cooperar com o exército, mantendo seu diário militar na internet?
<belarusso>	Miron:	– Sim, se meus superiores deixarem.
<russo>	Repórter 1:	– Você pretende continuar no exército, seguir

<belarusso> Miron: – carreira e, talvez, ser promovido?
 – Eu gostaria de continuar a servir não só ao exército, mas também, à sociedade. De acordo com o meu direito constitucional, peço aos meus superiores que me autorizem a candidatar-me às eleições locais.
 (VIVA BELARUS, 2012)

Quando Franak escreve que “aparência isso tudo terá, no fim das contas, vai depender da montagem”, ele se refere ao tipo de montagem desmoralizante que o BT frequentemente faz e que é perceptível quando, da solitária, Miron vê pela televisão o que aconteceu com Vera:

<russo> Narradora da TV: 01:07:58,100 --> 01:08:38,000
 – A reabilitação feita pelo exército belarusso é lenta, mas efetiva. O saudável regime militar e a disciplina coletiva retornam essas pessoas à sociedade... comandantes, atentamente...
 ...independente de seu passado, cumpriu seu trabalho com louvor. Por exemplo, no apartamento onde o recruta passou alguns dias antes, oficiais se depararam com narcóticos, seringas e revistas pornográficas. Agora os indiciados terão que se entender com os investigadores. Como vocês vêem, a juventude da oposição é, em maioria, composta de indivíduos imorais, que não querem se integrar à sociedade normal.
 (VIVA BELARUS, 2012)

Essa passagem deixa claro como KGB e BT trabalham em cooperação, sendo a última o instrumento da primeira para manipular a opinião pública. O degradante estado em que é mostrada Vera na televisão é resultado dessa manobra conjunta: agentes da KGB invadem o apartamento da jovem e, enquanto um deles a dopa, outros espalham seringas descartáveis usadas, garrafas de álcool, materiais pornográficos e restos de cigarros, além de devastarem a mobília, mudando radicalmente a aparência do recinto. Entra aí a BT, que filma Vera drogada, rastejando-se por esse ambiente, com a narração acima transcrita. Essa passagem, aliás, é uma forte crítica ao comportamento do BT na vida real, a exemplo da cobertura feita por eles das manifestações de 2006 (KRYTYKA, 2012), evento semelhante ao retratado no final do filme, inspirado no mesmo espírito de revolta popular: fraudes nas eleições presidenciais.

12 de junho. Visita

Alguém obviamente não quer que eu continue escrevendo o diário. Estou novamente sendo ameaçado de me incriminarem em vários artigos: insulto ao presidente, evasão do serviço militar, não cumprimento de ordens e divulgação de segredos de Estado.

A cada um que tenta me assustar eu pergunto: "Então, eu não tenho o direito de escrever meu diário?" Perdidos, eles não respondem. Isso significa que tenho.

Primeiro chegou um coronel, comissário político do comando ocidental de operações táticas. Conversamos durante uma hora e meia. Começamos pelo meu diário, terminamos com a Revolução de Outubro. No dia seguinte, vieram do Ministério da defesa um tenente-coronel e um major. Parece que de algum departamento bem secreto, pois tiveram vergonha de se apresentar. Conversamos. Eram oficiais bastante intelectuais, deixaram uma impressão agradável.

No entanto, estou cada vez mais convencido de que quanto maior a patente militar, mais sensata e inteligente é a pessoa. Prometeram me apresentar à ordem do ministro da defesa, de acordo com a qual eu não tenho direito de escrever sobre o exército sem permissão do comando.

RELAÇÃO COM O FILME

<belaruso>	Apresentador da Rádio Racyja:	00:52:17,800 --> 00:52:27,800 – Todos os ouvintes da Rádio Racyia estão preocupados com o que vai acontecer agora e se o blog vai ter novas postagens. (VIVA BELARUS, 2012)
------------	-------------------------------	---

O clima é de incerteza entre os seguidores do blog, após a interrupção das postagens. Tanto no filme quando no diário, a interrupção ocorre por causa da perseguição imposta a seus autores. No diário, não está claro o que acontece com Franak, enquanto no filme é revelado que Miron está na solitária. Para piorar, durante esse período, as postagens e os comentários são deletados misteriosamente (VIVA BELARUS, 2012, 01:04:39,800).

Apesar dos pesares, Miron volta para sua última postagem, ajudado por Ščuka, que consegue guardar o cartão de memória do celular utilizado por Miron para filmar o processo de falsificação dos votos, confiscado pelas autoridades quando ele dá entrada no hospital, após o AVC consequente da perseguição que ele sofre ao ser descoberto. Sendo assim, no filme, a última postagem do blog é o referido vídeo (VIVA BELARUS, 2012, 01:31:35,800), embora o filme termine no mesmo clima de incertezas que toma os leitores do diário na vida real.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito anteriormente, o filme se propõe como baseado em fatos reais. Ora, o que isto significa? Segundo Barthes (1999, p. 101), a narrativa não funciona como uma representação da realidade e sim como um espetáculo ainda muito enigmático; é linguagem e somente linguagem. À luz do pensamento Jakobsoniano, poderíamos considerar que a narrativa pode ser entendida, pois, como uma tradução intersemiótica, isto é, uma tradução do mundo não-verbal para o verbal. Neste caso, temos ao menos duas traduções para chegarmos ao filme: uma, feita do mundo, a partir das experiências de Franak, em formato de blog, que serviu de base para a segunda tradução, o roteiro, que é traduzido, finalmente, para o filme.

Cada uma dessas linguagens (blog, roteiro e filme) tem suas peculiaridades, como idiomas. Se, por exemplo, em português dizemos que **temos** nossa idade (ex.: “eu **tenho** 29 anos”), em inglês nós **somos** nossa idade (ex.: “I **am** 29 years old”), em belarusso **nos é** nossa idade (ex.: “**mnie** 29 hadoŭ”). Da mesma maneira, um blog tem suas peculiaridades: seus textos são razoavelmente curtos, dentro de um contexto periódico (postagens), publicados em veículo digital, o que permite inúmeras possibilidades multimidiáticas (adição de vídeos, fotos, músicas, jogos, compartilhamentos, dentre outras); um roteiro é um texto atrelado a um contexto cinematográfico, técnico em sua natureza, produzido por e para um seleto grupo de profissionais envolvidos, onde devem ser observadas questões relativas a cenário, figurino, iluminação, personagens, locais, cuja leitura deve ser marcada pelo tempo do filme. Este, diferentemente das linguagens anteriores, não é necessariamente verbal. Sua produção depende de inúmeros fatores de ordem financeira, técnica, política (fator marcante no caso de *Viva Belarus!*) e sociológica. Entender essas diferenças é essencial para investigarmos como a representação literária se dá através destas linguagens.

O próprio Franak Viačorka escreveu um artigo só sobre as diferenças entre o filme *Viva Belarus!* e a realidade, ou seja, suas experiências ali traduzidas (SVABODA, 2013). Nele, há um momento bastante emblemático, que exprime sua angústia, quando o cenógrafo polonês Andrzej Haliński lhe diz: “Franak, é impossível fazer um bom filme artístico guardando todos os detalhes, como você gostaria. Cada cena é um equilíbrio entre realidade, imaginação artística e beleza de

imagem”⁸⁰. Franak ainda comenta que “Achar equilíbrio num tema delicado como a Belarus contemporânea tornou-se uma tarefa nada fácil”⁸¹. Não é para menos. A produção de *Viva Belarus!* foi tão complicada que, segundo Franak, renderia um documentário. Em seu artigo, ele cita as diferenças entre “realidade e imaginação artística”:

O que realmente houve:

1. Ele foi sequestrado no hospital militar em Minsk por desconhecidos, espancado na enfermaria. Seus diagnósticos foram subitamente trocados, e os pareceres médicos ocultados;
2. A KGB (que só existe, atualmente, em Belarus) usou de força para capturá-lo e levá-lo ao exército, espancou-o e levou-o algemado à base militar, com presença de equipe de televisão;
3. O quartel onde prestou serviço realmente ficava próximo à zona de Chernobyl;
4. Existiu o blog (diário militar) no portal naviny.by, pelo qual ele foi castigado várias vezes;
5. Celular era proibido (quatro deles foram confiscados);
6. O comissário político, Ruslan e outros personagens foram baseados em pessoas reais;
7. Por dizer, em belarusso, “Zvažaj!” (ao invés de “Smirno!”, equivalente ao comando “Sentido!”, em russo), ele foi punido com cinco dias como sentinela, dentre outras represálias;
8. Por causa da repercussão do blog foi elaborada uma versão em belarusso do estatuto do soldado (com versão oficial do juramento), houve reforma das instalações e permissão de visitas à cidade;
9. Gripe suína, seguida de sarna. Os soldados passaram o ano novo na unidade de tratamento de doenças dermatológicas e venéreas;
10. Veteranos humilhando soldados (sem espancamentos sangrentos) e perseguição pela KGB;

⁸⁰ Tradução minha, do belarusso, de: “Франак, немагчыма зьняць добры мастацкі фільм, захаваўшы ўсе дэталі, як табе хацелася. Кожная сцэна — гэта баянсаваньне паміж рэальнасьцю, мастацкім вобразам і прыгожай карцінкай”.

⁸¹ Tradução minha, do belarusso, de: “А знайсці баянс у такой далікатнай тэме, як сучасная Беларусь, апынулася няпростай задачай”.

11. A *dziedauščyna* (humilhação de soldados novatos por veteranos) é diferente em cada quartel – em alguns ela sequer existe;
12. Soldados que se diziam amigos o delataram ao comissário político e deram entrevistas à televisão;
13. Difamações e reportagens da televisão, invenção do “bordel” (de Vera) do qual a “gloriosa” polícia o tirou;
14. Manifestações de apoio aos prisioneiros políticos;
15. Campanha eleitoral em Mazyr, exigindo o retorno do status de zona radioativa, crianças distribuindo panfletos, concertos diante do Dom Kultury (literalmente “casa da cultura”, instituição de origem soviética, voltada a cultura e lazer do proletariado), falsificação dos votos;
16. Apoio de trabalhadores nacionalistas na campanha;
17. Filmagem através de celular das eleições fraudadas;
18. Retorno ao hospital, dispensa do exército por insuficiência cardíaca.

O que não houve:

1. Banda de rock Forza, shows em solidariedade aos prisioneiros políticos;
2. Muitos personagens foram inventados;
3. AVC;
4. Espancamento até quase morte de Šery;
5. Torturas e agressões físicas no quartel.

Sobre as cenas civis:

- Houve conflito na praça (manifestantes contra tropa de choque);
- Muitos foram detidos pela KGB e ficaram presos;
- Perseguições e proibições de shows são comuns;
- Filas nas farmácias, lojas, agências de câmbio, constante desvalorização da moeda e falta de produtos são comuns;
- Quitandas itinerantes – para muitos, única forma de sobrevivência.

Como Compagnon constantemente argumenta, evocando Platão e Barthes (1999, p. 110), a arte ocuparia, segundo os últimos, um lugar de simulacro (platônico), de cópia da cópia, não correspondendo assim à realidade. O que diriam então Platão e Barthes diante de um filme produzido em um país alheio ao representado, baseado em um roteiro, por sua vez inspirado em um blog, que, por sua vez, se baseia nas experiências descritas oralmente por um jovem soldado acuado em uma decrépita instalação militar em uma zona radioativa através de um celular, e que se propõe como baseado em “fatos reais”? Talvez Julia Kristeva, em 1966 (apud 1999, p. 111), enquadrasse esse conjunto de interações como intertextualidades. Dizia ela: “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto”.

O filme *Viva Belarus!* mostra como a identidade belarussa está dividida e em um constante processo de devir: sob a bandeira oficial, verde e vermelha, temos a identidade soviética, russófona, conservadora e opressora; sob a bandeira oficial, branca, vermelha e branca, a identidade belarussa, belarussófona, cujas origens vão muito antes da revolução de 1917, com tendências progressistas e humanitárias. A primeira volta seus olhos ao Kremlin e a um país que não existe mais, em cujas ruínas ela busca refúgio. A segunda volta seus olhos à União Europeia (não é à toa que bandeiras da UE são vistas entre as bandeiras tradicionais belarussas durante a manifestação no final do filme). Ambas reconhecem que sem a língua belarussa, não existe Belarus e devem através dela manter sua soberania diante de um inimigo cada vez mais próximo.

Acredito que o grande mérito do filme, entretanto, é mostrar que cada indivíduo pode subverter essa dicotomia e fazer a diferença. O pensamento soviético, que moldou a sociedade belarussa atual através da educação e de uma política de Estado que a desencoraja a ter senso crítico, a faz se pensar como massa e não como indivíduos, que podem se levantar contra o governo se este os oprime, governo esse que é muito mais frágil do que parece, posto que ele se legitima em uma identidade nominal belarussa, enquanto fala o idioma e se confunde com o Estado dos russos e execra a língua e cultura belarussas, ao passo que a oposição se baseia em uma identidade belarussa autóctone.

A história da Belarus contemporânea pode ser lida como uma tradução de dois discursos identitários operando sob rasura, posto que ainda são necessários enquanto não avançamos. O tempo há de mostrar que rumo Belarus deve tomar. A impossibilidade da identidade e da tradução nos leva sempre a um texto novo, repleto de ideias antigas. Resta saber de que épocas e em que idiomas estarão essas ideias.

ANEXO A

Transcrição do alfabeto belarusso cirílico para alfabeto latino e fonético (IPA)

А а	Б б	В в	Г г	Д д	Е е	Ё ё	Ж ж	З з	І і
а	бэ	вэ	гэ	дэ	е	ё	жэ	зэ	і
a	b	v	h	d	je/ie/e	jo/lo/o	ž	z	i
[a]	[b]	[v]	[ɣ]	[d]	[jɛ]	[jo]	[ʒ]	[z]	[i]
Й й	К к	Л л	М м	Н н	О о	П п	Р р	С с	Т т
	ка	эл	эм	эн	о	пэ	эр	эс	тэ
j	k	l	m	n	o	p	r	s	t
[j]	[k]	[l]	[m]	[n]	[o]	[p]	[r]	[s]	[t]
У у	Ў ў	Ф ф	Х х	Ц ц	Ч ч	Ш ш	Ы ы	Ь ь	Э э
у		эф	ха	цэ	чэ	ша	ы	мяккі знак	э
u	ŭ	f	ch	c	č	š	y	soft sign	e
[u]	[w]	[f]	[x]	[ts]	[tʃ]	[ʃ]	[ɨ]	[ʲ]	[e]
Ю ю	Я я	’		Дз	Дзь	Дж	Зь	Ль	Ля
ю	я	апостраф		dz	dź	dž	ź	ĺ	lia
ju/iu/u	ja/ia/a			[dz]	[dʒ]	[dʒ]	[z]	[ɫ]	[ɫa]
[ju]	[ja]			ле	лë	лю	нь	сь	ць
				lie	lio	liu	ń	ś	ć
				[ɫɛ]	[ɫɐ]	[ɫu]	[ɲ]	[ɕ]	[tɕ]

ANEXO B

Tabela de transcrição de russo cirílico para alfabeto latino (português)

<i>Alfabeto Russo</i>	<i>Transcrição para registro catalográfico ou lingüístico</i>	<i>Adaptação fonética para nomes próprios</i>
А	A	A
Б	B	B
В	V	V
Г	G	G, Gu antes de e, i
Д	D	D
Е	E	E, Ié
Ё	Io	Io
Ж	J	J
З	Z	Z
И	I	I
Й	I	I
К	K	K
Л	L	L
М	M	M
Н	N	N
О	O	O
П	P	P
Р	R	R
С	S	S, SS (intervocálico)
Т	T	T
У	U	U
Ф	F	F
Х	Kh	Kh
Ц	Ts	Ts
Ч	Tch	Tch
Ш	Ch	Ch
Щ	Chth	Chth
Ъ	"	
Ы	Y	Y
Ь	'	
Э	È	È
Ю	Iu	Iu
Я	Ia	Ia

ANEXO C

Diário de Franak Viačorka em belarusso
28 de janeiro a 12 de junho de 2009



Франак Вячорка. Нарадзіўся ў 1988 годзе ў Менску. Скончыў Беларускі гуманітарны ліцэй імя Якуба Коласа, вучыўся ў БДУ, быў адлічаны. Паступіў у Эўрапейскі гуманітарны універсітэт. Старшыня камісыі па культуры Партыі БНФ, адзін зь лідэраў «Моладзі БНФ», кіраўнік творчай ініцыятывы «Беларускі Гальфстрым». Ініцыятар дубляваньня фільмаў на беларускую мову. Прадусар музычных праектаў «Веру ў цябе», «Партызанская школа», «Незалежны Я», «Янка Купала – 125», мэнэджэр шэрагу імпрэзаў

і канцэртаў. Адзін з актывістаў моладзевага дэмакратычнага руху, які быў гвалтоўна прызваны на вайсковую службу. З 28 студзеня 2009 года служыць ва ўзброеных сілах Беларусі.

28 студзеня. You're in the Army Now

«Я выйшаў купіць хлеба, і мяне забралі ў армію», — расказваю, салдаты сьмяюцца. Іронія лёсу.

Маё затрыманьне нагадвала галівудскі блокбастэр. Затрыманьне небясьпечнага злачынцы. «Фальксваген» з таніраванымі вокнамі, падазроны мужчына ля пад'езда, паўсюдна міліцыянты... На сьвятлафоры падб'ягаюць двое, заломваюць рукі і, не прадстаўляючыся, валакуць у аўтамабіль. Канвоем (ці картэжам?) вязуць у ваенкамат. Усё здымаецца на камеру.

Са мной паводзілі сябе жорстка. Ваенны камісар падпалкоўнік Загорскі зачытаў рашэньне аб маім накіраваньні на вайсковую службу. У кабінэце людзі ў цывільным, вайскоўцы, тэлеаператар, — усё загадзя пралічана і падрыхтавана. Калі я заявіў, што

рашэньне незаконнае, парушаная працэдура, мяне пачалі біць, абражаць, кінулі на падлогу, зацягнулі кайданкі...

Ад наручнікаў пабляднелі рукі. Рэзкі і глыбокі боль...

— Куды вязуць? — пытаюся.

— Родину защищать!

У Баранавічы мы прыехалі па абедзе. Мяне сустрэлі 120 параў такіх жа разгубленых вачэй. Бальшыня хлапцоў — з Магілёўскай і Гомельскай абласцей, беларусы. Пэўны час мяне не заўважалі, пакуль начальства не звярнула ўвагу. За мной прыставілі сяржанта, які ні на хвіліну не адлучаўся. Сяржант запісваў прозьвішчы хлапцоў, з кім я размаўляў, дакладваў гэта начальству. Адзін стараслужачы са згоды кіраўніцтва даў мне тэлефон паведаміць дадому, што са мною і дзе я. Мой уласны тэлефон забралі.

Да беларускай мовы жаўнеры паставіліся па-рознаму, але ўсе намагаліся слухаць і разумець. Давялося стаць салдацкім «адвакатам», гаварыць камандзірам пра нашы праблемы. Да іхнага гонару, мае заўвагі не пакідалі ўбаку.

З 200 новапрыбылых салдатаў не сустрэў ніводнага, хто ішоў бы ў войска добраахвотна. Для некаторых гэта стала асабістай ці сямейнай трагедыяй. У аднаго хлапца дачцэ споўнілася тры гады, жонка цяжарная і беспрацоўная. Прыслалі позову, на наступны дзень забралі...

Многія патрапілі пад новы ўказ міністра абароны пра медыцынскія патрабаваньні да прызыўнікоў, падпісаны напрыканцы ліпеня 2008. «Годнымі» сталі тысячы хлапцоў, якія раней мелі адтэрміноўку ці былі непрыдатныя да службы па стане здароўя.

У 21.00 мы ўключаем «Панараму». Салдаты глядзяць і сьмяюцца. Яны больш ня вераць прапагандзе.

7 лютага. Прысягнуць на вернасьць Радзіме

Напярэдадні прысягі далі новую уніформу: кіцель, штаны, берцы, нават кукарду на шапку. Анучы памяншалі на шкарпэткі. Усе чакалі нечага іншага. Гэта тая самая міліцэйская уніформа, толькі іншай расфарбоўкі і на парадак ніжэйшай якасьці.

Адпаведных памераў не хапала. Хлопцы нацягвалі штаны, як ласіны, меншыя танулі ў кіццях. Магілёўскія «берцы» аказаліся гумавай падробкай, расклеіваліся на вачах.

Расчараваньню хлопцаў не было мяжы.

Нас пашыхтавалі за дзьве гадзіны да прысягі. Двумстам салдатам не было дзе разьвярнуцца на маленькім плацы з патрушчаным асфальтам. Бацькі залазілі на стэнды, футбольныя брамы, фізкультурныя прыстасаваньні, пускалі сьлязу і крычалі: «Саша! Саша!» Пачуўшы сваё імя, ледзь не чвэрць роты абарочвалася.

Ля сцэны ўвіхаліся жвавья хлапцы. З дынамікаў загучаў «Чырвоным па-беламу» — «Не жадаю»:

«...Бо мы ж не бязродныя,
Мы — беларусы.
З агеньчыкам у вачах,
З усьмешкай на вуснах.
Трэба мець гонар і верыць у тое,
Што маем сваё, бо сваё — не чужое».

Начальства крамолы не прыкмеціла. «Вось гэта прысяга!» — думалася мне. Я быў адзіны, хто яе прымаў па-беларуску: «Я прысягаю годна выконваць воінскі абавязак, можна і самааддана бараніць незалежнасьць, тэрытарыяльную цэласнасьць і канстытуцыйны лад Рэспублікі Беларусь».

Напрыканцы салдат мусіў выгукнуць «Служу Рэспубліцы Беларусь!» Адзін хлопец ад хваляваньня ляпнуў «Служу Советскому Союзу!»

Я крыкнуў «Жыве Беларусь!» З натоўпу пачулася дружнае «Жыве!» Крыкі маёй маці, у якой сілай вырвалі бел-чырвона-белы сцяг. «Моладзь БНФ» разгарнула расцяжку «За прафесійнае войска». Двух хлапцоў забралі ў міліцыю...

Увечары, пасья «увалкі», салдаты «адзначалі». Пустыя бутэлькі выкідалі мяшкамі...

Шаснаццаць хлапцоў, у тым ліку я, першымі пакінулі так званы «каранцін». Зрабілі марш-кідок да вакзала, а там - начным цягніком да Мазыра...

9 лютага. Служу ў войсках СПА

У войсці супрацьпаветранай абароны, згодна з сядзячай спецыфікай, бяруць, як правіла, хворых на плоскаступнёвасьць, ціск, сэрца і г.д. Сярод жаўнераў ходзіць анекдот:

«У ваенкамаце камісар распытвае прызыўніка:

— Дзе служыць хочаш?

— У лётных войсках.

— Не! Лётаць ты не будзеш, у цябе ж гіпертанія, скаліёз!..

— Ну тады ў войсках супрацьпаветранай абароны!

— ?!

— Раз я лётаць не буду — ніхто не будзе!»

8-я радыётэхнічная брыгада хуткага рэагавання ахоўвае паветраныя межы Беларусі. Яе падраздзяленьні размяшчаюцца ва ўсіх абласцях, апроч Віцебскай.

Нашая брыгада атрымала асаблівую славу за зьбіты паветраны шар з турыстамі. Пра гэта гаварыў увесь сьвет год 10 таму: беларускае войска выявіла і нейтралізавала праціўніка...

Мяне закінулі ў Мазыр. Мы выяўляем патэнцыяльнага праціўніка на мяжы з Украінай, адсочваем самалёты ды іншыя лётныя аб'екты, якія пагражаюць сінявокай. На палітзанятках нам давялі, што, паколькі Украіна рухаецца да НАТО, нам трэба быць асабліва пільнымі.

У часы міграцыяў птушак дадаецца складанасьцяў. Клін крылатых абрысам нагадвае самалёт. На сувязь яны, натуральна, не выходзяць. Тады па гэтых птушак пасылаюць самалёты-знішчальнікі. Некаторыя афіцэры здзіўляюцца, зь якой такой нагоды мяне і маіх паплечнікаў накіравалі ў стратэгічна важныя войскі — СПА. Жартуюць: Франак выявіць і перадаць нешта не тое, а Шыла і Каліта гэтае нешта саб'юць...

Дарэчы, нашая брыгада суправаджае палёты прэзідэнта і дзяржэлегаций.

14 лютага. Салдацкае шчасьце. Мазыр

Шэсьць кабінак, тры з іх спраўныя, і толькі ў адной працуе зьліўны бачок.

Стараслужачыя рэкамендуюць «...адразу ў дзірку». Ачко за чвэрць стагодзьдзя эксплуатацыі згніло, патрэскалася, сьмярдзіць.

Калі цябе забралі ў армію, зьмірыся. Ты быдла. Аб цябе будзе выціраць ногі кожны. Прынамсі пакуль не атрымаеш лычкі і зорачкі, будзеш мець падначалены асабісты склад, зможаш зьневажаць сам...

У войску матам не лаюцца, на ім размаўляюць. Нават тыя, хто пачапіў зоркі і носіць высакароднае імя афіцэра. 18-гадовыя юнакі, якія воляй-няволяй патрапілі ў войска, глядзяць на хамства і... прызвычайваюцца.

«Вы павінны быць як усе!» — чуем мы штодзень. Людзмі без гонару і годнасці. «Ня думайце! За вас падумаюць!» — скажа прапаршчык.

Стараслужачыя відавочна няправільна юрыдычна, але называюць нашу часьць «дысбатам». Гэта самая строгае і суровае падразьдзяленьне бригады, сюды адпраўляюць вінаватых на «перавыхаваньне». Дзедаўшчыны няма. Статутчына. Мы завучваем воінскія статуты на памяць і расказваем іх на адзнаку.

Наш батальён працуе ў рэжыме безупыннай баявой падрыхтаванасці. Салдатам прыходзіцца працаваць на дзяжурствах ці нарадах па 16—20 гадзінаў на суткі. Сумаваць не прыходзіцца. Зрэшты, чытаць таксама. Бібліятэкі няма.

Кожнаму жаўнеру належыць звальненьне раз на тыдзень. Гэта паводле статуту. Тут вызваляюць раз на квартал ці паўгода, і то калі пашанцуе. Замест гэтага ставяць у нарады і дзяжурствы.

Вада ў кранах толькі халодная, саланаватага прысмаку. Пітной вады не даюць. Праз тыдзень пачынаюцца праблемы са скурай. Казармы трэба прадэманстраваць якім-небудзь экспертам ад правоў чалавека. Праславіліся б на ўвесь свет.

Кормяць няблага. На сняданак падаюць кашу з кавалачкам каўбасы, на абед — суп і бульбу з катлетами, на вячэру — бульбу з мясам. Даюць згушчонку, булчкі з карысай, іншыя прысмачкі.

Тэлефоны строга забаронены. Аднак ты можаш пакінуць свой мабільны старышыну і, у выпадку пільнай неабходнасці, — пазваніць.

Заўтра цырымонія ўручэння зброі, дзень адчыненых дзвярэй. Малодшыя прыбіралі сьнег, старэйшыя фарбавалі падлогу. Прадэманструем бацькам, якія мы мужныя салдаты...

16 лютага. Ваенныя вучэньні

«Пад'ём!!!» — салдаты падскокваюць з ложкаў, адкідваюць коўдру, хапаюцца за штаны. «Вучэбна-баявая трывога!» Хлопцы сударгава спрабуюць нацягнуць анучы на ногі і ў берцы. Два крайнія робяць «святламаскіроуку»: вешаюць на вакно коўдры. Салдаты бягуць атрымоўваць зброю, штаны і кіцалі зашпільваюць па дарозе. Хапаюць шапку, свой-нясвой бушлат і нясуцца на індывідуальную баявую пазыцыю. На ўсё пра ўсё даецца 5 хвілінаў.

Гэтак пачынаюцца ваенныя вучэньні. Мая праца — у камандным пункце, куды трэба пасьпець дабегчы. Я — пляншэтыст, адзначаю перамяшчэньні паветраных судоў і патэнцыйнага ворага. Іншым пашанцавала менш: іх задача — сядзец у акопах у чаканьні ўяўнага праціўніка.

На паўдарозе да баявой пазыцыі, а яна ідзе пад гару, у мяне падскочыў ціск, забалела сэрца. Наступныя разы я ужо ня бегаў...

17 лютага. Лячэньне

Мяне павезлі лячыць. Мой стан здароўя нікога ўжо не задавальняе, нават вайскоўцаў. Спачатку павезлі з Мазыра ў Баранавічы, дзе знаходзіцца штаб брыгады.

На наступны дзень з Баранавічаў павезлі ў Менск на кансультацыю кардыёляга. Ля дзвярэй Рэспубліканскага вайсковага шпіталю сустрэў Зьмітра Хведарука — салдата, таксама ў форме: толькі я — ў параднай, ён — у баявой.

Мяне глядзеў загадчык другога кардыялягічнага аддзяленьня. Побач сядзеў Водчыц, які мяне «абсьледаваў» у студзені. Маё зьяўленьне для іх было нечаканасьцю. Сказалі, што першыя тры месяцы службы — выпрабаваўчы пэрыяд. І калі праблемы зь ціскам ды сэрцам будуць працягвацца, магчыма, камісуюць. «Але пакуль, — гавораць, — лячыся!»

Не маглі вызначыцца, дзе мяне лячыць — у Бабруйску ці Баранавічах. У рэшце рэшт, пакінулі ў Баранавічах у 222 лячэбным цэнтры Ваенна-паветраных сілаў і войск Супрацьпаветранай абароны.

20 лютага. «Ваеннаслужачы абавязаны мужа вытрываць цяжкасьці ваеннай службы».

«Армейскі дзёньнік» не прымусіў чакаць рэакцыі. На наступны дзень пасля яго зьяўленьня ў газэце Naviny.by у казарме апынуліся рабочыя, якія адрамантавалі зьліўныя бачкі ў прыбіральні. Цікава, што замінала гэта зрабіць апошнія паўтара года? Салдаты ўспрынялі навіну як маю асабістую перамогу, пасыпаліся скаргі і прапановы... А вось у баранавіцкай лякарні ВПС і войск СПА, куды мяне засунулі, праблема стаіць яшчэ вастрэй. Мэдыкі вымушаныя працаваць у жорсткіх антысанітарных умовах. Усякая зараза імгненна разыходзіцца па ўсіх пацыентах. Нягледзячы на стараньні ўрачоў і медсясьцёр, некаторыя вайскоўцы ляжаць з прастудай па два тыдні, прымаюць па тры ўколы на дзень і усё адно не ідуць на папраўку.



Адна прыбіральня — кабінка з «ачком» — на 50 пацыентаў. Часам зьліў забіваецца, смурод разыходзіцца па памяшканьні...



«Ачко» на Акрэсьціна саліднейшае, чым у арміі. І спраўнае ў рэшце рэшт.

У падлозе прыбіральні — дзірка, якая вядзе на ніжэйшы паверх.

Сьцены — як у Берасьцейскай крэпасці: «Умрем, но из крепости не уйдем!»



Мыцца дазволена раз на тыдзень. Адзін душ — таксама на 50 чалавек. Хаця гэты шлянг з халоднай вадой назваць душам язык не паварочваецца...



Краны ржавыя, працякаюць, нібыта так і трэба...

Салдаты мне усе раяць напрасіцца на нарад у сталовую. «Адной рукой, — кажуць, — будзеш мыць посуд, іншай — душыць тараканаў».

— А што зробіш? — кажа кухарка. — Грошай на рамонт няма!..

23 лютага. Дзе Яны — абаронцы Айчыны?

Дзень абаронцы Айчыны. Дзень узброеных сілаў Рэспублікі Беларусь. Ніхто з хлапцоў ня ведае, чаму адзначаем менавіта 23 лютага, але «раз так прынята, значыць, так трэба».

У гісторыі ёсць выбітнейшыя даты, якія маглі б сымбалізаваць веліч узброеных сілаў Беларусі. 8 верасня 1514 года беларускія войскі ВКЛ атрымалі самую значную перамогу над амаль утрыя большай маскоўскай арміяй. Тая перамога зьяўляецца ўзорам эўрапейскага ваенна-тактычнага майстэрства.

БНФ рабіў спробы абвесьціць 8 верасня нацыянальным сьвятам — Днём беларускай вайсковай славы. 8 верасня 1992 на плошчы Незалежнасьці ў Менску пад бел-чырвона-белым сьцягам афіцэры-беларусы прынялі прысягу на вернасьць свайму народу. Удзел бралі афіцэры ў адстаўцы, дзеячы Беларускага Народнага Фронту Васіль Быкаў, Анатоль Грыцкевіч, Зянон Пазьняк. Сярод тых, хто прымаў прысягу, быў і Віктар Шэйман, які неўзабаве стаў найбліжэйшым паплечнікам Лукашэнкі.

У афіцыйнай ідэалёгічнай дагматыцы нават адсутнічае міф пра 23 лютага. Затое ён ёсьць у нацыяналістаў. 23 лютага 1944 было падпісана распараджэньне аб утварэньні Беларускай Краёвай Абароны (БКА). БКА паўстала зь ініцыятывы Беларускай Цэнтральнай Рады і яе прэзыдэнта Радаслава Астроўскага. У сакавіку 1944 адбыўся першы ў гісторыі прызыў у беларускую нацыянальную армію. Больш за 25 тысяч жаўнераў і афіцэраў супрацьстаялі бальшавікам, бандытам-партызанам, а пасля і фашыстам. Галоўная мэта БКА — вольная і незалежная Беларусь — ня спраўдзілася. Многія эмігравалі, а хто застаўся — пакараныя як калябаранты.

У вайскоўцаў БКА былі ўласныя песьня-марш, малітва і нават уніформа. Тэкст прысягі амаль ня розьніцца ад сучаснай беларускай, у гэтым адчуваецца прыемная пераемнасьць. Але самае галоўнае — ідэйная плятформа, усьведамленьне вайсковага абавязку як місіі.

У нас у шпіталі адбылася цэлая дыскусія. Нават салдат-стараслужачы — актывіст БРСМу пагадзіўся, што войска без нацыянальнай ідэі — ня войска. Афіцыйная дзяржаўная ідэалёгія не дае адказу, ЗА што мы змагаемся. Зампаліт ня здолеў мне патлумачыць, чаму МЫ абавязаныя бараніць расейскае неба і якая Беларусі ад гэтага карысьць (маецца на ўвазе супольная з Расеяй сетка СПА).

Усё гэта для хлапцоў было адкрыцьцём. Я ім даў перапісаць тэксты «Мы выйдзем шчыльнымі радамі», «У гушчарах», «За Случчыну». Гэтыя маршы значна лепш кладуцца пад крок, чым тое, што нас прымушаюць сьпяваць на вечаровай прагулцы.

25 лютага. Беларуска мова ў войску

На прыканцы дзевяностых былыя вайскоўцы — Сяржук Чыслаў і Станіслаў Суднік — распрацавалі расейска-беларускі вайсковы слоўнік. Падобная праца вялася ў

Міністэрстве абароны і раней, але была намёртва спыненая неўзабаве пасля рэфэрэндуму аб наданні расейскай мове статусу дзяржаўнай.

У слоўніку адшукаеш беларускія варыянты вайсковых званьняў, камандаў, спецыялізаванай лексікі. Аўтары відавочна апіраліся на тэрміналогію 18-пачатку 20 стагодзьдзяў. Так, старшага лейтэнанта можна назваць паручнікам, лейтэнанта — падпаручнікам, генерала — гетманам. Гетманам жа называлі і ваеннакамандуючага ў ВКЛ.

Калі начальнік аддае загад, беларускі салдат крычыць «Рэй!». Савецкае «Есть!» запазычанае з часоў расейскай імперыі, што ў сваю чаргу скалькавана з ангельскага «Yes!». «Ура! Ура! Ура!» — таксама ангельская калька. Чыслаў і Суднік прапануюць покліч «Рубон!», пад які беларускія жаўнеры ішлі ў наступленьне.

Іншыя прыклады:

«Шагом марш!» — «Крокам руш!»

«Равняйсь!» — «Шыхтуйсь!»

«Смирно!» — «Зважай!»

«Вольна!» — «Спачні!»

«Напра-во!» — «Права фронт!»

«Кругом!» — «Тыл фронт!»

«На ремень!» — «На пас!»

«Здравия желаю!» — «Вітаю!»

«Товарищ» — «Спадар».

Гэтыя і іншыя каманды — экзотыка для салдат і афіцэраў.

Мне прыслалі чатыры асобнікі слоўніка. Адзін падару камбату, адзін — зампаліту. Два асобнічкі пакіну ў салдацкай міні-бібліятэцы. Рана ці позна гэтая кніжка стане асноўным падручнікам беларускай арміі.

26 лютага. Суд, якога няма

Напісаў рапарт на імя начальніка шпіталю з просьбай даставіць мяне ў Менскі гарадзкі суд — 26 лютага ў 15.00. Гэта разгляд скаргі на рашэньне суда 23 студзеня, калі суд без майго ведама прыняў рашэньне аб законнасьці майго прызыву.

На суд, натуральна, мяне не адпусьцілі: «Разьбяруцца і безь цябе!». Мае інтарэсы прадстаўлялі адвакат ды бацька. Нашу справу разглядалі апошняй. Адвакат прадставіла асноўныя аргумэнты: што была парушаная працэдура, у асабістай справе — два розныя пратаколы прызыўной камісіі, а рашэньне суда 23-га студзеня — незаконнае, паколькі быў незапрошаны зацікаўлены бок.

Тры судзьдзі-жанчыны слухалі, слухалі, слухалі — і аб’явілі перапынак. Паўгадзіны суд раіўся з «сумленьнем». І халоднакроўна агучыў прысуд: усё законна і ўсім дзякуй, усе свабодныя...

1 сакавіка. Лекцыя аб шкодных звычках

У нядзелю ў 09.05, якраз пасля разводу, — прагляд праграмы «Арсенал» і размова.

Зампаліт запытаў:

— Якія вы ведаеце шкодныя звычкі?

Самым сьмелым аказаўся сержант. Мы разам назвалі пяць асноўных шкодных звычак: п’янства, паленьне, наркаманія, асобна таксікаманія і нецэнзурная лаянка.

Кожнаму салдату, як высветлілася, ёсць чым падзяліцца з уласнага досьведу і досьведу блізкіх. Мне выпала расказаць пра нецэнзурную лаянку. Бальшыня салдатаў не пагадзілася, што мат — шкодная звычка («Мат — это основа русского языка», «Маты позволяют более эмоционально и точно выразить мысль», «Хто как хатит, тот так и гаварыт»...). Мне стала цяжка кіраваць дыскусіяй. Я аказаўся ў абсалютнай меншыні. Хлапцам няўцям, што мат ня толькі сьведчыць аб нізкай культуры чалавека, але і абражае людзей, у атачэньні якіх ты знаходзішся. Я сказаў, што радзіма мату — савецкія ды расейскія турмы і зоны, што нідзе ў Эўропе няма аналягу расейскай лаянцы. Хлапцы паспрабавалі паспрачацца, але ўрэшце пагадзіліся.

Адзін стараслужачы падняў руку:

— Мне вось, напрыклад, непрыемна, калі мяне афіцэры нецэнзурна абражаюць. Я чалавек спакойны, раблю ўсё павольна, але якасна. Мяне гэтыя абразы асабіста крыўдзяць.

— Ну дык скардзіліся б мне! — перабіў зампаліт.

— Гэта ж значыць «Стучать»!.. Гэта ж непрынята...

— Ну тады цяргіце...

Церпім.

2 сакавіка. Кантрабас

Для некаторых вайсковая служба ёсць трамплінам у жыццё. Яны прыйходзяць у войска з малых гарадоў і вёсак, дзе цяжка знайсці працу і самарэалізавацца. За паўтары гады службы хлапцы адрываюцца ад сям'і, блізкіх, былых заняткаў. Ляляльнасць і стараннасць высока цэняцца. Іх павышаюць у званьні і давяраюць асабісты падначалены склад. Для юнакоў гэта — сапраўднае прызнаньне, якога не дачакацца ў грамадзянскім жыцці. Войска становіцца іх сям'ёй, яны ідуць на кантракт. У нашай частцы палова асабістага складу — кантрактнікі, мужчыны 30-40 гадоў, але ёсць і жанчыны. Салдаты тэрміновай службы называюць іх пяшчотна «кантрабасамі». Кантрактнікі начуюць дома, а не ў казарме, ходзяць на службу, як на працу, зарабляюць грошы. Ва ўсім астатнім абавязкі ваеннаслужачых па кантракце нічым не адрозніваюцца ад абавязкаў жаўнераў. Ня маючы ваеннай адукацыі, максымай салдата-кантрактніка ёсць званьне старшага прапаршчыка. Заробкі, як правіла, нізкія і, насуперак уладным абяцанням, памяншаюцца. Праз гэта аўтарытэт і папулярнасць арміі імкліва падаюць. Моладзь, якая ў дзяцінстве марыла стаць ваеннымі, хутчэй пойдзе ў міліцыю, чым у сучаснае войска...

3 сакавіка. Разумны ў войску

Разумных у войску насамрэч не далюбліваюць альбо пазьбягаюць. Калі ты чытаеш кніжкі альбо любіш клясычную музыку — ты дзівак. Усе нармальныя пацаны не выпендрываюцца, слухаюць Міхаіла Круга і ходзяць у «качалку».

Штодзень перад «Панарамай» мы ў чарговы раз пераглядаем DVD-дыск з кліпамі пра зону. А пасля адбою ўключаем «Сто дней до приказа» і «Дысцыплінарны батальён».

Як бы не атупец за паўтара года...

4 сакавіка. Галоўны вораг беларускай арміі

«Галоўны вораг беларускай арміі — салдат, які думае. У арміі ўсё пралічана да дробязяў. Вашая задача — тупа сьледаваць указаньням камандзіраў», — казалі нам у першы дзень вучэньняў.

«Спачатку ты спрачаешся, пераконваеш афіцэра, што бессэнсоўна пасыпаць пяском сьцежку, калі йдзе сьнег, бо праз хвіліну твой пясок замяце. Спачатку ты абураешся, чаму ўвесь дзень, пакуль сьвяціла сонца, вас трымалі ў казарме, а вечарам, як пайшоў дождж, вас адправілі пампаваць колы старэнькім «Уралам», — падзяліўся досьведам стараслужачы. — Але з часам ты тупееш, табе становіцца ўсё роўна. Ты больш не стараешся, бо ўсё адно давядзецца пераробліваць».

Тут праяўляецца салдацкая вынаходлівасьць — як бы дзе схалтурыць, каб начальнік не заўважыў.

5 сакавіка. Новая прафесія

Напэўна, мне не ўдасца зьмяніць ход гісторыі. Мяне адхілілі ад усіх абавязкаў, зьвязаных з кантролем паветранай прасторы. Камандзіры прачыталі мой дзёньнік і спалохаліся, што я сапраўды магу нешта ўчыніць. Цяпер я — дызеліст-электрык, галоўны электрамеханік кацельнага вузла. Праца мазгоў не патрабуе — адно падліваць машынны алей, спраўджваць ахалоджвальную вадкасьць, падцягнуць рэмень рухавіка.

У выпадку баявой гатоўнасьці я заводжу дызель-тарахцелку, падключаю генератар і падаю сілкаваньне на станцыю. Баявая гатоўнасьць здараецца нячаста — як правіла, падчас вучэньняў раз на паўгода і калі Лукашэнка ляціць.

Няхай жыве моцны і здаровы салдацкі сон!

7 сакавіка. ПХД

Штосуботу — паркава-гаспадарчы дзень. Салдат дзеляць на маленькія групы і даручаюць бесталковую працу. Пры гэтым кіруюцца прынцыпам, каб салдат не стаяў без справы.

Спачатку мяне адправілі на КПП, паказалі: вось адсюль і дасюль зьбірайце сьмецьце, «бычкі» закопвайце пад сьнег.

Калі праца была выкананая, мы пайшлі на харчовы склад, разьбіралі бульбу. Бульба, падмёрзлая і гнілая, аддавала трупным пахам. Пальцы патаналі ў бульбяной мякаці, як у жэле.

У халадзільнай камеры вісяць цялячыя тушкі. Штодзень прапаршчык адразае кавалак мяса для салдатаў. На падлозе і сьценах — засохлая кроў. Я наліў вядро вады, сыпануў «Дамэстасу», накінуў бушлат і адправіўся ў лядоўню на змаганьне за чысьціню.

Паабедзе пачалося самае цікавае. Сямёх, у тым ліку мяне, адправілі на мыцьцё сарціру і ўмывальнікаў. Сродкаў не было, а мыць чымсьці трэба. Старшыня з настальгіяй узгадаў сваю маладосьць, як яны, «маладыя», мылі «вочкі» пяском... Мы макалі анучы ў гаршкі з-пад кветак, зачэрпвалі зямлю і паліравалі пажаўцелую эмаль ракавіны...

А як адбываліся вашыя ПХД?

8 сакавіка. Сны

Адбой — любімая частка дня ўсіх салдат. Кладуся на ложак — і ня хочацца прачынацца. Ніколі больш ня хочацца чуць гэты агідны «Рота, пад'ём!».

Амаль штоноч бачу сны, нібы гляджу тэлевізар. А што сьніцца?

Сьніцца сон. Сьніцца каханая дзяўчына. Сябры.

У снах я часта падарожнічаю. Вось зусім нядаўна мроілася, што я паляцеў у Нью-Ёрк, а потым — у Прагу.

Сьняцца і кашмары. Нядаўна мне прымроілася, што да нас у частку прыехаў Лукашэнка і пачалася вайна...

12 сакавіка. Наряд па-за чаргой

«Встать! Смирно! Рядовому Вечерку — наряд вне очереди!»

Гэтак мяне пакаралі перад усім асабістым складам тэрміновай службы. Нехта выдрукаваў мой армейскі дзёньнік, далажыў начальству. Начальства вырашыла, што я пішу ня тое, што трэба, і пакарала мяне. У асабістай справе запісалі, што мне вынесена вымова «за невыкананьне патрабаваньняў старшага начальніка». Маўляў, перад тым, як публікаваць, прынось нам на вычытку. Я, натуральна, адмовіўся, за што і паплаціўся.

Але мушу прызнаць свае хібы. Па-першае, бульба на складзе хоць і гнілая, але гэта ня значыць, што нам падаюць гнілую бульбу на стол. Па-другое, баявая гатоўнасьць нумар адзін можа здарацца па пяць-сем разоў на дзень. А вось дызельны генератар запускаецца радзей, толькі калі падключаецца прымусовае сілкаваньне. А гэта здараецца раз на паўгода. Па-трэцяе, сапраўды, у нашай часьці ёсьць некалькі афіцэраў, якія матам не лаюцца. Але гэтыя выключэньні якраз пацьвярджаюць правіла.

Маючы за плячыма вымову, наўрад ці мне дачакацца сяржанцкіх лычак. А можа, яно і лепей: чыстыя пагоны — чыстае сумленьне.

13 сакавіка. Рамантыка ў войску

Ёсьць тут і свая рамантыка.

Спускаешся па бэтонных прыступках у халоднае скляпеньне — камандны пункт. Ідзеш доўгім калідорам у вялікае прыцемненае памяшканьне. Мноства індыкатараў, тэхнікі, падобнай да першых ЭВМ. Афіцэры не адрываюцца ад тэлефонных апаратаў, даюць нейкія важныя ўказаньні. Перад імі — трохмэтровыя падсьветленыя экраны.

Пляншэты, за якімі працуюць салдаты — малююць маршруты паветраных судоў. Усё, як у кіно. Тэхніка, відавочна, не новая, але атмасфэра фантастычная.

Калі мяне перавялі з пляншэту на РЛС — радыёлякацыйную станцыю, я пайшоў у начную стажыроўку за індыкатар. Зялёная стрэлка робіць шэсьць абаротаў у хвіліну.

Менавіта такая дыскрэтнасьць выдачы інфармацыі на перамяшчэньні самалётаў.

Калі наша дзяжурства скончылася, мы ляглі спаць. Менавіта там, у мэталічным кузаве радыёлякацыйнай станцыі, сярод дзеючых прыбораў і агрэгатаў. Паслалі бушлаты, уключылі батарэю і заснулі...

14 сакавіка. Войска — не турма?

Войска — асаблівы від зняволення. Наша часць нагадае выпраўленчую калёнію — «хімію», дзе мы ўсе, невінаватыя, атрымалі па паўтара году.

Раптоўна пачалася эпідэмія грыпу. Адмянілі наведваньні і звальненьні. У сувязі з пачаткам вучэньняў «Восень-2009» строга забаранілі мабільныя тэлефоны. Зьнянацку перастаў працаваць таксафон-аўтамат. Мы, салдаты, аказаліся адарванымі ад сьвету. Здаецца, зьбег абставінаў, але, знаходзячыся тут, усё менш верыш у супадзеньні.

Да многіх зьбіраюцца бацькі, родныя, дзяўчаты з Гомелю, Менску, Магілёву. Хлопцы тыдзень, а то і месяц чакалі нядзелю, каб выйсьці ў горад і пабачыць блізкіх. І вось вам паведамляюць, што заўтра нікуды не пойдзеце — і ўсё.

Звальненьні паложаны вайсковым статутам. Кожны салдат мае права на звальненьне раз на тыдзень. Нашэе камандаваньне гэта ўпарта ігнаруе і адпускае салдат пад строгае «але», толькі калі прыезджаюць бацькі. Некаторыя хлопцы вылазілі з вайсковай часткі толькі адзін-два разы за паўгода-год службы.

Хай пасья не здзіўляюцца, чаму маладыя хлопцы ўпарта ня хочуць ісьці ў гэтую армію.

16 сакавіка. Зьбіраем бібліятэчку

У пакоі — тэлевізар, вялікая пашарпаная канапа, некалькі парты, крэслаў. На падвоканьні — гаршчкі з дэкаратыўнымі кветкамі. На сьценах — партрэт галоўнакамандуючага і тыпавыя плякаты пра структуру ўзброеных сілаў, дзяржаўны лад, герб, сьцяг РБ, герояў-лётчыкаў і парадак прызначэньня кляснасьці спецыялістаў. На тумбачцы — акварыюм з залатымі рыбкамі, адрыўны каляндар «Родны край» і кніга пра герб і сьцяг. Гэта — пакой для адпачынку і інфармаваньня. Альбо, па-салдацкаму, «ленінка».

Мы з салдатамі зьбіраем бібліятэчку. Пакуль кніг мала, захоўваем іх у тумбачцы. Старшына паабяцаў уладкаваць шафку, калі тумбачкі будзе замала. Ужо маем некалькі кніжак замежных клясыкаў, «Адкусі галаву вароне» і «Каханак яе Вялікасьці» Уладзіміра Арлова, падпісаныя аўтарам, Курт Ванегут, Кафка, Пялевін, «Псыхалёгія лідэра» і «Мова пісьма», Халед Хасэйні «Бягучы за ветрам», Эліза Ажэшка «Хам», Генрык Сянкевіч "Quo vadis?" і іншыя.

Гэтак выглядае правая палова палічкі. Зьлева стаяць запыленыя карэньчыкі кніг невядомых мне аўтараў. Пагартайшы іх, я двойчы падзякаваў Богу, што Савецкі Саюз закончыўся і ніхто не прымусіць гэта чытаць.

Некалькі кніг выняў зампаліт: «Армія ў нас, вядома, па-за палітыкай, але ты сам разумееш...» Пад сумнеў патрапіла «ARCHE» 2004 году выпуску, Уладзімір Арлоў «Прысуд выканаў невядомы» (пра Ігната Грынявіцкага, які здзейсніў замах на расейскага цара) і чамусьці «Пяць мужчын у леснічоўцы», п'есы Алесья Петрашкевіча «Приласкать и уничтожить» і вершы-байкі Алесья Няўвеса «Адлуп».

Рээстр кніг пакуль не стваралі. Салдаты і сяржанты вольна бяруць, што падабаецца, і чытаюць. Так бы мовіць, самаадукоўваюцца.

Зьвяртаюся да ўсіх спрычыніцца да нашай бібліятэчкі і даслаць кніжкі найлепш мастацкай і навукова-папулярнай літаратуры, на адрас: горад Мазыр, вуліца Астроўскага, в/ч 48694, індэкс 247760. Разумны салдат — моцнае войска.

17 сакавіка. Некалькі парадаў будучым салдатам

Перад тым, як патрапіць у войска, я атрымаў шэраг карысных парадаў ад Зьмітра Жалезьнічэнкі, аднаго зь першых палітпрызыўнікоў, які праходзіць службу ў Жлобіне, — як не паўтараць памылак мінулых пакаленьняў.

Што з сабой браць?

Будзьце гатовыя, што цывільную вопратку, мабільныя тэлефоны, іншыя рэчы, якія пададуцца ім падазронымі, — забяруць. На тэрыторыі бальшыні вайсковых частак крамы няма. Задбайце пра ўсё загадзя.

- мыльна-рыльныя прылады: шчотка зубная ў футарале, паста, мыла ў мыльніцы, галяк са зьменнымі лёзамі, крэм для галеньня і пасья. Пажадана, каб усё было новае. Усё

гэта можна набыць у старшыны роты, толькі вам выстаўяць адпаведны рахунак. У разы большы за рэальны;

- прылады для пісаньня: асадкі, алоўкі, папера А4 для рапартаў і скаргаў; 4 агульныя сшыткі: для спецыяльнай, агульнай баявой і ідэалягічнай падрыхтоўкі, адзін для лістоў;

- капэрты зь літарай А (перадаплачаныя па Беларусі) альбо без. Салдатам пісьмы па Беларусі бясплатныя, замест маркі ставіцца штамп «Солдатское».

- ліхтарык, каб хадзіць у начныя патрулі, чытаць у цёмнай кабіне альбо пад коўдрай;

- супаконныя таблеткі альбо вітаміны з супаконным дзеяннем. У многіх новапрыбылых вайсковая служба выклікае стрэс і нэрвовы зрыў. Жорсткі графік, патрабавальнасьць і агрэсіўнасьць камандзіраў, новае асяродзьдзе. Вельмі важна трымаць сябе ў руках;

- вушабярэгі (яны ж берушы, затычкі для вушэй). На каранціне можа спаць па 100-150 чалавек у адной спальні, вушабярэгі гарантуюць спакойны сон;

- кнігі для чытаньня. Мастацкая і навучальная літаратура. Чытаньне падтрымлівае агульны тонус і затрымлівае працэс «тупеньня»;

- кавалак белай тканіны рабіць падкаўнерыкі, іголки ды ніткі, каб падшываць;

- маленькі радыёпрымач з навушнікамі. Можа быць карысны ў маленькіх аддаленых альбо незабясьпечаных частках для слуханьня музыкі й навінаў, для простага забіцьця часу;

- грошы.

Як сябе паводзіць? Вам палумачаць адразу па прыбыцьці ў частку. Але ёсьць правілы, якіх трэба трымацца як сьвятая сьвятых:

- не крадзі;

- не стучы.

Важна зрабіць добрае першае ўражаньне. Як павядзецца напачатку, так да цябе будуць ставіцца да канца службы. У калектыве ёсьць «нармальныя пацаны», сярэднячкі і ёсьць ізгоі, лузэры. Да ліку апошніх лепш не трапляць. У войску трэба быць умеркавана нахабным і прабіўным. Такіх паважаюць і баяцца. Кіруйся салжаніцынаўскім прынцыпам: «Ня вер. Ня бойся. Не прасі».

21 сакавіка. Днявальны па роце

Днявальны па роце — самы складаны й распаўсюджаны сутачны нарад. Заступаеш у 18-00 аднаго дня, вызваляеся праз суткі. Сьпіш толькі дзье гадзіны. Астатні час стаіш на тумбачцы ля ўваходу у памяшканьне роты альбо прыбіраеш. У нарады ходзім некалькі разоў на тыдзень. У горшым выпадку — праз суткі.

Мне далі асабісты штык-нож, прымацаваў на папругу. Ён лёгка чапляецца на аўтамат, пераўтвараецца ў кусачкі альбо малаток.

Да другой гадзіны ночы мы ў падлогу «пад палацёр». Набіраеш вядро вады, крышыш гаспадарчага мыла, узбоўтваеш, утвараецца пена. Распырскваеш яе па падлозе, бярэш палацёр (у нарадзе — «машка» — шчотка з доўгай ручкай) і расьціраеш. Зьбіраеш брудную пену сухой анучай.

Зь дзвюх да чатырох ночы патрулюеш тэрыторыю: кашары (казарма), склад, лазьня, аўтапарк... Кожныя 15 хвілінаў даеш сыгнал дзяжурнаму па роце, што ўсё ў парадку, ніхто цябе не зарэзаў і пажар не ўчыніў. Наша частка ў найвышэйшай кропцы Мазыра, халодны вецер працінае да пят.

Увесь наступны дзень змагаеся са сном. Будучы за тумбачкай, аддаеш каманды згодна распарадку дня, а таксама па прыбыцьці афіцэраў, вышэйшых за дзяжурнага па частцы: «Зважай!» Альбо выклікаеш дзяжурнага па роце. Адказваеш на тэлефонныя званкі.

Вялікі клопат усё прыбраць-памыць да здачы нараду. Стомлены, дзейнічаеш на аўтамаце. Цела ные. Марыш пра адно: хутчэй бы адбіцца.

23 сакавіка. Ваенны суд

Першая камандзіроўка ў Менск. На ваенны суд. Ваенныя пракуратура й суд — першыя дзяржаўныя ўстановы, якія сур'ёзна ўзяліся за справу і абставіны майго прызыву.

На судовым паседжаньні, якое цягнулася больш за сем гадзінаў, былі дапытаныя палкоўнік мэдыцынскай службы Г.Водчыц, які калісьці «лячыў» мяне і Каліту; падпалкоўнік А.Загорскі, ваенны камісар, на вачах у якога мяне зьбівалі, які адправіў

мяне ў вайсковую частку нягледзячы на тое, што рашэнне суду не ўступіла у законную сілу. Высветлілася, што людзі ў цывільным, якія мяне білі ў шпіталі, не контрвыведка КДБ, не міліцыя і не спэцназ, а нейкія ваеннаслужачыя, гэтаксама як і маёр з падпалкоўнікам, якія везлі мяне ў кайданках «Родину защищать». Але ніхто ня здолеў назваць прозьвішчы гэтых людзей і месца іхнай службы. Па вуліцах ходзяць вайскоўцы-інкогніта, якія могуць схапіць мінака, зьбіць і забраць у войска.



Мы далучылі да справы дакумэнты альтэрнатыўнага мэдычнага абсьледаваньня сэрца. Палкоўнік Водчыц прызнаў на судзе, што паводле гэтых вынікаў я не прыдатны да вайскавай службы.

25 сакавіка. Дзень Волі

За ранішняй гарбатай павіншаваў салдатаў з Днём Волі. Недзе ў Менску пачынаецца мітынг, разгортваюць расьцяжкі, узьнімаюць сьцягі. Нехта прамаўляе ў мікрафон, патрабуючы сапраўднай незалежнасьці, свабоды слова і адстаўкі ўраду.

А ў нас сёньня ліцэр. Ліцэр — паветраная мэта, самалёт, які нельга крануць, які трэба максымальна дакладна правесці. Лукашэнка з Колям вяртаўся з Сочы. Вайсковая частка пераводзіцца ў баявую гатоўнасьць. На індикатары паўстае зялёная рысачка і павольна рухаецца на паўночны захад. Мы сочым, каб ягоны боінг выпадкова ня зьбіўся з курсу альбо яго ня зьбілі...

26 сакавіка Франаку Вячорку споўніўся 21 год.

*Рэдакцыя нашай інтэрнэт-газеты віншуе яго і жадае, каб месяцы,
праведзеныя ў войску, не аказаліся страчанымі!*

26 сакавіка. Зарплата

Выдалі першую месячную зарплату — 23 тысячы беларускіх «зайчыкаў», што роўна васьмі далярам ЗША. Восем даляраў каштуе цэлы месяц рабскай працы. Восем даляраў — гэта прыблізна ў два разы менш за сярэдні заробак на Кубе, у 40 разоў — чым сярэдні заробак у Беларусі, у 90 разоў — чым у Польшчы і ў 500 разоў меней, чым заробак у Вялікабрытаніі.

Больш заможным грошы дасылаюць бацькі. Салдат піша даверанасьць на імя паштальёна, а той забірае перавод на пошце.

Пасьля ідзем затаварвацца. Асартымент: зефір, кава распушчальная, сыркі плаўленыя... Хлапцам не хапае нават на цыгарэты. Некаторыя сур'ёзна задумваюцца, каб кінуць паліць.

30 сакавіка. Арміі патрэбна поўнае пераўзбраеньне

З брыгады амаль штодзённа прыходзяць тэлеграмы: загады камандаваньня, навіны ўзброеных сілаў, страхылікі пра НАТО. Тэлеграмы бываюць машынапісныя і пад дыктоўку. У руках тэлеграфіста-салдата — трубка: голас на тым канцы дроту манатонна, са знакамі прыпынку, зачытвае тэкст. Салдат ад рукі запісвае і дакладвае начальніку.

Цывілізацыя да войска не дайшла, а лепш сказаць, прайшла міма. Ужо факсы і электронная пошта з посьпехам замяняюць тэлеграф. Тут няма ні першага, ні другога. Ваенная тэхніка 70-х — 80-х гадоў, якая ў нас ёсць на ўзбраеньні, маральна і фізычна састарэла. Вялікія шматтонныя агрэгаты сёньня замяняюцца невялікімі прыборамі.

Старэнькія савецкія УРАЛы, КРАЗы, ЗІЛы не вытрымліваюць канкурэнцыі з сучаснымі замежнымі ваеннымі цяжкавагавікамі. Толькі дзякуючы правільнай эксплуатацыі і якаснаму абслугоўваньню наша тэхніка на хаду і боегатовая. Іншыя б спісалі яе ў гісторыю. Тое, што паказваюць у тэлепраграме «Арсенал» і часопісе «Армія» — няйкакш як паказуха.

Нашая часьць лічыцца найлепшай у восьмай радыётэхнічнай брыгадзе. Але цягам апошніх дваццаці год да нас не прыйшло ні новай тэхнікі, ні навучальных трэнажораў, нічога такога, што магло б якасна палепшыць нашу абароназдольнасць.

Армія патрабуе поўнага рэфармаваньня. Першы крок — прафесіяналізацыя, другі — пераўзбраеньне.

1 красавіка. Стары мічман

Пра яго можна напісаць кнігу. Наш старшына — чалавек унікальнай пароды. Невысокі, паўнаваты, зь вялікімі густымі вусамі, далікатна распраўленымі ў бакі. Старшына падобны да Хохліка з казкі пра Беласьнежку.

Ён служыў мічманам на Кольскім паўвостраве. Тады ў ім адкрыўся талент запрагаць салдата ў працу. Бывае, прыйдзеш з начнога дзяжурства ці з нараду, абясьсілены і нямоглы, азіраешся па баках... А як старшына цябе ўбачыць, рыхтуйся — пойдзеш насіць наўлечкі, падфарбоўваць бардзюр ці нашываць латкі на анучкі.

Салдаты імітуюць напружаную занятасьць. Старшына ўсё бачыць наскрозь і цябе адразу раскусіць.

Умее ён і вылаяцца — яскрава, сакавіта і ў тры паверхі.

У старшыны ўсё раскладзена па палічках. Кальсоны, кашулі разабраныя па памерах. Бушлаты і нават сланцы падпісаныя. Уся маёмасьць — строга па вопісу. Калі зграбаць лісьце — зграбай, адсюль і да абеду. Праверыць да лісточка.

Мне часам здаецца, што ён прыходзіць ноччу і становіцца да майго ложка — сочыць, ці я сплю. Баюся прачынацца.

4 красавіка. Кажан

У самы разгар ПХД злавілі кажана. Я яго згроб ля казармы разам зь леташнім лісьцем. Ён расправіў крылы, разьзявіў зубатую пашчу і запішчэў. Зьлятаць ён не хацеў. Зрэшты, і ня мог. Мы яго падвешвалі на галінцы, спрабавалі падкінуць угору. Але кажан адно спрабаваў кусацца і выдаваў нясныя гукі.

Кажан мог бы стаць сымбалам нашых войск. Роўна, як і сава. Грозны і нястомны вартавы беларускага неба.

5 красавіка. Самае смачнае — катлеты

«Чаму нас так добра кормяць?» — запытаўся ў кухара, наслухаўшыся гісторыяў пра баланду ў іншых часьцях, дзе падаюць хутчэй клей, чым ежу.

Мы атрымоўваем дваіны паёк у сувязі з павышанай радыяцыяй. Наша часьць знаходзіцца ў зоне зь перыядычным радыяцыйным кантролем — інакш кажучы, ў чарнобыльскай зоне. Здаровая ежа мусіць узмацніць здароўе і зьберагчы ад наступстваў такой службы. Мы атрымоўваем 155 грамаў мяса на дзень замест паложаных ста, дзьве шайбы масла па 30 грам замест пятнаццаці, шэсьць яек на тыдзень замест трох. Апроч гэтага, нам даюць малако альбо згушчонку, булчкі, рыбныя кансэрвы. Людзей няшмат, гатаваць прасьцей. Грамадзянскі кухар і салдат тэрміновай службы гатуюць такія стравы, якім пазайздросьцяць многія забягалаўкі і кавярні Менску. Самае смачнае — катлеты.

6 красавіка. Мы — камікадзэ

Калі мяне везлі ў войска, я цешыў сябе думкай, што хоць навучуся страляць. Зь мінамёта, Макарава ці хаця б з Калаша. Страляць — справа няпростая, і, як паказвае досьвед, можа прыдацца. За тры месяцы я пастралю аднойчы і то расшчодрыліся ўсяго на тры патроны. Такая сьпецыфіка нашага роду войскаў...

«Вы — камікадзэ! — падбздзёрыў нас начальнік. — Пры паветраным налёце першымі знішчаюцца радыётэхнічныя войскі. Пры атацы з Украіны вас ня будзе праз 15 хвілінаў. Мы нават не пасьпеем засекчы ракету».

Падбздзёрыў дык падбздзёрыў! Паўстае карціна бамбёжак, як нашая тэхніка зь лякатарамі разрываецца на аскепкі...

Аднойчы мне падалося, што мы служым не ў войску, а гуляем у гульнію. У гульнію для дарослых. Мы падфарбоўваем рухавік і падчышчаем фільтры машынам, якія калі-небудзь паедуць. Мы хаваемся, нацягваем маскіровачную сець на лякатары, хаця іх і дома гаспадыня разгледзіць на спадарожнікавай мапе праз Google Earth. І ўрэшце рэшт нашыя лякатары ледзь што бачаць, не кажучы пра іх дакладнасьць. Але гэтым ніхто не пераймаецца. Галоўнае — каб круціліся.

У гэтай гульні — усё, нібы насамрэч. Чатырохразовыя разводы, камендатура і гатоўнасьць нумар адзін... Ваенная тэхніка, як і цацкі, пастаянна ламаецца. І мы яе пастаянна рамантуем.

Галоўны прыз у гэтай жорсткай гульні — дзембель.

8 красавіка. Зарадка

Пачатак дня. Сонца заліваецца вогненнай чырванню. Насычана блакітнае неба сьлепіць вочы. Ранішні вецер працінае да дрыжыкаў. Над Мазыром стаіць туман. І толькі асобныя будынкi, як тыя вежы замка, прабіваюцца з-пад малочнага покрыва застаялага паветра.

Салдацкі дзень пачынаецца з зарадкі. Мы прабягаем дзесяць колаў вакол пляцу, пасья шыхтуемся ў дзэве шарэнгі, разьмінаем цягліцы рук, ног, шыі. Робім так званую салдацкую спружыну — нахіляем тулава перад сабой, спрабуючы дастаць ступняў, і прысядаем.

Некаторыя сяржанты любяць павычварацца — з адцісканьнямі на лік. Прымаеш упор лежачы, згінаеш локці па камандзе раз, два альбо — напалову — паўтара. Пасья кожнай каманды сьледуе працяглая паўза... На дзясяты раз ты ўжо ніякі. Пасья тых адцісканьняў на даланях застаецца ўзор халоднага асфальту.

На завяршэньне — падцягваньне на перакладзіне, пад'ём тулава на брусах.

Калі зарадка закончылася, сонца ўжо прыняло свой звычайны залацісты воблік. Туман паціху расмактаўся. Навакольле запоўнілася птушыным сьпевам. Да нас паціху падкралася вясна...

12 красавіка. Летні рэжым

У арміі адсутнічае здаровы сэнс. Гэтым разам пацярпелі простыя салдаты.

Выйшаў загад аб пераходзе на летні рэжым. Нехта вырашыў, што лета наступае менавіта сёньня. Нас пераадзелі ў летнюю форму, зімовыя шапкі памянлі на кепкі, выдалі майткі і майкі. Пад кіраўніцтвам старшыны расклеілі ўсе вокны, паздымалі ўцяпляльны матэрыял.

Ноччу мерзлі як цуцыкі. З усіх шчылінаў дзьмула, нібыта мы былі не ў казарме, а на Кольскім паўвостраве. Чуўся толькі лязгат зубамі... Бралі па дзьве-тры коўдры, накрываліся бушлатамі, некаторыя спалі ў вопратцы. Засыналі з адной думкай: хутчэй бы гэта ўсё закончылася.

13 красавіка. Сустрэча з Жалезьнічэнкам

На выходных прыяжджалі мама, Саша Клімовіч і Андрусь Крэчка з «Моладзі БНФ», мой былы ліцэйскі выкладчык Аляксей Крукоўскі і — самае нечаканае — Зьміцер Жалезьнічэнка.

Зьмітру ўсё-ткі далі дзесяцідзённы адпачынак. Ужо больш за год ён служыць у чыгуначных войсках у Жлобіне, так і не прыняўшы ваеннай прысягі. Зьміцер быў адлічаны з унівэрсытэту і, падобна мне, гвалтоўна прызваны «заціхце родіну». Зьміцер — «дзед», я — «дух». Ён адразу зрабіў мне заўвагу: чаму боты не начышчаныя як сьлед? Я пасьпяшаўся выправіць недахоп.

Мне далі дзённае званьенне. Мы ўсе пайшлі ў кавярню. Сьмяяліся, жартавалі. Абмяркоўвалі службу, ваенную тэхніку, мой дзеньнік. Зьміцер не прыняў «дзедаўшчыны» і стараецца як толькі можа дапамагаць маладым салдатам. Чытае. Вучыць кніжкі па спецыяльнасьці — жадае стаць праграмістам. Рыхтуецца да «грамадзянкі»...

Мы пагадзіліся, што тэрміновая служба з усімі яе «тяготами і лишениямі» нічога асаблівага чалавеку не дае. Гэта няйтакш як страчаныя гады. Мусіць быць прынамсі выбар.

Потым мы падняліся на Мазырскае замчышча. Пару год таму тут узьвялі драўляную копію сярэдневечнага замка — з музэем, званіцай, агляднай пляцоўкай і карчмой. Зь вежы адкрываецца краявід на Мазыр. Разьлітая Прыпяць падзяліла прастору на маленькія выспачкі. За ракой — узгорысты лясны масіў... Нездарма мазырскі край называюць «беларускай швейцарыяй».

Мы сфоткаліся. Ля замкавай сьцяны стаяла гіганцкая шахавая дошка зь вялізнымі драўлянымі фігурамі. Згулялі бліц-партыю. Зьміцер мяне абыграў. «Вучыся, салдат! — сказаў ён мне на разьвітаньне і працягнуў пакунак з гарбатай, печывам, лімонам і згушчонкай. Гэта падарунак на дзень народзінаў!»

Зьміцер паехаў. А мы працягнулі шпацыр па гэтым выбітным горадзе.

18 красавіка. Пра што гаворыць прэса

У пакоі для адпачынку і інфармаваньня — яна ж «ленінка», або «лукашэнінка» (ад прозьвішча чалавека на партрэце, што вісіць над тэлевізарам), — дзяржаўная прэса мірна суіснуе з незалежнай. Шэсьць газэтаў зьяўляюцца абавязковымі для падпіскі: «Советская Белоруссия», «Рэспубліка», «Народная газета», «Белорусская военная газета» і мясцовыя «Гомельская праўда» і «Жыццё Палесься». Паштальён зь іх робіць падшыўку. З маім прыходам у часьць пачалі прыходзіць «Народная воля», «Наша ніва», «Новы час», «Белорусы и рынок» і «Газета Слоні́мская».

Спачатку я натыкнуўся на рашучы пратэст з боку ідэолягаў: маўляў, мы, як дзяржаўная арганізацыя, ня маем права атрымліваць прэсу з пазаафіцыйнага пераліку. Усё, што лішняе, адбіралася і бязьлітасна зьнішчалася.

Сытуацыя ўлагодзілася, калі «Нашу ніву» і «Народную волю» пачалі чытаць афіцэры і прапаршчыкі. Салдаты, як правіла, разгадваюць крыжаванкі і чытаюць анэкдоты, навінамі асабліва не цікавяцца.

Войска як бы вырывае чалавека з грамадзкага жыцьця. Усё, што адбываецца па-за межамі часткі, падаецца далёкім і малаістотным.

Выпадкова за сабой заўважыў, што пачаў чытаць дзяржаўную прэсу. Ворага трэба ведаць у твар. Прачытанае дае глебу для роздуму. На фоне палітычных гульняў з Эўропай змяніліся акцэнты і рыторыка. Некаторыя мае аднакурснікі і сябры з журфаку ўладкаваліся ў дзяржгазэты і пачалі пісаць як махровыя прапагандысты. Ёсць у каго браць прыклад. Выкладчыкі, якія мяне адлічалі з унівэрсытэту і празь якіх я патрапіў у войска, пайшлі на павышэньне. Спорна раздаюць інтэрвію. Дэкан Сяргей Дубовік стаў рэктарам Інстытуту журналістыкі пры БДУ, Ганна Басавя — загадчыцай аддзяленьня павышэньня кваліфікацыі, Віктар Іўчанкаў — ледзь не галоўным мовазнаўцам краіны...

Выслужыліся. Павесьце сабе па лычцы.

20 красавіка. Злавлі шпіёна

На невысокім насыпным узгорку ў атачэньні размаітай вайскавай тэхнікі стаіць салдат і празь бінокль углядаецца ў неба. Гэта назіральнік ПЗН — пункту знешняга назіраньня.

У выпадку трывогі ці баявой гатоўнасьці ён бяжыць на свой пагорак, дакладвае аб усіх убачаных самалётах, шрубалётах, іншых лётных аб'ектах, паведамляе іх курс, дальнасьць, прыблізную вышыню. Аказваецца, існуе маса хітрыкаў, як гэта вызначыць пры дапамозе вока і бінокля, — па шлейфе, мясцовых арыенцірах і іншых.

Учора адбылося цікавае здарэньне. Над баявой пазыцыяй праляцеў параплан. Яго першым заўважыў назіральнік ПЗН, паведаміў камандаваньню. Было вырашана затрымаць патэнцыйнага шпіёна, які парушыў правілы выкарыстаньня паветранай прасторы, ажыццяўляў палёт без адпаведнага дазволу. Гора-лётчыкам аказаўся мясцовы аматар. Зараз яму давядзецца заплаціць нясьціплы штраф і вытрываць гутарку з прадстаўнікамі вайскавай контрвыведкі.

А наш ПЗН-шчык атрымаў ад камбата падзяку за пільную службу.

25 красавіка. Увага, вецер!

Напярэдадні 26 красавіка Лукашэнка аб'язджае гарады чарнобыльскай зоны. Нашаму батальёну выпала яго суправаджаць. Калі шрубалёт пралятаў над намі, паступіў загад разьбегчыся па станцыях і не высоўвацца «для вашай жа бясьпекі».

Два дні запар не сыціхала баявая гатоўнасьць. Амаль усе былі занятыя ці то на станцыях, ці то на пляншэтах. Мяне ж адправілі ад граху падалей. На перавод тэхнікі на летні рэжым. Я поўзаў пад «ураламі», старанна пры дапамозе наждачкі зачышчаў іржу і абнаўляў фарбу. Лазячы па боксах, знайшоў зэнітку. Ха-ха! Высьвятляецца, ня так усё і безнадзейна.

26 красавіка. Лазьня

Штосуботу пасья ПХТ адбываецца памыўка салдатаў у лазьні. Лазьняй называецца аднапавярховая цагляная прыбудова да кацельнай блізу нашай казармы. У меншых падразьдзяленьнях, а таксама ў брыгадзе ў Баранавічах, дзе няма ўласнай лазьні, салдатаў водзяць у гарадзкую. У лазьню ходзяць пазьменна па 5-10 чалавек.

Памяшканьне невялікае. Ля трох душавых кабінак утвараецца чарга. Вада пэрыядычна прападае. Бывае, прыходзіцца па паўгадзіны стаяць намыленымі і мерзнуць, а нехта адзін ідзе ў кацельную высьвятляць, у чым справа.

Мыемся ў паўзмроку, недзе над стольлю -- мутная лямпачка. Рамонту ў лазьні ніколі не было. Адно пафарбавалі ржавыя трубы ў насычана блакітны колер. Са столі падае брудна-шэрая вільгаць з кавалачкамі фарбы.

Першы раз мыцьцё ў лазьні пакінула досыць гідкае адчуваньне, але наступныя разы я ўжо не зьвяртаў на гэта ўвагі. Пасья цяжкага працоўнага тыдня і такі душ падаецца раскошай.

Некаторыя мыюць у лазьні форму. Гэта, бадай, адзіная магчымасьць скарыстацца гарачай вадой. Ужо паўгоду абяцаюць паставіць пральную машыну. Так яна й стаіць нераспакаваная ў кладоўцы...

Пасьля душа мы здаем бялізну і атрымоўваем чыстую. Майкі-безрукаўкі, майткі і анучы на ногі. Бялізна шматкроць ужываная і пацёртая. Але ня трэба баяцца: падчас мыцьця яна праходзіць працэдуру дэзінфекцыі.

У дадатак да бялізны старшыня выдае тубік крэм-фарбы для абутку «Дамавік», мыла «Дзіцячае» і рулён туалетнай паперы «Салдацкая» ў сьмешнай камуфляжнай абгорцы.

28 красавіка. Футбол для сапраўдных мужчын

На пляцоўцы для пасадкі шрубалёту змайстравалі футбольнае поле. Прыцягнулі двое брамаў, дамовіліся аб правілах. Без афсайдаў, бяз аўтаў, свабодны брамнік. Новы прызыў гуляў супраць стараслужачых. Усе ў майках і майтках. На нагах у каго што — старыя кеды, парваныя красоўкі, хтосьці ўвогуле босы. Бегалі дзьве зь лішнім гадзіны. Пазьбівалі ногі. Мы хоць і прайгралі, але не расстроіліся. 1 траўня возьмем рэванш.

4 траўня. Шчанюк

У нас у часьці завёўся шчанюк — пузатая рудая жывёлінка з тоўстым хвостом, брушкам і чорнымі бліскучымі вачыма. Адкуль ён зьявіўся, ніхто ня ведае. Некаторыя кажуць — гэта шчанё качагарскай сучкі. Некаторыя — што яго падкінулі.

Шчанё назвалі Эльзай. Яна ўжо аблюбавала ганак ля сталовай, адкуль пастаянна выносяць ежу, «курылку», дзе заўсёды знаходзіцца ў цэнтры ўвагі, і пляц. Бывае, стане перад шыхтом у позу «Зважай!» — і мы ёй жартам аддаем воінскае вітаньне. За тое далі ёй і другую мянушку — «Генэрал».

8 траўня. Бывае праўда ў вочы коле

Апошнія допісы ў армейскі дзёньнік выклікалі незразумела жорсткую рэакцыю камандавання брыгады. Дасталося ўсім — нашаму камбату, зампаліту, начальніку штаба, старшыню і некаторым афіцэрам. На паабедным разводзе камбат папярэдзіў, што калі я працягну весці дзёньнік — будзе ўзбуджана крымінальная справа. Падобна, ён не жартаваў. Што ж іх магло так зачапіць? Лёс пральнай машыны высвятліўся. Неўзабаве яна паедзе ў Гомель у падпарадкаваную роту, абуткам для фізкультуры і спартыўных гульняў не забясьпечылі з брыгады. Тут віны нашага камбата няма.

Выклікае мяне начальнік штаба батальёна. Ён трасе «Нашай нівай» с перадавіцай «Хрыстос уваскрос!». «Гэтага тут не павінна быць. Гэта антыдзяржаўныя газеты і яны забаронены». Дык вось што іх вывела з сябе. Я спрабую патлумачыць, што «Народная воля», «Наша ніва», «Новы час» — зарэгістраваныя і афіцыйна распаўсюджваюцца, але безсэнсоўна. Мне аб'явілі чарговае спагнаньне — пазбаўленьне званьня, і загадалі прыбраць «антыдзяржаўныя» газеты з пакою для адпачынку і інфармаваньня. «Захоўвай іх у тумбачцы, каб ніхто не бачыў».

Да антыдзяржаўных быў залічаны і часопіс «рARTisan» Атура Клінава. Яго зблыталі з сайтам belaruspartisan.org. Маўляў, назва падобная, значыць тое самае. І ўсёткі цікава, чым кіруюцца вайсковыя ідэолагі, калі вызначаюць, што ёсць добра, а што забаронена. Ім паўсюль бачыцца падвох. Ну вось, хацеў напісаць дзёньнік беларускага салдата, а атрымалася як заўжды ў Беларусі — крымінальная справа.

10 траўня. Шыхтовыя песьні

Салдацкая песьня — асаблівы арыбут вайсковай службы. Заклікана ўздываць настрой і баявы дух вайскоўцаў. Не, гэта ня тыя франтавыя песьні, з якімі калісьці кідаліся на амбразуру, гэта, хутчэй, як візітоўка кожнай асобнай часьці. Песьні сьпяваюць перад кожным прыёмам ежы — сьняданкам, абедам і вячэрай, а таксама падчас 15-хвіліннай вечаровай прагулкі перад праглядам «Панарамы». Яшчэ на каранціне казалі, што «ў арміі песьні не сьпяваюць, а гарлаюць, і чым гучней — тым лепш». Там жа нас навучылі адной адзінай песьні «Мы — армия мира», матывам падобнай да гімна

Савецкага Саюза. «Мы армия мира, добра и свободы, мы армия — Белой Руси часовой, мы дали присягу на верность народу, на верность республике нашей родной».

У мазырскай часьці гэту песьню ня любяць. Навучылі нас тром іншым, сярод якіх адна беларуская. «Красуйся Беларусь, твой шлях заліты золатам лясным. Ты нарадзілася ў баях, табе пяюць твае сыны» і гэтак далей. Але несумненным гітом ёсць спеў «Войска ПВО». Кажуць, яго напісалі ў далёкім 96-м годзе вайскоўцы нашай брыгады. Чытаецца рэпавым рэчытатывам: «Войска ПВО — это грозная сила, враспloch не застать нас врагу, клянемся отчизне — родной Беларуси, что будем всегда начеку. Не спит оператор, не дремлет локатор, в кабине дежурит расчет, свободное небо отчизне солдат ПВО сбережет. В ученьях, на стрельбах, за пультом куется твое мастерство, вчерашний учитель, колхозник, рабочий — сегодня ты труженик войск ПВО».

Я прынцыпова выконваю толькі беларускамоўную песьню. Прымушаць сьпяваць мяне не сталі. Я прапанаваў папоўніць рэпертуар беларускімі маршавымі сьпевамі. «Надта многа вучыць і без тваіх сьпеваў», — адазваліся салдаты.

13 траўня. Як гартуецца дысцыпліна

Са старэйшымі па званьню лепш не спрачайцеся, будь то сяржант, ці нават падпалкоўнік. Вы ўсё адно не маеце рацыі. Салдат — апошняе звяно ў армейскай вертыкалі ўлады, і так, ці інакш жаўнер апынецца крайнім. А спосабаў, каб вас пакараць, няхай сабе і ні за што, дастаткова. Аб'являць вымову, пазбавяць звальненьня, паставяць у пазачарговы нарад, ці адправяць на гаўптвахту. Апошняе прымяняецца ў вельмі асаблівых выпадках, калі трэба паставіць на месца зусім зацятых бунтаўшчыкоў.

Мне аб'явілі два нарады па за чаргой — за неналежны парадак на рабочым месцы. Гэтак вырашыў начальнік штаба. Чаму мяне — для ўсіх загадка. Я не дзяжурьў, не працаваў на пазіцыі і ўвогуле ў час «беспарадку» быў у казарме. Ды ці быў беспарадак? Іх лёгіку не патлумачыш. А самае сумнае — не аспрэчыш. У «педагагічных» здольнасьцях асобным афіцэрам можна пазайздросьціць. Калі не ведаеш той ці іншы нарматыў, альбо артыкул статуту — ідзі ў клясу, ці стой ля тумбы і зубры. Пакуль не адкажаш — спаць ня пойдзешь. Пры гэтым заходзіць у клясу і правярае, каб ніхто не задрамаў. Але супраць фізіялёгіі не папрэш, і ў галаву нічога ня лезе. У салдата думка адна — як бы паспаць. Раніцай, нявыспаны і змораны, ідзешь у нарад ці на дзяжурства.

14 траўня. На парадку дня — дзёньнік Франака Вячоркі

Зампаліт і псіхоляг сабралі нечарговую нараду салдатаў. На парадку дня — пляны на выходныя і дзёньнік Франака Вячоркі. За пяць хвілінаў абмеркавалі пляны. Сорак хвілінаў — мае паводзіны. Зноў спрабавалі настроіць салдат супраць мяне. Маўляў, чым далей ён будзе весці дзёньнік, тым горш вам усім будзе. «Салдаты, гэта яскравы прыклад, да чаго прыводзіць свабода слова», — падсумаваў зампаліт, і ўсе пайшлі на вячэру.

15 траўня. Пашуковы батальён

Яшчэ месяц таму нам гаварылі, што прыедуць пашукавікі. Што за яны і навошта прыязджаюць, не ўдакладнялі. Пятнаццаць юнакоў, большыня з іх — вайскоўцы тэрміновай службы, пасяліліся на трэцім паверсе ў нашай казарме. Амаль штодня яны выязджаюць у суседнія Калінкавічы на раскопкі. Вайскоўцы вывучаюць вопыт баявых дзеянняў Першай і Другой сусветных войнаў, раскопваюць верагодныя брацкія магілы і праводзяць перазахаванне людскіх парэшткаў. Трапляюцца і ўнікальныя знаходкі, іх даследуюць і перадаюць у музей. Кажуць, Беларусь — адзіная постсавецкая краіна, дзе дзейнічае падобнае вайсковае падраздзяленьне. Задача асобнага спецыялізаванага пашуковага батальёна, а ён напярэці падпарадкаваны Міністэрству абароны, — ушанаваць памяць палеглых і запоўніць прабелы ў вывучэнні войнаў на тэрыторыі нашай краіны.

17 траўня. Турнір па настольным тэнісе

У нас у казарме стаіць настольны тэніс. На дзіва, мы ніколі ў яго не гуляем — то няма шарыка, то часу. У нядзелю згулялі турнір супраць хлапцоў з пашуковага батальёна. Мы перамаглі ўсе адзіночныя партыі, але прайгралі ў парах. І я гуляў, падзяліў трэцячацьвертае месцы. Пераможца — хлопец з камандна-тэхнічнага вузла, атрымаў пазачарговае звальненне.

18 траўня. Армія і здароўе

Я гляджу на свае далоні. За чатыры месяцы службы яны пастарэлі на год дзесяць. Скура ссохлася, агрубела, пакрылася тысячай дробных маршчынак і трэшчынак. Цяпер разумею, чаму пенсійны ўзрост для вайскоўцаў — 45 год, бо ў сорок пяць некаторыя з іх выглядаюць на ўсе шэсьдзсят — сівыя, з залысінамі, маршчынамі і хрыплым барытонам.

Войска фізічна загартоўвае, і перастаеш зважаць на боль, дыскамфорт, холад ці хваробы. Ты перастаеш гэта ўсё адчуваць. Але фізічная загартоўка патрабуе належнага здароўя. Адсутнасць сна і вялікія нагрузкі наколькі карысныя, настолькі ж і шкодныя. Які сэнс прызваць чалавека на службу, каб увесь час яго лячыць? Гэтыя нагрузкі я адчуў на сабе. Пачасьціліся галаўныя болі, болі ў сэрцы і стопах. Бывае, боль схопіць, аж цяжка прадыхнуць. Неаднаразова здымалі з нарадаў. Зьвяртаюся да фельдшара ці прапаршчыка. Мераем ціск. Высокі. У сярэднім 170 на 110. Павезлі ў гарадскую паліклініку. Урач памерала ціск, пашкадавала і выпісала чарговы гіпертэнзіўны прэпарат. Я штодня п'ю пяць розных відаў таблетак. Напісаў рапарт, каб забясьпечылі артапедычнымі вусьцілкамі. Чакаю адказу.

Тут шмат каму трэба нармальнае лячэнне. Ёсць памылковае меркаванне, што ў войску ўсе здаровыя, а каму баліць — ня хоча працаваць і аддаваць доўг радзіме. Таму і ня скардзяцца, пакуль не прыпячэ. Як кажа наш псіхоляг, «салдат лічыцца здаровым, пакуль не зваліцца без прытомнасці і іншыя яго не панясуць». Вось так і прывучаюць людзей трываць.

20 траўня. Непрабачальная памылка

«Таварышы» з ваенкамату так спяшаліся з маім прызывам, што забылі толкам аформіць ваенны білет. Вайскоўцы ламаюць галаву, што рабіць. У білеце няма ні даты майго прызыву, ні нумару часьці, куды мяне накіроўваюць.

29 траўня. Хто адрамантуе вуліцу Астроўскага

Каб даехаць да нашай часткі, трэба ехаць да канцовага прыпынку аўтобусам № 2, а далей сваім ходам па вуліцы Астроўскага. Асфальт пракладзены толькі да прыпынку, усё, што ідзе далей, усеяна калдобінамі і камянямі, без дарожнай разметкі, тратуараў. Дзеткі гуляюць пасярод праезджай часткі, а машыны дваруюць у брудзе і пяску. Раней мікрараён чыгуначнай вуліцы Астроўскага знаходзіўся ў падведанстве «Мазырдрэву», але прадпрыемства зьбыднела. Людзі самі праводзілі рамонт, як маглі. Хтосьці прынясе брусу, нехта пяску, каб засыпаць ямки. Сваю частку дарогі вайскоўцы выкладаюць бетоннымі плітамі. Але гэтага ўсё адно недастаткова. Як сьцьвярджаюць мясцовыя жыхары, капрамонту на нашай вуліцы не было больш за дваццаць год. Пісалі заявы, зьбіралі сходы, але без выніку. У чыноўнікаў адказ адзін: «Грошай няма». Я патэлефанаваў у райвыканкам, але мяне пачалі адфутбольваць ад аднаго чыноўніка да іншага — ніхто не хацеў трымаць адказ. Урэшце рэшт паразмаўляў з загадчыкам жыллёва-камунальнай гаспадаркі. Ён не хаваў, што рамонт на Астроўскага не вядзецца. І амаль не апраўдваўся. Сёлета на рамонт дарог у Мазыры выдзелілі 3,5 млрд. рублёў, гэтага хапіла на рамонт адной вуліцы — Пралетарскай. «На што хватило денег, то и сделали», — падсумаваў чыноўнік. І дадаў: «Кризис».

Але крызіс — гэта не апраўданьне чынавенскай бяздзейнасці. Мясцовыя жыхары пачалі збор подпісаў пад зваротам да старшыні райвыканкама.

1 чэрвеня. Летняя работа

Лета прынесла работы. На пазіцыі разгарэлася бурлівая дзейнасць. Камбат аб'явіў аб змаганьні з травой. Прыгрэла сонца, і шматлікія гектары баявой пазыцыі параслі былльлём. А каса-то ў нас адна. Косім па графіку. Вострым інструмент, ізноў косім. Трое салдатаў будуюць стрэльбішча. Ужо зусім хутка нам абяцаюць, што ня прыйдзеца нікуды ехаць, каб пастраляць з казённых калашоў. А то стрэлілі тры патроны паўгода назад — так і забылі. А мне трэба практыка, бо, па баявым разліку, я стралок акупа № 4.

Наша станцыя ўяўляе сабой вялізны грузавы прычэп з вялізнай антэнай. Яна стаіць на стромкім узгорку і ў выпадку раптоўнай перадыслякцыі яе будзе праблематычна

спусьціць. І тут спатрэбіліся салдаты. Як тыя эгіпцяне на будаўніцтве пірамід, з усёй пазіцыі сваімі рукамі ці на ЗіЛе сьцягваем камяні, кавалкі арматуры, бетонныя блёкі, рэшткі старой агароджы і зацягваем усё на горку. Зьверху ўсё гэта засыпаецца дзёрнам, і ляндшафт набывае новы выгляд. Паміж РЛСамі працягнутыя тысячы мэтраў розных кабеляў, і пад імі трэба пракапаць, а то кіне нейкі дурань бычок, сухінь загарыцца, а на ёй і кабелі, і тэхніка.

Але праз тыдзень-два трава прарастае зноў, таму працэдуру прыйдзеца паўтараць усё лета.

3 чэрвеня. Зноў у шпіталь

Камандзір задаволіў мой рапарт і адправіў на медычнае абсьледаваньне і ваенна-ўрачэбную камісію ў бабруйскі вайсковы шпіталь. Доктары мелі вызначыць ступень маёй прыдатнасьці да войска. Мяне чакалі. Спачатку агледзеў дзяжурны ўрач, потым лечачы. Доўга вырашалі, куды пакласьці. У рэшце рэшт, у тэрапеўтычнае аддзяленьне. У палаце шэсьць чалавек. Двое — унутраныя войскі. Адзін адразу прадэманстраваў прыёмы, як іх вучаць разганяць апазыцыю. У мяне ледзь не павылазілі вантробы. А другі аказаўся эрудаваным, начытаным, шчоўкаў крыжаванкі, да таго ж захапляецца беларускім паганствам. Адзін, які ляжаў з язвай, — з ракетных войскаў. Праўда, як ён прызнаўся, ракета ў іх толькі адна, і то не зусім рабочая. Яшчэ двое — транспартнікі з пад Асіповічаў, мантажная рота. У тым ліку Алесь Краўчэня — палітпрызыўнік з Баранавічаў, якога, роўна як і мяне, Шылу ды Хведарука, забралі ў студзені. Алесь не марнуе працу, піша вершы пра войска. Нам было пра што пагаварыць. Але на наступны дзень Алесь раптоўна выпісалі.

Штодня ставілі адразу ў некалькі нарадаў. Ва ўсім аддзяленьні — шэсьць салдатаў тэрміновай службы, астатнія кантрактнікі і адстаўнікі. Нарады, натуральна, не такія жорсткія, як у падразьдзяленьнях — смецьце прыбраць, адказваць на званкі, посуд памыць. Але нарад ёсьць нарад — лынды не паб’еш. На другі дзень лячэньня аб’явілі вучэбна-баявую трывогу — прыехала нейкая дужа важная праверка зь Менску. Мяне прызначылі дзяжурным па падразьдзяленьню.

4 чэрвеня. Крышталны сасуд

Шпіталь разьмешчаны ў адным з будынкаў Бабруйскай крэпасці, пабудаванай у 10-20-я гады XIX стагоддзя. Высокія столі, аркавыя праходы ствараюць незвычайную атмасферу даўніны. А дактары, мядсёстры і абслугоўваючы персанал ствараюць камфортнае лячэнне для пацыентаў. Спачатку я здаў усе магчымыя аналізы, потым прайшоў кансультацыі ва ўрачоў. Усё ідзе да камісацыі. Некаторыя ўрачы, якія мяне глядзелі, здзіўляліся, якім чынам я мог быць прызваны з такім здароўем.

Да беларускай мовы ставяцца адзначна станоўча. Пасля абеду падсаджваюцца да мяне за стол паварыхі і просяць: «Ну, пагавары з намі па-беларуску, калі ласка».

У неўрапатоляга зайшла гаворка пра палітыку. Я яму паспрабаваў патлумачыць, што ён мысьліць прапагандысцкімі штампамі. А медсястра мяне абазвала палітычным сектантам і дадала: «А мне вообщае все равно».

Каля чарговага кабінету я заняў чаргу за адстаўным генералам. Ён мяне пераконваў, што беларускае войска, як і беларуская дзяржава, не маюць перспектывы. Я даказваў адваротнае. Генерал мяне «здаў» загадчыку адзядзялення і я атрымаў заўвагу, нібыта хадзіў па палатах і займаўся палітагітацыяй.

Лекаючы ўрач мяне перасьцярог, каб я не хадзіў па шпіталю без дазволу, каб са мной нічога не здарылася: «Мне приказано с тобой обращаться, как с хрустальным сосудом. Ты же сам все понимаешь».

5 чэрвеня. Выпіска

Мяне абудзілі пасярод ціхай гадзіны. Сказалі зьбіраць рэчы. Сказалі, што выпісваюць. Урачы і афіцэр, які прыехаў мяне забіраць, разводзяць рукамі.

— Як так, абследаваньне не завершылася.

— Загад камандзіра.

Гэта выпіска мне нагадала эпізод са студзеня, калі да мяне ў палату ў Цэнтральны вайсковы шпіталь убіліся людзі ў цывільным, зьбілі і «выпісалі». Гэтым разам я мог быць камісаваны. Прынамсі, усё да гэтага ішло. Але ўмяшаліся звышсілы. А ім, як вядома, закон не пісаны.

7 чэрвеня. Вечарынка

Напярэдадні ў прыватным доме побач з нашай часткай была вечарынка. Ці вяселле, ці нарадзіны — не разабраць. І пілі, і гулялі. Сабакі брахалі на ўсю глотку. А потым зацягнулі песьні. Ды якія песьні! «За туманом», «Зорка Венэра», некалькі народных. Я іх слухаў праз плот. Душа радавалася.

10 чэрвеня. БТ

Міхаіла Трысьценя — карэспандэнта БТ — я памятаю па папярэдніх рэпартажах аб маім прызыве. Звычайна ён робіць сюжэты для «Зоны Х», а радзей — для «Панарамы». Здымачная група прыехала недзе па абедзе. Рабілі рэпартаж пра маю службу і мой дзеньнік. Зампаліт правёў паказушны занятак па ідэялёгіі. Задаваў салдатам пытаньні кшталту: «Назовите артикул № 28 Конституции Республики Беларусь» альбо: «А вы знаете, что мы живем в Союзном государстве?» і гэтак далей.

Я паказаў здымачнай групе нашыя разьбітыя «вочкі», працякаючыя ўмывальнікі, лазьню, каб не было ілюзіяў наконт бытавых умоваў салдатаў. Пыталі, ці лаюцца вайскоўцы матам, за што я не люблю палітыку Лукашэнкі, чаму я пішу, што нас кормяць гнілой бульбай і як праходзіць беларусізацыя войску. Узялі каментары ў сержанта і нашага зампаліта. Як гэта будзе выглядаць, заключнае слова скажа мантаж.

12 чэрвеня. Госьці

Нехта відавочна не хоча, каб я працягваў весьці дзеньнік. Мне зноў і зноў пагражаюць крымінальнай справай адразу па некалькіх артыкулах — абраза прэзідэнта, ухіленьне ад вайсковай службы, невыкананьне загаду і разгалашваньне дзяржаўных сакрэтаў. У кожнага, хто спрабуе мяне палохаць, я пытаюся: «Дык я не маю права весьці дзеньнік?» Яны губляюцца. Гэта значыць, што маю.

Спачатку прыехаў зампаліт заходняга аператыўна-тактычнага камандаваньня ў званьні паўкоўніка. Гаварылі паўтары гадзіны. Пачалі з майго дзеньніка, закончылі Кастрычніцкай рэвалюцыяй. Назаўтра прыехалі зь Міністэрства абароны падпалкоўнік і маёр. Напэўна, зь нейкага дужа сакрэтнага ўпраўленьня, бо пасаромеліся

прадставіцца. Паразмаўлялі. Досыць інтэлігентныя афіцэры, пакінулі прыемнае ўражаньне.

Зрэшты, я ўсё больш і больш пераконваюся, што чым вышэйшае вайсковае званьне, тым больш адэкватны і разумны чалавек. Паабяцалі азнаёміць з загадам міністра абароны, паводле якога я не маю права пісаць пра армію без дазволу камандаваньня.

REFERÊNCIAS

- AKUDOVIČ, Valiancin. **Kod adsutnasci**. Minsk: Lohvinaŭ, 2007.
- ARLOŬ, Uladzimier. **Tajamnicy polackaj historyi**. Minsk: Ed. Papury, 2008.
- ARLOŬ, Uladzimier; SAHANOVIČ, Hienadz. **Dziesiać viaikoŭ bielaruskaj historyi 862 — 1918**. 3. ed. Vilnius: Ed. Naša Budučynia, 2002.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ARSIONAŬ, Alaksandr. **Jak pravilna pisać bielaruskaj lacinkaj?** 3 jan. 2016. Disponível em: <<http://nn.by/?c=ar&i=147849>> Acesso em 3 de março de 2016.
- BAJ. **Франак Вячорка адлічаны з журфака БДУ**. 17 fev. 2008. Disponível em: <<http://old.baj.by/be/node/1564>> Acesso em 22 de outubro de 2015.
- BBC. **Observadores fazem acusação de fraude nas eleições de Belarus**. 10 set. 2001. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/010910_belarus.shtml> Acesso em 31 de janeiro de 2016.
- BELAPAN. **Infahrafika: Mižnarodny dzień rodnaj movy**. 2016. Disponível em: <http://belapan.by/archive/2016/02/21/media_mova_ig/> Acesso em 2 de março de 2016.
- BELSAT. **Mienskaj vulicy Kaściuški być?** 20 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oYjYHXwilcs>> Acesso em: 29 de janeiro de 2016.
- BNR. **The Belarusian Democratic Republic official website**, 2014. Disponível em: <<http://www.radabnr.org>> Acesso em 5 de outubro de 2014
- BUBIEN, Ivan. **Лукашэнка размаўляе па-беларуску 1.07.2014**. 1 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w50kXWUxNe8>> Acesso em 20 de junho de 2016.
- BYKOVSKII, Pavliuk. **Православная цэрковь: вне политики, но в политическом контексте**. 9 jan. 2017. Disponível em: <naviny.by/article/20170109/1483937837-pravoslavnaya-cerkov-vne-politiki-no-v-politicheskom-kontekste> Acesso em 12 de janeiro de 2017.
- CIA. **The world factbook**. 2016. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/bo.html>> Acesso em 12 de janeiro de 2016.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1. ed. 3ª Reimpressão. Editora 34, Rio de Janeiro, 2000.

DUBAVIEC, Siarhiey et al. **Vostraja Brama**. Miensk: Radio Svaboda, 2005.

EHU. **European Humanities University**. Disponível em: <<http://ehu.lt/>> Acesso em 21 de junho de 2016.

ELMS, Teresa. **Lexical Distance Among the Languages of Europe**. 4 mar. 2008. Disponível em: <<https://elms.wordpress.com/2008/03/04/lexical-distance-among-languages-of-europe/>> Acesso em: 22 de junho de 2016.

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE BELARUS. **Site da Embaixada da República de Belarus na República Federativa do Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://brazil.mfa.gov.by/pt/>> Acesso em 31 de maio de 2016.

EURORADIO. **У Беларусі правядуць дэнамінацыю, будуць новыя рублі і з'явяцца капейкі (фота)**. 4 nov. 2015. Disponível em: <<http://euroradio.fm/u-belarusi-pravyaduc-denaminacyyu-buduc-novyua-rubli-i-zyavyacca-kapeyki-fota>> Acesso em: 21 de junho de 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

G1. **União Europeia suspenderá sanções contra presidente de Belarus**. 9 set. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/10/uniao-europeia-suspendera-sancoes-contrapresidente-de-belarus.html>> Acesso em 10 de janeiro de 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: TADEU, T. T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais**. Traduções por Tomaz Tadeu da Silva. 14. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

HIEZHALA, Siarhiey. **Статут вернеца ў Беларусь? Людзі сабралі 22 мільёны за 3 дні**. 21 mai. 2012. Disponível em: <<http://nn.by/?c=ar&i=73790>> Acesso em 22 de junho de 2016.

IMDB. **Viva Belarus!** 2013. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt2723138/>> Acesso em 10 de junho de 2016.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de I. Blikstein; J. P. Paes. 19. ed. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 2003.

KRYTYKA.BY. **Храналогія Плошчы 2006 (БТ)**. 13 jul. 2012. Disponível em: <<http://krytyka.by/by/page/video/15520>> Acesso em: 05 de janeiro de 2017.

LAO-MONTES, Agustin. Decolonial Moves: Trans-locating African Diaspora Spaces. In: **Cultural Studies vol. 21**. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2007.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; Vieira, Sandra Chagas. **Manual de estilo acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**. 5. ed. Salvador: EDUFBA, 2013.

MELETÍNSKI, E. M. **Os arquétipos literários**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. Cotia: Ateliê Editorial, 1998.

NN.BY **Miron vyviesiŭ biel-čyrvona-biely sciah na haloŭnaj jalincy Viciebska + foto**. 2010. Disponível em: <<http://nn.by/?c=ar&i=33674>> Acesso em: 10 de março de 2016.

NN.BY. **Пагоня. Яна мая — першая паласа свежага нумара «Нашай Нівы»**. 24 mar. 2015. Disponível em: <<http://nn.by/?c=ar&i=146498>> Acesso em: 22 de junho de 2016.

OGLOBO. **Suspeita de fraude nas eleições provoca protestos em Belarus**. 19 dez. 2010. Disponível em: <oglobo.globo.com/mundo/suspeita-de-fraude-nas-eleicoes-provoca-protestos-em-belarus-2908046> Acesso em 31 de janeiro de 2016.

OMNIGLOT. **Belarusian**. 2016. Disponível em: <<http://www.omniglot.com/writing/belarusian.htm>> Acesso em 19 de novembro de 2016.

OYEWUMI, Oyeronke. Colonizing bodies and minds – Gender and Colonialism. In: DESAI, Gaurav, NAIR, Surpiya (orgs.). **Postcolonialisms: An anthology of cultural theory and criticism**. Piscataway: Rutgers University Press, 2005.

PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade**. Tradução de Doralice Alvez de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

PLANALTO. **EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 1, DE 17 DE OUTUBRO DE 1969**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc_anterior1988/emc01-69.htm> Acesso em 19 de dezembro de 2016.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PESNI, 2016. **Liavon Volski – Staršynia [OST Žyvie Bielarús!]**. 2016. Disponível em: <<http://mp3-pesni.net/skachat-besplatno/%D0%BB%D1%8F%D0%B2%D0%BE%D0%BD+%D0%B2%D0%BE%D0%BB%D1%8C%D1%81%D0%BA+%D1%81%D1%82%D0%B0%D1%80%D1%88%D1%8B%D0%BD%D1%8F+%5Bost+%D0%B6%D1%8B%D0%B2%D0%B5+%D0%B1%D0%B5%D0%BB%D0%B0%D1%80%D1%83%D1%81%D1%8C%5D>> Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

RAJEWSKY, Irina. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. In: DINIZ, Thais Flores Nogueira, VIEIRA, André Soares (orgs.). **Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea volume 2**. Belo Horizonte: Rona Editora, EditoraUFMG, 2012.

RADABNR. **Рада БНР**. Disponível em: <<http://www.radabnr.org/>> Acesso em 21 de junho de 2016.

RADIO SVABODA – BELARUS. **Zapis**. 20 nov. 2015. Disponível em: <https://vk.com/wall-36069860_187326> Acesso em 21 de junho de 2016.

RFERL. **Radio Free Europe / Radio Liberty**. 2014. Disponível em: <<http://www.rferl.org/content/viva-belarus-premier-es-in-washington/25168573.html>> Acesso em 3 de outubro de 2014.

RUSARCHIVES. **Соглашение о создании Содружества Независимых Государств 8 декабря 1991г.** 2015. Disponível em: <<http://www.rusarchives.ru/projects/statehood/10-12-soglashenie-sng.shtml>> Acesso em 3 de novembro de 2015.

SAHANOVICH, Hienadz. **Невядомая вайна: 1654 – 1667.** Mensk: Navuka i Technika, 1995.

SMOK, Vadzim. How Cultural NGOs Struggle for the Right to Be Belarusian. In: **Civil society in Belarus 2000-2015 Collection of texts.** Varsóvia: EEDC, 2015.

SOYUZ.BY. **Информационно-аналитический портал союзного государства.** 2013. Disponível em: <<http://www.soyuz.by/about/>> Acesso em 8 de janeiro de 2016.

SCPRB. National System of Geographic Names Transmission into Roman Alphabet in Belarus. 2007, New York. In: NINTH UNITED NATIONS CONFERENCE ON THE STANDARDIZATION OF GEOGRAPHICAL NAMES. **Writing Systems: Romanization.** Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20090824062135/http://unstats.un.org/unsd/geoinfo/9th-UNCSGN-Docs/E-CONF-98-CRP-21.pdf>> Acesso em 10 de outubro de 2016.

SVABODA. **Bielarusaŭ – 84%, ale bielaruskaja mova rodnaja tolki dlia 53%.** 8 set. 2010. Disponível em: <<http://www.svaboda.by/articleprintview/2152150.html>> Acesso em 29 de janeiro de 2016.

SVABODA. **Žyvie Bielarús pamiž realnašciu i mastackim vobrazam.** 13 mai. 2013. Disponível em: <<http://www.svaboda.org/content/zywie-bielarus-prauda-i-vydumka/24983970.html>> Acesso em 10 de janeiro de 2016.

THEGUARDIAN. **After decades of Russian dominance, Belarus begins to reclaim its language.** 28 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/jan/28/-sp-russian-belarus-reclaims-language-belarusian>> Acesso em 10 de janeiro de 2016.

TOURY, Gideon. **The nature and role of Norms in Translation.** 1995. Disponível em <http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/2011_teorias/index.htm>. Acesso em 26 de março de 2016.

UFBA. **Manual de identidade visual.** 2017. Disponível em: <<https://www.ufba.br/manual-de-identidade-visual>> Acesso em 9 de janeiro de 2017.

UOL. **Lukashenko assegura quinto mandato em Belarus.** 12 out. 2015. Disponível em: <noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2015/10/12/lukashenko-assegura-quinto-mandato-em-belarus.htm> Acesso em 10 de janeiro de 2016.

VENUTI, L. **Escândalos na tradução: por uma ética da diferença.** São Paulo: EDUSC, 2002.

VIAČORKA, Franak. **Armiejski dzioŭnik Franaka Viačorki.** 12 jun. 2009. Disponível em: <naviny.by/rubrics/society/2009/06/12/ic_articles_116_161266> Acesso em 28 de janeiro de 2016.

VIVA BELARUS!. Direção: Krzysztof Łukaszewicz. Produção: Tadeusz Drewno, Daniel Markowicz e Włodzimierz Niderhaus. Intérpretes: Dzmitry Papko; Vadim Affanasiev; Karolina Gruszka; Anatolii Kot e outros. Roteiro: Krzysztof Łukaszewicz e Franak Viačorka. Música: Liavon Vołski. Tradução e legendagem de Paterson Franco e Volha Yermalayeva Franco. Polônia: WFDIF, Canal +, Polski Instytut Sztuki Filmowej, 2012. 1 DVD (98 min.), widescreen, color.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: **A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

YERMALAYEVA, Volha. **O que é Belarus?** São Paulo, 28 fev. 2015. Disponível em: <www.cursorusso.com.br/o-que-e-belarus/> Acesso em 10 de janeiro de 2016.

ČPB. **Nie žadaju**. 18 abr. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oIMMg1VOAbA>> Acesso em 22 de dezembro de 2016.